

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO



PUC-SP
1946-2006

Antonio Charles Santiago Almeida

Conceitos Políticos na obra de Ortega y Gasset

Mestrado

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS
SOCIAIS

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Antonio Charles Santiago Almeida

Conceitos Políticos na obra de Ortega y Gasset

Mestrado
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS
SOCIAIS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências Sociais – Política, sob orientação do Prof. DSc. Miguel Wady Chaia.

SÃO PAULO

2009

Almeida, Antonio Charles Santiago.

A444 Conceitos políticos na obra de Ortega y Gasset/Antonio
Charles Santiago Almeida - São Paulo, PUC, 2009.

114 f: 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais - Política) - Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, 2009. Orientadora Prof^ª.
DSc. Miguel Wady Chaia.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Um trabalho se faz importante pela labuta cotidiana, em que parceiros, amigos e familiares estão envolvidos de forma direta ou indireta, e que parece às vezes sem sentido, mas eles estão ao lado acreditando e incentivando. Decerto que é extensa a relação de pessoas que estiveram contribuindo para que o sonho se concretizasse. Por isso, é quase impossível citá-las a todas, de sorte que alguma injustiça, por omissão, não ocorra. Entretanto, compete memorar os que estiveram tão próximos e sentiram comigo as alegrias, as dores e as dificuldades que aconteceram durante todo o processo.

Quero agradecer ao professor Miguel que, na sua paciência e delicadeza, proporcionou a relação entre filosofia e política na minha formação humana e pessoal. Ao companheiro Leandro Sardeiro, que dividia comigo a solidão de São Paulo, cidade grande e ingrata para com os filhos do Brasil. Ao meu irmão Fabrício Santiago, pela sua disposição de fazer as leituras incansáveis dos capítulos. Ao amigo, e também irmão, Marcus Vinicius, leitor assíduo de sociologia e mestre, na vida, em política. Ao meu irmão Rodrigo Santiago, que não compreendia o esforço dos estudos, mas comemorava comigo a labuta cotidiana. Aos professores Fábio Mansano e Matheus Silveira, que adicionavam o toque da sociologia e da política as minhas inquietações filosóficas. Ao professor Sávio Rosa, mentor intelectual e companheiro de filosofia. Ao camarada Arlindo Junior. Este, que, nos seus devaneios de seminário e filosofia, contribuiu de forma ímpar para que eu permanecesse nos caminhos acadêmicos. E de forma bastante especial, a minha mãe, que instigou em mim o desejo da sabedoria. Doutora em assuntos de sofrimento e vitória, soube cultivar a resistência e lutar sempre.

À minha querida esposa Valkiria, mulher, amiga e companheira, que sofreu comigo. Só ela e minhas filhas, Amanda e Ananda, sabem o quanto choramos e sorrimos para que tudo acontecesse. Por certo merece tanto quanto eu. As minhas lindas filhas, que suportaram a saudade e choraram a ausência. Luz da minha vida, elas são merecedoras também do final deste trabalho. E, por fim, a Deus. Ele que não descansou um só segundo e pelejou comigo todo o instante.

Também, a UESB e FAPESB, que contribuíram de forma definitiva para o desenvolvimento do projeto. Não poderia esquecer-me das Faculdades Integradas de Jequié – FIJ, na pessoa do professor e coordenador Jaldo Borges, como também, Djalma Palma, interlocutor filosófico. Aos funcionários da FIJ, na pessoa de Loiana Cristina.

Em março de 2009.

RESUMO

A proposta dissertativa orientou-se no sentido de compreender os conceitos políticos apresentados na obra de Ortega y Gasset. Para tanto, pretendeu-se identificá-los a partir de uma lógica própria que o autor delineia na formulação de seu pensamento político-filosófico. Simultaneamente, buscou-se a relação entre Ortega y Gasset com outros teóricos denominados de elitistas, a exemplo de Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto e, Robert Michels. Dessa forma, Intentou-se averiguar se Ortega y Gasset comungava das teorias elitistas e se o mesmo compôs o grupo de teóricos elitistas.

Nesse sentido, a dissertação está dividida em dois momentos. No primeiro, relaciona o filósofo espanhol com outros teóricos para perceber o consenso e o dissenso entre eles e, em seguida, detectar se há singularidade tessitura do pensamento orteguiano ou se Ortega y Gasset é de fato um teórico elitista. Ainda nesse momento, pretendeu situar o período em que Ortega y Gasset se encontrava e as dimensões sócio-culturais que envolveram o autor e sua postura crítica frente aos problemas que assolaram o século XX. No segundo momento, intentou-se uma análise interna da obra *A Rebelião das Massas* para estruturação e sistematização dos conceitos de “minorias” e “massas” apresentados nas obras *Meditações de Quixote* e *Espanha Invertebrada*.

Tratando-se de uma pesquisa bibliográfica, a discussão ora apresentada é fruto de um debate com vários autores que circunscreveram o tema e não o esgotaram. Por conta disso, é importante notar as contribuições de Ortega y Gasset no debate que circula a noção de política e filosofia através dos conceitos de minorias e massas.

Palavras-chave: Minorias – massas – hiperdemocracia – circunstância - liberdade

ABSTRACT

The dissertative proposal is guided in the sense of understanding the political concepts presented in the Ortega y Gasset work. For so much, it intends to identify them starting from an own logic that the author delineates in the formulation of its political-philosophical thought. Simultaneously, the relationship is looked for among Ortega y Gasset with other theoretical ones denominated of elitists, for example Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto and Robert Michels. In that way, it is attempted to analyze if Ortega y Gasset has the same elitists theories and if the same is part of the elitist theoretical group.

In that sense, the dissertation turns in two moments. In the first, it relates the Spanish philosopher with other theoretical ones to notice the consent and the discontent among them and, after, to detect if there is structural singularity of the orteguiano thought or if Ortega y Gasset is in fact a elitist theoretical. Still on that moment, it intends to find the period in that Ortega y Gasset is placed and the socio-cultural dimensions that involve the author and its critical posture about problems that happened in 20th century. In the second moment, it is attempted an internal analysis of the work, *The Masses Rebellion* for the “minorities” and “masses” concepts of the structuring and systematization presented in *the Quixote Meditations and Spineless Spain* works.

Being a bibliographical research, the discussion is grounded on a debate with several authors that referred the theme and they didn't drain it. Due to that, it is important to notice the Ortega y Gasset contributions in the debate that refer the politics notion and philosophy through the minorities and masses concepts.

Keywords: minorities - masses - hiperdemocracy - circumstance - freedom

Com sabedoria edifica-se a casa, e com a inteligência ela se firma; pelo conhecimento se encherão as câmaras de todas as substâncias preciosas deleitáveis. Um varão sábio é forte, e o varão de conhecimento consolida a força. Porque com conselhos prudentes tu farás a guerra, e há vitória na multidão dos conselheiros.

Provérbios, 24. 3-6

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
 CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E OBSERVAÇÕES POLÍTICAS NO PENSAMENTO DE ORTEGA Y GASSET	17
1.1 Excertos de história na configuração do pensamento orteguiano.....	17
1.2 Noções de política no pensamento de Ortega y Gasset.....	22
1.3 TEORIA DAS ELITES: SOCIEDADE DE MASSA X PENSAMENTO ORTEGUIANO.....	24
1.3.1 A classe dirigente em Gaetano Mosca	24
1.3.2 Vilfredo Pareto – As elites na sociedade.....	29
1.3.3 Robert Michels – análise sociológica das massas sociais.....	32
1.4 A QUESTÃO CONCEITUAL NOS ESCRITOS DE ORTEGA Y GASSET	36
1.4.1 Minorias e Massas – um novo debate conceitual.....	36
 CAPÍTULO 2 Parte I: ANÁLISE INTERNA DA OBRA A <i>REBELIÃO DAS MASSAS</i>	45
2.1 O fato das aglomerações	47
2.2 A subida do nível histórico.....	50
2.3 A altura dos tempos.....	54
2.4 O crescimento da vida	56
2.5 Um dado estatístico	59

2.6	Começa a dissecação do homem-massa	62
2.7	Vida nobre e vida vulgar, ou esforço e inércia.	65
CAPÍTULO 2 Parte II		68
2.8	Por que as massas intervêm em tudo e por que só intervêm violentamente	68
2.9	Primitivismo e Técnica	76
2.10	Primitivismo e história.....	82
2.11	A Época do “senhorzinho satisfeito”	85
2.12	A Barbárie da “especialização”	88
2.13	O maior perigo, o Estado.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		112

INTRODUÇÃO

A discussão ora proposta dedica-se a compreender a dimensão política e filosófica dos conceitos cardeais que articulam o pensamento de Ortega y Gasset, filósofo espanhol, nascido em Madrid em 9 de maio de 1883. Ademais, pretendemos apresentar, a partir da reunião entre política e filosofia, o perspectivismo político e filosófico do autor. A temática ora ensejada nos permite compreender um debate que se estrutura no seio da sociedade contemporânea, que Ortega y Gasset denomina de “império das massas”. Este império é resultado de uma sociedade que estimulou, a partir do século XIX, a participação em demasia das massas no cenário político e social.

Decerto que os dois últimos séculos foram marcados por inúmeros movimentos de massa, por isso uma parcela significativa de pensadores debruçou-se na tentativa de compreender o fenômeno social e político denominado *sociedade de massa*, oriundo, ora dos movimentos sociais, ora da participação popular. Mas tais pensadores não esgotaram a reflexão e deixaram lacunas no que diz respeito ao surgimento e à participação popular das massas.

No século XIX principia, segundo Ortega y Gasset, o advento das massas em todos os lugares da sociedade, como resultado de uma contextualização histórica resultante da contribuição de muitos fatores para o turbulento período no que concerne ascensão das massas ao poder social.

Se o século XVIII incentivara e criara mecanismos de participação popular, o século XIX deveria coibir o avanço acelerado das massas em todos os lugares da sociedade. É possível pensar que as investigações dos movimentos sociais e políticos advindos da sociedade de massa surjam justamente contra a política do século XVIII, quando vários foram os teóricos que defenderam a participação das massas no cenário político e social.

A perspectiva teórica implícita nesta discussão é precisamente a compreensão do fenômeno visual que se faz observar aos olhos da civilização ocidental contemporânea. Convém lembrar que Ortega y Gasset não restringe sua observação à questão meramente política, há também uma discussão importante que cerca a arte moderna. A obra *A Desumanização da Arte*, publicada pela primeira vez em 1925, representa o ímpeto de descaracterização do pensamento artístico e a falta de sensibilidade para com a simultaneidade entre a vida e a arte. A arte encontra-se distante do humano e, por isso, não provoca o prazer estético nos indivíduos.

A discussão em torno do aparecimento e participação das massas gira no sentido de detectar a formação de massas sociais e políticas nas sociedades modernas. Para tanto, teóricos como Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto e Robert Michels dedicaram-se a compreender esse fenômeno denominado *sociedade de massa*.

Se no século XVIII as massas foram motivadas a participar da sociedade de forma direta em termos de política, é, nos séculos XIX e XX, que elas ascendem à participação e, segundo alguns teóricos, até mesmo excedem na participação popular. Ainda assim, é possível, por meio da teoria da sociedade de massa, identificar em qualquer movimento social e político de quaisquer que sejam os regimes a dinâmica da sociedade que se encontra dividida em duas categorias: minorias e massas, ou seja, com a teoria da sociedade de massa – arraigada pela visão dualista platônica – é possível determinar os grupos e seus atores sociais e os seus respectivos papéis nas sociedades modernas e, ainda, compreender, por meio da divisão dicotômica entre minorias e massas, o sucesso ou o fracasso para o desenvolvimento e progresso das futuras civilizações – pensam os teóricos da sociedade de massa.

É evidente que a discussão da teoria da sociedade de massa é fruto de uma análise histórica, sobretudo depois da revolução burguesa ocorrida na Inglaterra no século XVIII, da Revolução Francesa e tantas revoltas populares em que eram visíveis as massas no seio do movimento. Pensadores se dedicaram a compreender o avanço das massas e sua ação na sociedade moderna, uma vez que a história apresentava o surgimento de um grupo social: a massa, que determinava as condições de mudanças em quase toda a Europa. Quer dizer, fazia-se necessário empreender um estudo sistemático em torno desse novo fenômeno para compreender a dinâmica que se fazia presente na sociedade contemporânea.

O pensador Ortega y Gasset, filósofo e político espanhol, percebe a importância da discussão sobre a sociedade de massa e retoma os conceitos, que, segundo ele, são capitais para entendimento dos problemas sociais e políticos da Espanha, a saber, minorias e massas. Contudo, ele não tipifica a divisão entre minorias e massas pelas classes sociais; sua reflexão perpassa a idéia de uma sociedade que se desvela não apenas pela questão econômica, mas se estende às questões religiosa, moral, política e cultural, pois a vida não é só economia.

Vemos uma crítica ao postulado político-filosófico de Karl Marx. Para o filósofo de Madri, a compreensão marxista de sociedade era restritiva e incompleta por não perceber a sociedade em suas implicações sociais e políticas. Por isso, acrescentava sempre nos seus textos e discursos que não era marxista e que desenvolvia sua teoria política à luz dos conceitos filosóficos e sua nova significação. É por tudo isso que Ortega y Gasset é considerado como teórico elitista e conservador e, por tratar-se de um pensador hispânico e, ainda, crítico da filosofia marxista, não goza de prestígio intelectual no meio acadêmico.

Como já dissemos, havia uma presença demasiada das massas no cenário social e político, e as teorias científicas tentavam impedir o descolamento das massas do papel de coadjuvante para o de protagonista da vida política. É nesse contexto que Ortega y Gasset divide a sociedade em duas categorias, minorias e massas, e, para isso, é necessário considerar o momento histórico em que se encontrava o autor e sua reflexão em torno do homem segundo a perspectiva histórica.

Ortega y Gasset foi um dos destaques da geração de 1914. É sabido que o pensador espanhol recebe, de forma significativa, influência dos intelectuais da geração de 1898, de forma especial, de Miguel Unamuno. Entre as reflexões dessa geração, encontra-se a crítica à política da época e à falta de desenvolvimento nas áreas de educação, saúde e cultura. Entretanto, Ortega y Gasset difere de Miguel Unamuno, sobretudo em relação à restauração da Espanha, pois, enquanto Unamuno pensava a restauração da Espanha pelo retorno às origens da civilização européia, quer dizer, uma espécie de misticismo, Ortega y Gasset achava que a Espanha deveria se perceber como parte integrante da Europa, ou seja, retomar a idéia de grandeza do povo europeu e pensar a Espanha nessa esfera de grandiosidade e nobreza.

Quando a discussão gira em torno dos conceitos de minorias e massas, o rechaço à filosofia política de Ortega y Gasset se agrava, pois quase sempre o leitor, de forma arbitrária, toma de empréstimo os conceitos marxistas de sociedade para tentar compreender o arcabouço teórico orteguiano. Isso gera prejuízo intelectual, pois não se trata de defender o pensamento de Ortega y Gasset, mas perceber a importância da política e da filosofia desse autor para a academia de um modo geral. Basta observar que a noção de política difere da de outros pensadores e pauta-se na questão filosófica.

Precisamos esclarecer que Ortega y Gasset não é um teórico elitista como os teóricos da sociedade de massa, mesmo sabendo que há uma ambigüidade no seu posicionamento, pois ora ele se define como liberal, ora esboça reações conservadoras em seus textos. Mas seu liberalismo perpassa a transitoriedade conceitual e se expressa no que vem a denominar de raciovitalismo, ou seja, a vida compreendida como razão última ou, ainda, a vida como razão histórica circunstancial.

Observamos outra forma de análise da sociedade na questão política e social: o pensador espanhol supera as posições tradicionais que se encontram arraigadas no debate acadêmico de seu tempo e propõe a vida humana como realidade radical. A vida aparece para este autor não como uma realidade pronta e definida a partir da idéia ou da realidade primeira, mas como projeto a ser construído por meio das circunstâncias – uma espécie de *vir-a-ser* constante. Não se trata de uma construção efêmera e acidental, mas de um projeto vital.

Decerto, o pensador espanhol encontra-se envolvido em sua realidade histórica e, por isso, busca compreender a sociedade segundo esta condição vital; é condição singular de cada sujeito, por meio da cultura, transformar a sociedade em um espaço dinâmico de realizações pessoais e profissionais. No reverso desta reflexão, encontra-se o homem-massa, sujeito despossuído de singularidade e sem compromisso com a sua circunstância, uma espécie de homem esvaziado de si mesmo e sem projeto de grandiosidade e nobreza.

É possível que o pensamento de Ortega y Gasset suscite novas abordagens políticas e filosóficas, semelhante ao que acontece com qualquer outro pensador de grande notoriedade, especialmente se o leitor tomar o pensamento deste filósofo independente de outros teóricos, como Karl Marx, libertando-se dos equívocos de leituras e entrevendo o que o pensador espanhol chama de perspectivismo filosófico.

Isso resultaria em benefício para o pensamento político e filosófico, pois permitiria compreender, de forma apropriada, o pensamento orteguiano.

Por essa razão, pretendemos apresentar uma leitura orteguiana dos conceitos de “minorias” e “massas”, com base na obra *A Rebelião das Massas*, e, de posse da discussão apropriada do autor, compreender a importância da análise conceitual que faz Ortega y Gasset e sua implicação como instrumento eficiente de diagnóstico da realidade política e social.

Tendo em vista a problematização conceitual apresentada, buscamos delimitar a dimensão política e filosófica em Ortega y Gasset com a pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de minorias e massas, uma vez que eles requerem um debate amplo e uma relação entre eles para que não ocorra a semelhança com os conceitos arrolados pela filosofia marxista, uma vez que vários são os teóricos que tomam a leitura de Ortega y Gasset à luz do pensamento de Karl Marx.

Para tanto, do ponto de vista metodológico, a pesquisa tomou por base uma análise interna da obra *A Rebelião das Massas*, buscando compreender alguns dos seus conceitos e a relação entre eles para obtenção do mote político-filosófico em seus escritos, já que a discussão conceitual começa na obra *As Meditações de Quixote*, perpassa pela obra *Espanha Invertebrada* e será sistematizada e concluída nos escritos *A Rebelião das Massas*. Dessa forma, pretendemos, por meio da articulação conceitual, compor uma rede explicativa da teoria político-filosófica deste autor e sua importância no debate em torno da política. Simultaneamente, ampliamos a análise interna da obra e fortalecemos, baseados em fatos históricos e em diálogos entre Ortega y Gasset e outros teóricos, a importância de pensar a independência da teoria orteguiana no cenário político.

No primeiro capítulo, fizemos uma leitura estrutural de outros teóricos que indiretamente trataram da temática ora apresentada, ou que, ainda, não dissecaram a discussão das massas. Apresentamos o debate das idéias políticas que circunscrevem o tema e o percurso pelo mesmo expediente que fez Ortega y Gasset em torno do pensamento de Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto e Robert Michels. Não é proposta desta pesquisa esgotar o debate em relação a esses autores tampouco estabelecer uma análise da história da filosofia por meio de seus teóricos. A discussão contempla os aspectos em que Ortega y Gasset se aproxima ou difere dos demais teóricos no que diz respeito à

questão conceitual de minorias e massas. Buscamos a compreensão conceitual de minoria e massa, no pensamento de Ortega y Gasset, e o que ele denomina homem-massa e homem-minoria nestas respectivas categorias. Dessa forma, anterior à compreensão conceitual mencionada, situamos o pensamento de Ortega y Gasset no debate da teoria da sociedade de massa e sua importância na elaboração de uma teoria política e social no universo acadêmico.

No segundo capítulo, nos dedicamos à leitura interna da obra *A Rebelião das Massas* e, para melhor encadear a estruturação da análise interna da obra, o dividimos, por uma questão metodológica e estética, em duas partes. Este capítulo estrutura o pensamento político e filosófico do autor, uma vez que a obra fora publicada primeiramente em jornais em forma de artigo a partir de 1926 e, só em 1930, Ortega y Gasset reúne e seleciona os mais importantes textos e os publica em forma de livro com o título *A Rebelião das Massas*. Estabelecemos um percurso historiográfico na medida em que foi necessário para elucidar o tema e buscamos a reflexão da questão conceitual, discussão proposta nas obras *As Meditações de Quixote*, *Espanha Invertebrada* e, por fim, *A Rebelião das Massas*. Esta última denuncia o império das massas e aponta a presença alarmante de uma espécie de homem que se desindividualizou e perdeu a condição singular de sujeito na esfera política. Como a obra é dividida em duas partes, fizemos a análise da primeira parte, que é denominada *A Rebelião das Massas*, e, a segunda parte, denominada *Quem manda no mundo?*, não será analisada de forma estrutural. Acreditamos que a primeira parte abarca, de forma satisfatória, a discussão desejada, já que a segunda parte da obra oferece um questionamento e por isso recapitula a discussão inicial para tentar apresentar o domínio do homem-massa na sociedade moderna. Nessa perspectiva o autor faz a denúncia do julgo imposto ao mundo pelo homem-massa.

Nas considerações finais, apresentamos os excertos que proporcionam uma contribuição para a nossa empreitada e um debate que cercou a temática. Poderíamos acrescentar um novo capítulo e oferecer considerações pertinentes em torno da democracia e suas implicações para formação e desenvolvimento das massas urbanas. No entanto, a discussão que seria proposta nesse novo capítulo foi dirimida na análise interna da obra, por isso, temendo a exaustividade da redação fechamos a discussão em três momentos que, certamente, darão conta da proposta ora discutida.

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E OBSERVAÇÕES POLÍTICAS NO PENSAMENTO DE ORTEGA Y GASSET

1.1 Excertos de história na configuração do pensamento orteguiano.

José Ortega y Gasset nasceu no dia 9 de maio de 1883 em Madrid, Espanha, e morreu em seu país e na mesma cidade no dia 18 de outubro de 1955. Este pensador espanhol destacou-se como grande intelectual de sua época e promoveu uma nova compreensão de política e filosofia na Espanha e, por conseguinte, na Europa. Julián Marías¹, pensador, também, espanhol, adverte, em sua obra *História da Filosofia*, que o pensamento orteguiano não se reduz à circunstância espanhola, pelo contrário, invade a Europa e promove um debate em torno da política e da filosofia. Ainda segundo Julián Marías, a ação filosófica de Ortega y Gasset fez com que florescesse uma nova escola de filosofia em Madrid à qual estão vinculados grandes nomes do pensamento espanhol, entre os quais se destacam Manoel García Morente e José Ferrater Mora.

Ortega y Gasset era filho de família tradicional e desde a infância recebera uma educação especial, por isso, logo cedo, tomou contato com a cultura clássica. Aos 15 anos de idade, assistiu ao apogeu da geração de 1898², que, entre outras coisas, refletia sobre as crises sociais e políticas de sua época. De 1898 a 1902, cursou Licenciatura em Filosofia e Letras na Universidade de Madrid e se doutorou em 1904 com a tese *Os terrores do ano mil*.

Em 1902 Ortega y Gasset inicia sua atividade de escritor. Sua colaboração em jornais e revistas da época e suas conferências e livros provocam um furor na sociedade espanhola, embora tenha iniciado seu expediente com base nas investigações da geração de 1898. Decerto que Ortega y Gasset procurou compreender a sociedade espanhola

¹ Julián Marías, filósofo espanhol, nasceu em 1914 e morreu em 2005. Fundou, juntamente com Ortega y Gasset, o Instituto de Humanidades em 1948 onde ministrava cursos e colóquios.

² Movimento literário, ideológico e político surgido na Espanha, após a Guerra com os Estados Unidos e, também, após a perda das últimas colônias (Cuba, Porto Rico e Filipinas). Defendia a europeização da Espanha e a renovação dos valores culturais ibéricos.

conforme as circunstâncias históricas e culturais que motivaram a geração de sua época. A maior influência vem de Dom Miguel Unamuno, um dos expoentes deste movimento de significação histórica e literária. Ortega y Gasset construiu suas próprias investigações e enveredou, de forma singular, pelo percurso da filosofia e da política de acordo com realidade histórica e cultural de seu país como intelectual da Geração de 1914³.

Entretanto, não ficou indiferente às discussões filosóficas de seu tempo, pelo contrário, as superou e lhes imprimiu um caráter particular, com o abandono do idealismo germânico que aprendera nas lições com os neokantianos – período que ficara na Alemanha fazendo filosofia com Paul Natorp e outros pensadores de grande notoriedade. A contribuição filosófica que acrescentara ao universo acadêmico fora justamente o raciovitalismo⁴ – vida como razão última –, segundo a qual, a realidade não possui vida independente do homem, o que existe, segundo o autor, é justamente uma simultaneidade do homem com a realidade circunstancial.

Esta vida como razão última distancia-se do realismo e do idealismo acadêmico, que eram temas recorrentes e capitais no século XIX. A nova abordagem orteguiana propõe a superação dessas formas de análises e acrescenta a vida como projeto vital, ou seja, não se pode falar de realidade ou mesmo de idéia se não observarmos a vida como algo que deve ser construída com base na liberdade do indivíduo nas suas circunstâncias. Esta alternativa de superação instituiu sérias crises na sociedade, pois a discussão girava em torno da razão iluminista e, de repente, a proposta seria subordinar

³ Geração subseqüente à de 1898 e que teve como expoente o pensador Ortega y Gasset que, entre outras coisas, contestava o arcabouço teórico de Miguel de Unamuno. Para este pensador, era preciso retomar o misticismo e fortalecer a cultura espanhola por meio do retorno aos ensinamentos dos antepassados. Já para Ortega y Gasset, fazia-se necessário igualar a Espanha à cultura européia e fortalecer a ciência a partir da educação das massas e formar uma classe dirigente de intelectuais. Esta geração, de caráter nacionalista e liberal, pretendia por meio da educação criar novas perspectivas de política com base na compreensão da cultura e de sua realidade circunstancial.

⁴ A vida como razão última. Viver significa desafiar os problemas cotidianos e construir possibilidades de melhoramento da vida humana. Não se trata de um receituário para viver bem, mas de uma compreensão dinâmica em que a vida é a representação do trágico e do cômico, ou seja, a vida é um drama e viver é correr os riscos a cada instante. José Maurício de Carvalho, na obra *Introdução à Razão Vital* de Ortega y Gasset, adverte que: “Três são as formas pelas quais se manifestam o vitalismo no universo filosófico: subordinando a teoria do conhecimento a leis que regem o mundo orgânico, como ocorre no empirismo crítico de Richard Avenarius (1843 – 1896); diminuindo o papel da razão na interpretação da realidade em favor de uma intuição fundamental, conforme proclamou Henri Bergson (1859 – 1941); e situando a vida no centro da investigação. Apenas nesse terceiro sentido, pode-se dizer que a metafísica orteguiana possuiu uma dimensão vitalista” (2002:50-51) Mas Ortega y Gasset acrescenta que o vitalismo é expressão última da vida como razão fundamental para o desenvolvimento da pessoa humana.

a razão à vitalidade, pois a realidade não tem vida própria sem a presença do homem na condição de ser circunstancial.

Observando a sociedade de outra maneira, parece haver um rompimento com toda tradição ocidental. Isto é, agora é perceptível, segundo Ortega y Gasset, uma filosofia que sujeita à razão a vida humana e, por isso, a razão torna-se refém da vitalidade. Esta epistemologia desagrade os intelectuais de seu tempo, que não conseguiam conceber o conhecimento fora do prisma realista e idealista. No entanto a discussão se orienta pela história. Quer dizer, a história é o firme fundamento da vida humana. Por certo que, para Ortega y Gasset, o homem não tem natureza, mas história. Não significa apenas que a historicidade do homem se dê no aparecer e desaparecer no tempo e do tempo, pois assim também são os animais. A questão é que, tanto o homem, quanto o tempo, segundo este filósofo, são históricos. Isto é, o homem, no decorrer da história, edifica sua vida biográfica e circunstancial.

No limite da discussão, observamos que o presente é resultado do passado e que o futuro será reflexo do presente. O que a sociedade assiste hoje é um projeto, do passado, que os antepassados desenharam. Assim assegura Ortega y Gasset: “a humanidade não é uma espécie, mas uma tradição; o modo de ser do homem é distinto do de uma pedra, planta, animal e Deus, porque é ser em uma tradição”⁵. Reside nesta reflexão o conservadorismo orteguiano. A proposta é observar as tradições que o cercam para posteriormente delinear a noção de sociedade, a partir do passado, que se quer construir no presente e futuro.

Vista dessa forma, pode parecer equivocada a noção de história esboçada no pensamento de Ortega y Gasset, caso o leitor tome o pensamento deste autor sem a consideração com os seus conceitos. Quando trata da história, o faz por meio da vida humana, que se movimenta na circunstância independente da luta de classes. A questão, segundo ele, é de percepção, ou seja, a história é uma construção humana que supera as questões sociais e políticas como determinantes dos fatos históricos.

A idéia de história, segundo o autor, possibilita repensar o homem segundo a sua circunstância. O homem que compreende o processo histórico e interfere, com base no passado, no presente, delinea outra sociedade capaz de enfrentar os problemas que a própria sociedade reclama. É possível que esta abordagem orteguiana seja de início uma

⁵ ORTEGA Y GASSET, *Paisage de Generaciones*. O.C. v. VIII, 2, p. 658-659. (Tradução nossa).

crítica aos intelectuais de seu tempo e, de forma especial, aos que se consideravam liberais. Quer dizer, a noção de liberalismo não estava associada à questão nacional e, por isso, o autor os denomina de velhos liberais. Ainda segundo Ortega y Gasset, esta concepção de liberalismo espanhol, oriundo do espírito iluminista, despertou⁶ na cultura europeia o homem-massa de seu sono letárgico. Sabendo que o homem-massa sempre existiu, a cultura espanhola, por meio do nivelamento, iguala todos os indivíduos e traz ao centro do cenário público da sociedade moderna o homem-massa e seus desejos toscos.

Ainda em relação à questão da história, Ortega y Gasset recorre à análise da história romana para estabelecer o que o pensador espanhol chama de “princípio de incorporação”. O modelo romano constituiu-se um ajuntamento de moradas, ou, ainda, um modo de vida comum dos romanos. Assim também pretende Ortega y Gasset – um projeto comum de sociedade onde todos possam se envolver e desenvolver um país, a Espanha, que se encontrava fora do processo de desenvolvimento em que vivia a Europa. A perspectiva orteguiana é norteadora de um projeto de futuro, que, no presente, deve, por meio da união das pessoas, fomentar um programa para o amanhã espanhol.

Segundo Ortega y Gasset, a história espanhola até Felipe II é uma história incorporativa, pois havia no espírito espanhol um desejo de unificação e crescimento dos espaços da Espanha e, a partir de 1580 até 1921, dá-se justamente o contrário, ocorre uma história de desintegração e decadência, com acontecimentos alarmantes para o povo espanhol: assiste-se à perda dos países baixos, do Milanesado e de Nápoles. No início do século XIX, perdem-se as grandes províncias ultramarinas e as colônias menores da América e do Oriente. Tudo isso concorre para o esfacelamento da cultura espanhola e a desarticulação política e social de seu povo.

No bojo destas circunstâncias é que Ortega y Gasset formula e postula sua teoria política e social. Sua trajetória intelectual começa como um dos destaques de uma geração que é denominada de 1914, que, por sua vez, se opõe à geração de 1898. O lema daqueles intelectuais, dos quais se destaca Ortega y Gasset, era: “Nacionalização e liberalismo”. Na geração de 1914, encontrava-se uma gama de intelectuais preocupados

⁶ Para Ortega y Gasset, o homem-massa sempre existiu, mas este compreendia o seu papel social, isto é, não interferia na vida pública. Mas na contemporaneidade ele apareceu e, de forma violenta, destrói as diferenças, desrespeita as minorias dirigentes e toma os lugares preferenciais da aristocracia autêntica.

em defender uma nova postura de liberalismo e democracia e, para quem, os intelectuais que compunham a política restauracionista, também denominados de velhos liberais⁷, não poderiam dar conta de atender às demandas da sociedade espanhola. Deste modo, a proposta era fortalecer o pensamento nacional e, a partir da cultura, pensar uma nova modalidade de liberalismo espanhol.

Para Ortega y Gasset, pensador de formação aristocrática, o seu liberalismo diferia do dos demais, na medida em que não poderia pautar-se nas classes sociais; o desejo do filósofo espanhol era a construção de uma sociedade em que os indivíduos tivessem liberdade de construir uma Espanha livre e independente. Mas tal empreitada não era tão fácil assim, pois parte significativa dos espanhóis estava despreocupada ou, ainda, invertebrada⁸ para com o nacionalismo espanhol. É nesse contexto que Ortega y Gasset denuncia a presença do homem-massa:

(...) um homem feito de pressa, montado simplesmente sobre poucas e pobres abstrações e que, por isso, é idêntico de um extremo ao outro da Europa. A ele se deve o triste aspecto de asfixiante monotonia que a vida vai tomando em todo o continente. Esse homem-massa é o homem previamente esvaziado de sua própria história, sem entranhas de passado e, por isso mesmo, dócil a todas as disciplinas chamadas irracionais. (ORTEGA Y GASSET. 1987.p, 14)

Este não é o operário, também não é o homem simples do cotidiano, mas pode ser tudo isso e ainda o intelectual do antigo liberalismo, pois não percebe a urgência de pensar uma Espanha diferente e capaz de contemplar o progresso de seus filhos e filhas. É nesta perspectiva que o filósofo espanhol articula seu pensamento e estende suas reflexões à Espanha e, conseqüentemente, à Europa. Assegura uma abordagem de liberalismo que nasce da necessidade de fortalecer o nacionalismo no seio do povo espanhol.

Diante das questões arroladas, procuramos pensar o paradoxo do pensamento orteguiano: de um lado, o liberalismo e, do outro, o conservadorismo. Se tomarmos como conceito obrigatório para compreensão do liberalismo – o nacionalismo –,

⁷ Os intelectuais que pensavam a realidade espanhola e preteriam a política estavam envolvidos numa proposta de restaurar a Espanha a partir do que consideravam liberalismo, mas não postulavam uma modalidade de liberdade associada à questão nacional. E ainda, o desejo era de restauração e ao de transformação. Por isso, são denominados de antigos liberais.

⁸ Invertebração é a condição do povo que vive de forma desordenada a questão moral, cultural e política. Ortega y Gasset utiliza este conceito para apresentar a formação cultural dos espanhóis que, na contemporaneidade, resolveram se rebelar contra sua própria história cultural.

veremos um Ortega y Gasset defensor da Espanha vital em oposição à Espanha real. Para tanto, sua discussão se orienta por uma postura radicada no homem e sua circunstância. Por isso, defende a liberdade a partir do espaço nacional e de um projeto vinculado à mudança da nação espanhola. Este liberalismo encontra-se distante da questão econômica e vincula-se à questão cultural.

1.2 Noções de política no pensamento de Ortega y Gasset

Ortega y Gasset não era um militante político, embora em vários artigos e conferências aparecerem reflexões em torno da política. Entretanto, é na obra *A Rebelião das Massas* que o autor discute o que considera capital na vida política: a rebelião das massas contra as minorias seletas. Inicialmente escrita, a partir de 1926, em forma de artigos para um jornal madrileno, em 1930, o autor seleciona os textos que considera importantes e publica a obra *A Rebelião das Massas*, uma espécie de resgate teórico no que concerne à vida política. Os artigos se orientam pela análise da presença ostensiva das massas no cenário urbano da Espanha e também da Europa. Segundo o pensador Julián Marías, quando a obra fora publicada em inglês, o jornal *Atlantic Monthly* anunciou aos seus leitores: “O que o *Contrato Social* de Rousseau foi para o século XVIII e *O Capital* de Karl Marx para o século XIX, deverá ser *A Rebelião das Massas* do senhor Ortega y Gasset para o século XX”⁹.

No debate em torno da política, Ortega y Gasset, no primeiro capítulo, compreende a sociedade segundo duas categorias: minorias e massas e acrescenta que não se trata de uma divisão de classes sociais, mas de categorias de homens. Tais conceitos apresentam-se com maior dificuldade de compreensão por parte dos leitores que os tomam quase sempre numa perspectiva marxista. Asseverou Julián Marías: “O pensamento de Ortega y Gasset é sistemático, embora seus escritos não sejam; eu comparo a um iceberg, e que só é visível a décima parte e a outra só é possível enxergá-lo mergulhando fundo”¹⁰.

Julián Marías advoga em favor de outro argumento, segundo o qual é preciso um aprofundamento das leituras de Ortega y Gasset, pois suas análises carecem de uma observação histórica e cultural em que se encontrava o autor. Também os conceitos de

⁹ MARÍAS, J. *Acerca de Ortega*, 1991. p. 220. (tradução nossa)

¹⁰ *Ibidem*, p. 222. (tradução nossa)

minorias e massas não podem ser tomados na mesma perspectiva que tomou Karl Marx quando observou a história e identificou a divisão social entre burgueses e proletários conforme a relação de produção que se delineava no seio da sociedade industrial¹¹. Ortega y Gasset utiliza tais conceitos para definir tipos humanos que se associam nas diferentes esferas da sociedade. Logo, eles traçam discussões totalmente distintas e, por isso, não pode ser pensado à luz da discussão marxista.

A importância de compreender os conceitos de “minorias” e “massas” é para esclarecer que o pensador espanhol não era marxista e, também, para apontar uma visão dinâmica no que diz respeito à conceituação política e filosófica nos escritos orteguianos e sua relevância para o desenvolvimento da reflexão cultural da sociedade contemporânea.

A discussão gira em torno do fenômeno que é perceptível aos olhos humanos e que é tema recorrente nos séculos XIX e XX, por isso afirma Ortega y Gasset: “As cidades estão cheias de gente. As casas, cheias de inquilinos. Os hotéis, cheios de hóspedes. Os trens, cheios de passageiros”.¹² O pensador espanhol observa a presença da massa na sociedade e denuncia a compleição desordenada de um público não qualificado para participar das praças e lugares preferenciais de um grupo específico. Para os pensadores da teoria elitista, a exemplo de Gustave Le Bon, o inchaço social é oriundo de uma massa amorfa que, sem qualquer condição de participação, resolveu interferir na realidade circunstancial de forma violenta e arbitrária¹³.

Para discutir a noção de massa, Ortega y Gasset subverte a ordem conceitual e acrescenta um novo entendimento para o conceito de massa e para o de minoria. Contudo não significa que o autor espanhol faça a discussão de forma inovadora, pois na sua juventude assistiu no meio intelectual ao debate da teoria da sociedade de massa. Consideramos que Ortega y Gasset segue, no primeiro momento, o expediente dos teóricos elitistas conhecidos como teóricos da sociedade de massa.

¹¹ Cf. MARX e ENGELS, *O Manifesto do Partido Comunista*. 1986.

¹² ORTEGA Y GASSET, *A Rebelião das Massas*, 2002. p, 43.

¹³ Cf. LE BON, Gustave, *Psicologia das Multidões*. 1980.

1.3 TEORIA DAS ELITES: SOCIEDADE DE MASSA X PENSAMENTO ORTEGUIANO.

1.3.1 A classe dirigente em Gaetano Mosca

Gaetano Mosca (1858 -1941), pensador italiano, autor de várias obras, dentre as quais se destaca *A Classe Dirigente*, publicada em 1896, foi um teórico elitista, que compreendeu a sociedade por meio de duas classes, a saber: classe dirigente e classe dirigida. Uma espécie de lei natural, isto é, uma observação histórica em que se evidenciam, desde os primórdios, uma minoria que governa e a maioria que é governada. Na perspectiva do autor, a divisão é natural e se faz sentir ao longo da história, pois sempre existiu uma classe para dirigir e outra para ser dirigida na sociedade. A tal respeito, escreve esse pensador: “em todas as sociedades – desde as parcamente desenvolvidas, que mal atingiram os primórdios da civilização, até as mais avançadas e poderosas – aparecem duas classes de pessoas: uma classe que dirige e outra que é dirigida”.¹⁴

A discussão basilar é a permanência dessa configuração entre governantes e governados, em que os governantes serão sempre a minoria – conjunto de indivíduo de capacidade intelectual, moral ou mesmo hereditária das aristocracias. Sobre isso, Gaetano Mosca afirma: “Sabemos que em nosso país, qualquer que seja ele, a direção dos interesses públicos está em mãos de uma minoria de pessoas influentes, direção essa à qual, voluntária ou involuntariamente, a maioria se submete”¹⁵. Porém, não é verdade que, para Gaetano Mosca, a minoria é sempre herdeira da aristocracia, pois existem outros elementos que compõem a classe dirigente. Segundo o autor, ainda que a própria história tenha demonstrado que as minorias advêm da hereditariedade, não é correto sustentar que se trata de uma realidade imutável. Isso porque é comum em qualquer movimento a organização de uma classe dirigente que não necessariamente tenha um vínculo com a aristocracia hereditária, pelo contrário, a classe dirigente se constitui com a organização. Nessa perspectiva afirma o pensador italiano:

¹⁴ MOSCA, *A Classe Dirigente*. In: vários, *Sociologia Política*, 1966. p, 51.

¹⁵ *Ibidem*, p. 51

Finalmente, se tivéssemos de sustentar a idéia dos que afirmam que a influência do princípio de hereditariedade na formação das classes dirigentes é única e exclusiva, seríamos levados a uma conclusão parecida com a que fomos levados pelo princípio evolucionário: a história política da humanidade deveria ser bem mais simples do que é. Se a classe dirigente realmente pertencesse a uma raça diferente, ou se as qualidades que a habilitam ao domínio fossem transmitidas primordialmente por hereditariedade orgânica, é difícil ver como, uma vez formada, a classe poderia declinar ou perder o poder. (GAETANO MOSCA, 1966:67)

Portanto, a idéia de uma classe dirigente é tão presente para Gaetano Mosca que, segundo ele, mesmo que a massa resolva, por meio de uma rebelião ou revolução, tomar o poder, haverá, dentro da massa, a formação de uma minoria para dirigir a sociedade, pois é impossível que não exista uma minoria na condução de qualquer organização humana. A esse respeito afirma o pensador: “(...), supondo que o descontentamento das massas conseguisse depor uma classe dirigente, inevitavelmente, como mostraremos mais adiante, seria necessária outra minoria organizada no seio das massas para executar as funções de uma classe dirigente”.¹⁶ A discussão ora apresentada possibilita a divisão da sociedade, bem como a necessidade de uma minoria, para assegurar os destinos da sociedade, e esta, independente da hereditariedade, configura-se por meio da organização de indivíduos que precisam comandar a sociedade.

A tese da *classe dirigente* sustentada pelo autor corrobora uma divisão entre os que governam, a minoria, e os governados, as massas, para o bom funcionamento da sociedade. Segundo o autor, nunca, na história da humanidade, houve uma sociedade que não estivesse dividida entre a minoria que dirige e a massa que obedece. Esta é a lei que rege a humanidade. Porém, ainda que tenha sido a teoria em discussão no momento de formação intelectual de Ortega y Gasset, este, no que diz respeito à configuração da minoria como classe dirigente, não corresponde à leitura de Gaetano Mosca, pois a sociedade, segundo o autor espanhol, não é governada pelas minorias, pelo contrário, a massa na contemporaneidade é que conduz e determina os destinos da sociedade. Para Gaetano Mosca, a discussão é sempre política, quer dizer, de um lado, uma classe que manda e dirige os destinos da humanidade e, do outro, a que obedece; e a questão do mando encontra-se diretamente associada à questão social e econômica.

¹⁶ *Ibidem.* p, 53.

A influência do pensador italiano se evidencia no pensamento de Ortega y Gasset quando se trata de compreender o fenômeno visual, conceito muito usado pelo pensador espanhol, que se fazia presente na sociedade contemporânea – as massas. As observações que fazem os teóricos mencionados partem da realidade histórica do momento, mas ambos buscaram a fundamentação de suas teorias na própria história. Quer dizer, observaram o passado e buscaram identificar a participação das massas no processo político ao longo dos tempos.

Para Gaetano Mosca, a massa tem um papel bem definido – obedecer e legitimar uma minoria que nascera para o mando – mesmo havendo mudança conceitual do que se entende por minoria ou elite no processo de direção da sociedade. Para esse pensador italiano, é notória a obediência das massas desde as primeiras civilizações. Já para Ortega y Gasset, as massas, no passado, obedeciam e sabiam de seu lugar na sociedade, a saber, não participar de nada que era importante e seletivo às minorias. Mas na contemporaneidade, houve uma variação histórica e o que se percebe é precisamente uma rebelião das massas, uma espécie de homem gregário que resolveu aparecer e comandar a sociedade. A alusão ao fenômeno que o pensador espanhol chama de *cheio* ou *aglomerado* é a demasia da multidão despossuída de singularidade. Nesse entendimento afirma o autor:

(...) de repente a multidão tornou-se visível, instalou-se nos lugares preferenciais da sociedade. Antes, se existia, passava despercebida, ocupava o fundo do cenário social; agora antecipou-se às baterias, tornou-se o personagem principal. Já não há protagonista: só há coro. (ORTEGA Y GASSET, 1987. p, 43)

Contudo, faz-se necessário observar o dissenso entre os teóricos, no que diz respeito aos conceitos que cercam as suas teorias, uma vez que eles se diferem à medida que vão discorrendo e esboçando seu pensamento. Em relação à questão das massas, mesmo que os argumentos de Gaetano Mosca tenham influenciado a formação intelectual de Ortega y Gasset, o filósofo espanhol retoma o conceito com base no que ele chama de qualitativo e não mais quantitativo. Isto é, a massa é o conjunto de indivíduos que se encontra no mundo sem condição de pensar a sua realidade circunstancial por meio de sua própria singularidade. Para Gaetano Mosca, a massa é o conjunto de indivíduos desqualificados intelectualmente e desprovidos de poder na sociedade e que, por isso, servem apenas para legitimar o exercício da classe dirigente de forma pacífica e harmônica – pois esta é a sua natureza.

Outro ponto de dissenso entre esses teóricos se apresenta na medida em que compreendem o surgimento e a formação das minorias: para Gaetano Mosca, a minoria está diretamente associada à riqueza, pois riqueza produz poder. Assim, ele compreende a minoria como a classe abastada da sociedade que detém o monopólio da produção econômica, cultural e política. Mesmo que, no passado, o domínio e a predominância de uma classe sobre outra tenham ocorrido pelo uso da violência ou coisa do gênero, hoje, o domínio que uma minoria exerce e dirige a sociedade se faz por meio da riqueza. Nessa perspectiva, assegura Gaetano Mosca: “A riqueza, e não o valor militar vem a ser a função característica da classe dominante: as pessoas que dirigem são os ricos e não mais os bravos”¹⁷. A minoria¹⁸ é definida pelo autor como a classe que dirige a sociedade.

Além disso, nunca houve ou mesmo haverá um governo de massa, pois sempre existirá a constituição de uma minoria preparada para exercer a direção da sociedade – pensa Gaetano Mosca. Cabe notar, todavia, que mesmo havendo a influência do debate em torno da história das idéias deste autor na elaboração teórica de Ortega y Gasset, é possível perceber o seu distanciamento para com a teoria elitista esboçada por Gaetano Mosca, quando o filósofo espanhol não pensa a condição de massa associada diretamente a uma questão de natureza.

A discussão se orienta pelo aparecimento desordenado das massas no cenário político e social, isto é, o que se observa na contemporaneidade é “(...) o advento das massas ao pleno poderio social”¹⁹. Quer dizer, para Ortega y Gasset, as massas se constituem num fenômeno contemporâneo, ou mesmo moderno, e não algo trans-histórico. Esse conceito orteguiano distancia-se da concepção de Gaetano Mosca e permite pensar a compreensão política do século XX e, também, perceber que o elitismo do pensador espanhol é mediado por uma crítica ao desordenamento que a vida

¹⁷ *Ibidem*, p. 59.

¹⁸ A idéia de minoria é associada à direção da sociedade, ou seja, só é possível o desenvolvimento de uma sociedade por meio de uma minoria que se configura segundo o autor: “No entanto, além da grande vantagem decorrente do fato de serem organizadas, as minorias dirigentes são usualmente constituídas de tal maneira que os indivíduos que a constituem conferem certa superioridade material, intelectual e mesmo moral; ou então são herdeiros de indivíduos que possuíram tais qualidades. Em outras palavras, os membros de uma minoria sempre possuem um atributo, real ou aparente, que é altamente valorizado e de muita influência na sociedade em que vivem”. (MOSCA, 1966:55). Aqui é visível uma diferença capital entre Gaetano Mosca e Ortega y Gasset: para aquele, a minoria é quem dirige a sociedade, já para este, a minoria deveria dirigir a sociedade, mas quem assume a direção da sociedade é justamente a massa que se rebelara contra a minoria.

¹⁹ ORTEGA Y GASSET, *A Rebelião das Massas*, 1987. p, 41.

moderna cria em termos políticos, levando, por exemplo, ao fenômeno da massa tanto da direita fascista, quanto da esquerda leninista com a noção de ditadura do proletariado.

Vê-se que a discussão apresentada anteriormente origina-se de uma observação, também, histórica e visual. Ortega y Gasset difere de Gaetano Mosca, no que diz respeito às classes dirigentes ou minorias, quanto a sua formação que, segundo o espanhol, não se configura pela riqueza. Quer dizer, ainda que os ricos estejam no seio da minoria, não significa que eles sejam a representação ideal desta categoria, uma vez que riqueza também é condição de massa, na medida em que esta não produz vitalidade nos indivíduos a ponto de transvalorar²⁰ as condições materiais em perspectivas de vida finita e histórica. O expediente que Ortega y Gasset percorre é conceitual, político e sociológico, já apresentado anteriormente, e, por isso, sua contribuição e inovação fazem-se justamente pelo caráter de singularidade e vitalidade que deve assumir cada indivíduo na passagem²¹ da massa à minoria.

A discussão, ora ensejada, não é solipsista, pois Gaetano Mosca elaborou análise histórica para discorrer, ao longo dos tempos, sobre a divisão da sociedade em duas classes já mencionadas. Ademais, o autor estuda como se constroem as minorias e, para isso, faz um passeio entre as questões da religião, da hereditariedade e até das lutas militares para apontar como a riqueza, na sociedade moderna, configura-se como fonte de poder e dominação das massas, a verdadeira constituição das minorias.

A inclusão desse pensador, expoente do pensamento político do século XIX, neste debate é para que se perceba sua influência e motivação na elaboração intelectual de Ortega y Gasset, ainda que este efetue uma leitura diferenciada do que Gaetano Mosca denomina de *classe dirigente*. Todavia, mesmo com o deslocamento conceitual que faz Ortega y Gasset, é necessário que se considere que ele partiu, a priori, da reflexão que faziam os teóricos da sociedade de massa.

²⁰ Esse conceito é utilizado pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844) para demonstrar como é possível a destruição, a inversão e a criação de novos valores. Ortega y Gasset segue o mesmo expediente na medida em que discute a mudança de perspectiva de sociedade por meio do homem especial.

²¹ Há uma mobilidade social e política na teoria de Ortega y Gasset. As massas não são de natureza e por isso elas podem deixar de ser massa a qualquer instante. Como se trata de uma questão cultural, a massa, esforçando-se, pode ser minoria dirigente. O debate é que, para ser minoria dirigente, não para participar da sociedade, mas compreender a participação e fazer uso disso em nome de um projeto coletivo que é denominado de Espanha.

1.3.2 Vilfredo Pareto – As elites na sociedade

Vilfredo Pareto nasceu em 15 de julho de 1848 na França, onde morreu em 19 de agosto de 1923. A sua família era tradicional e possuía, desde o século XVIII, título de nobreza. O pai de Vilfredo Pareto fora exilado na França, onde se casou com Marie Méténier e teve o primeiro filho de nome Vilfredo Pareto. Em 1867, a família Pareto retornou à Itália e o filho, ainda jovem, concluiu seus estudos secundários e iniciou sua atividade intelectual.

Vilfredo Pareto é classificado como teórico elitista e expoente da teoria da sociedade de massa. Segundo ele, a sociedade é dividida em duas classes sociais: de um lado, a elite e, do outro, a massa. Nesse sentido afirma o pensador italiano: “Quer certos teóricos gostem ou não, o fato é que a sociedade humana não é homogênea, que os indivíduos são física, moral e intelectualmente diferentes²²”.

De acordo com essa reflexão, os homens não são iguais e, por isso, precisam e devem se organizar de forma diferente. Para este teórico é de fundamental importância que se tome a sociedade como um complexo sociológico de diversas faces e que, portanto, para compreensão da questão social e política é necessário pensar a categoria dos que mandam e a dos que obedecem na sociedade moderna. Esta relação, segundo o autor, é natural. E por isso não se pode postular a sociedade como deveria ser, mas, antes de tudo, como de fato é a própria sociedade e sua divisão social. Nesse sentido, adverte Vilfredo Pareto:

O mínimo que podemos fazer é dividir a sociedade em dois estratos – um estrato superior, que usualmente contém os dirigentes, e um estrato inferior, que usualmente contém os dirigidos. Esse fato é tão óbvio que sempre se fez presente nas observações mais superficiais, acontecendo o mesmo com a circulação dos indivíduos entre os dois estratos. (VILFREDO PARETO, 1960: 76)

Ortega y Gasset segue o mesmo caminho de Vilfredo Pareto e não aceita que se tome como verdade absoluta a igualdade dos indivíduos, mesmo porque eles são, pela sua própria formação humana, diferentes. O problema é que, segundo o pensador espanhol, desde a revolução francesa, os intelectuais liberais defendem o nivelamento dos indivíduos de acordo com a noção de igualdade e liberdade. Com isso, perdem-se a singularidade e a particularidade de cada indivíduo na formação de sua história

²² PARETO, *As elites e o uso da força na sociedade*. In: vários, *Sociologia Política*, 1966. p, 71.

circunstancial, bem como a constituição de uma sociedade nobre por meio do esforço contínuo de cada sujeito.

Com relação à divisão da sociedade, Ortega y Gasset pensa segundo a compreensão cultural e, assim, coloca de um lado as massas, e do outro, as minorias. Já para Vilfredo Pareto, a elite se divide em duas categorias, a saber: elite governante²³ e elite não governante²⁴. E quando este autor trata de elite, ele se refere a uma classe que manda e dirige a sociedade. Esta é que determina as forças de produção e dominação da própria sociedade. E o que resta desta divisão é justamente, segundo Vilfredo Pareto, um extrato inferior de sociedade, o que hoje se pode chamar, baseado na divisão proposta pelo pensador italiano, de massa social.

Pode-se afirmar, sem os contrastes teóricos, que há uma mobilidade nas elites em Vilfredo Pareto, uma circulação de elites. Nesta perspectiva, afirma o autor: “As aristocracias não perduram por muito tempo. Quaisquer que sejam as causas, é um fato incontestável que depois de certo tempo elas morrem. A história é um cemitério de aristocracias”²⁵. Mas a mobilidade não é social, pois o extrato inferior da sociedade não pode formar uma elite. O que ocorre segundo este pensador é justamente uma circulação de aristocracias. Mas a sociedade sempre viveu e viverá sob o comando de uma aristocracia. As observações de Vilfredo Pareto partem de uma análise histórica. Para este autor, só por meio de uma aristocracia autêntica é possível o bom desenvolvimento de uma sociedade. Porém, o pormenor é que ocorre uma circulação de classes, bem como o ajuntamento de pessoas em torno do poder que não é mais possível falar de “puras aristocracias”. Caso não ocorresse o ajuntamento, a história da humanidade seria outra, poder-se-ia falar de perfeição de sociedade.

Essa apresentação é para identificar o debate teórico que motiva a reflexão de Ortega y Gasset, pois ele parte da discussão do momento, que era compreender a participação das massas no processo político para delinear uma nova proposta de política para sociedade espanhola. Mesmo sabendo que o filósofo espanhol difere do pensador italiano, em relação ao conceito de aristocracia, é importante considerar a

²³ Cf. PARETO. *As elites e o uso da força na sociedade*. In: vários, *Sociologia Política*, 1966. p, 72. Compreende os indivíduos que direta ou indiretamente participam de forma considerável do governo.

²⁴ Cf. PARETO. *As elites e o uso da força na sociedade*. In: vários, *Sociologia Política*, 1966. p, 77. Compreende os demais indivíduos que não participam do governo, mas não se trata dos indivíduos que o autor considera o extrato inferior da sociedade.

²⁵ PARETO. *As elites e o uso da força na sociedade*. In: vários, *Sociologia Política*, 1966. p, 77.

discussão apresentada por Vilfredo Pareto, pois suas análises apontam para um problema que era visível no século XIX – a ascensão das massas ao poder social.

Esse caráter sociológico de Vilfredo Pareto permite compreender a formação dicotômica da sociedade, pois, segundo ele, as aristocracias não são eternas e, por isso, a humanidade é justamente um cemitério de aristocracias. A sociedade é semelhante a um organismo vivo e, como há o fluxo sanguíneo para garantir a vida, assim também há a circulação das elites, sem a qual é impossível que a sociedade sobreviva. E quando isso não ocorre ou se dá de forma lenta, a sociedade se desestrutura e sobrevêm a violência e o caos social.

É premente apontar a descrença com relação aos movimentos socialistas, ou ainda, o governo de massas. Uma revolução social, segundo Vilfredo Pareto, nada mais seria do que a substituição de uma elite por outra, de formação diferente, mas, no fim, nunca haveria o governo de massa ou uma revolução socialista, pois se forma no centro do poder uma minoria que assume o governo e, conseqüentemente, o poder. E tudo não passa, segundo Vilfredo Pareto, de discurso para insuflar o coração das massas.

A discussão da teoria da sociedade de massa e o debate político que os teóricos propõem permitem pensar, com base em um momento histórico, a participação das massas. O século XIX vive a euforia de uma política iluminista em que as massas são cada vez mais motivadas a participar na sociedade e, por isso, crescem os partidos políticos, os discursos em torno da democracia e agigantam os movimentos sociais. É nesse contexto que teóricos disputam a compreensão desta sociedade em movimento. A discussão que é denominada de elitista propõe a restrição da democracia e nega a noção de igualdade no processo político para todos os indivíduos.

Ortega y Gasset é considerado muitas vezes como teórico elitista, mas não se pode afirmar de forma categórica que o pensador espanhol defenda a teoria elitista de sociedade. É preciso estabelecer uma relação entre Ortega y Gasset e os teóricos da sociedade de massa. Após a relação entre os pensadores, faz-se necessário verificar o aporte teórico de cada pensador, para, posteriormente, definir se, de fato, o pensador espanhol comunga das idéias elitistas, ou se apenas usa parte do expediente para formular sua discussão em torno das massas.

De acordo com a discussão apresentada, Ortega y Gasset conceitua o homem-massa da seguinte maneira: “Portanto não se deve entender por massa, nem apenas, nem principalmente, ‘massas operárias’. Massa é o homem-médio”²⁶. Para o filósofo de Madrid é preciso definir a tipologia de homem e em seguida o seu papel social. Diferente de Vilfredo Pareto, as aristocracias são decadentes e estão ligadas a uma noção de liberalismo equivocado, o que resulta em uma sociedade deformada política e socialmente. Isso porque não é visível na esfera pública a presença das aristocracias autênticas.

É certo que tais pensadores compreendem a sociedade à luz da heterogenia social e que, por isso, precisa de uma liderança para comandar os destinos das massas e do espaço público. Mas esta liderança é permeada por uma formação e pela origem aristocrática dosada por um alto grau de superioridade. E esta é, segundo Vilfredo Pareto, uma realidade que ninguém compreende – a sociedade não é homogênea, ou seja, há uma relação de superioridade e inferioridade na humanidade.

Ortega y Gasset corrobora com esta idéia, mas não a postula como Vilfredo Pareto. Para ele, há o caráter heterogêneo na sociedade, mas não significa que se trate de uma posição natural. Esta heterogenia é cultural e depende das vontades de cada sujeito envolvido no processo circunstancial, o que não caracteriza uma relação de superioridade e inferioridade entre os indivíduos. Entretanto, a questão corresponde a uma tipologia de homem denominada homem-especial²⁷ e homem-massa. Quer dizer, a heterogenia é patente, porém não é natural, mas cultural, pois depende das escolhas que cada indivíduo passa a executar em seu meio social.

1.3.3 Robert Michels – análise sociológica das massas sociais.

Robert Michels, sociólogo alemão, nasceu em 9 de janeiro de 1876 e morreu em 3 de maio de 1933. A família deste autor era da burguesia comerciante, o que lhe possibilitou viajar e conhecer outras culturas, mas foi na Itália, em contato com os socialistas, que ele se tornou, em 1902, socialista. De volta à Alemanha, aderiu à social-

²⁶ ORTEGA Y GASSET, *A Rebelião das Massas*. 1987. p. 44.

²⁷ Não se pode tomar como homem-especial o burguês, ou ainda, o sujeito-elite que preconiza a teoria da sociedade de massa. Este sujeito se percebe como finito e histórico e, por isso, tem a responsabilidade de transformar a sua circunstância em espaços melhorados para o bem comum.

democracia e se tornou militante no período de 1903 a 1907. Como teórico e militante, aproximou-se da ala esquerdista do partido e, ainda, estabeleceu relações com o grupo anarco-sindicalista. Mais tarde rompeu com a estrutura partidária da social-democracia, denunciou a falta de democracia no interior do partido e, também, apontou o uso em demasia do poder pela classe dirigente.

É consenso entre os historiadores que os italianos Gaetano Mosca e Vilfredo Pareto e o alemão Robert Michels são os fundadores da teoria da sociedade de massa ou, como é também denominada, *Teoria das Elites*. Robert Michels faz uma análise sociológica dos partidos políticos e aponta a presença de elite no seio de partidos políticos de esquerda. A obra capital deste pensador é *Sociologia dos Partidos Políticos*, publicada em 1911, que provoca um furor nos partidos políticos e de forma especial nos partidos socialistas. Adverte-nos o autor na obra citada: “A organização tem o efeito de dividir todo partido ou sindicato profissional em uma minoria dirigente e uma maioria dirigida”.²⁸

Há um detalhe importante em relação a Robert Michels e os demais teóricos elitistas: não se trata simplesmente de um teórico que faz uma análise histográfica neutra, mas de um militante que se decepcionou com a social-democracia, por isso sua observação é mais do que uma teoria como fizeram Gaetano Mosca e Vilfredo Pareto. Sua percepção parte da concretude de um partido socialista. Não podemos, entretanto, tomar a leitura da obra *Sociologia dos Partidos Políticos* como referência científica na questão dos partidos políticos ou mesmo da democracia, pois seus escritos são determinados por motivações particulares.

Contudo, mesmo sendo uma obra que nasce da decepção de um militante esquerdista, é possível aproveitar suas observações no que concerne à teoria da sociedade de massa. Basta citar que ele apresenta uma questão de bastante relevância: a manipulação política de uma classe que controla e dirige. Segundo Robert Michels: “(...) a massa se deixa suggestionar facilmente pela eloquência de poderosos oradores populares”²⁹. Vê-se, segundo o autor, uma massa que se deixa seduzir e que, por isso, legitima o discurso de democracia e que, no fundo, não passa de manobra política de uma classe que dirige o partido e, em proporções largas, dirige a sociedade.

²⁸ ROBERT MICHELS. *Sociologia dos Partidos políticos*, 1982. p, 21.

²⁹ *Ibidem* 17.

Cabe considerar que Robert Michels se decepçiona com o modelo de democracia e assegura que, no processo democrático, as massas são úteis apenas na escolha de seus dirigentes e que não há outro papel para elas após o sufrágio, a não ser o de serem dirigidas. Assegura também que, cada vez mais, é necessária a presença de chefes no processo político: “A massa é reduzida a contentar-se com prestações de contas sumariíssimas ou a recorrer a comissões de controle”.³⁰ E o pormenor desta teoria é justamente o desejo das massas de terem seus chefes e aceitarem pacificamente seus destinos de serem dirigidas.

O debate que faz Robert Michels encontra na obra *Psicologia das Multidões*³¹ respaldo teórico para desenvolver suas teses sobre democracia e participação popular. O autor de *Sociologia dos Partidos Políticos* faz citações de fragmentos de *Psicologia das Multidões* para elucidar o problema proposto em torno da democracia e da impossibilidade das massas participarem da vida pública. Nesta perspectiva é que Robert Michels esclarece: “A multidão anula o indivíduo, e, desse modo, sua personalidade e seu sentimento de responsabilidade”³². A questão é que, segundo este autor, a sociedade, semelhante ao partido, dispõe de multidão, e não de indivíduos. Quer dizer, a multidão não pensa, não dispõe de reflexão singular, por isso se deixa sugerir por promessas e discursos.

Ortega y Gasset perfaz outro caminho. Reconhece a presença da massa no processo político e entende que ela é violenta e destrutiva, enquanto os teóricos elitistas esboçam uma sociedade em que as massas seguem um destino definido que é o de

³⁰ *Ibidem*, p. 23.

³¹ Gustave Le Bon (1997), teórico da sociedade de massa, na sua obra *Psicologia das Multidões*, faz um diagnóstico da sociedade e atribui às massas a responsabilidade de todo sofrimento social e político do mundo moderno e acrescenta o desvio de personalidade dessa multidão que resolveu se rebelar e participar das questões sociais e políticas. Ou seja, o pensador descola o foco dos reais problemas sociais e políticos e atribui às massas a culpa dos problemas da sociedade moderna. Tal pensador não consegue estabelecer uma conexão entre a complexidade do mundo moderno e o advento da técnica e da fábrica como causadores da crise social e política. Octavio Ianni faz uma análise da questão sociológica das multidões e apresenta uma reflexão histórica do mundo moderno e suas complexidades. Segundo ele, não se trata de uma questão meramente social ou política, pois vários são os fatores que vão contribuir para as manifestações no campo ou na cidade e conseqüentemente as revoluções sociais e políticas. Em outros termos, não basta a classificação das massas como responsáveis pela crise social e política, é preciso que se observem fatores sociais, econômicos, culturais e religiosos no processo de construção de sociedade. (Cf. IANNI, Octavio. *A Sociologia no Mundo Moderno*. In: **Tempo social**. São Paulo: Editora da USP, 1989. p.7 – 27.

³² ROBERT MICHELS. *Sociologia dos Partidos Políticos*, 1982. p. 17.

serem dirigidas. Para o pensador espanhol, o que ocorre é uma rebelião desse fenômeno contra uma classe que deve dirigir os destinos da sociedade. A análise de Ortega y Gasset é de ruptura; não se trata de perceber o papel das massas no cenário social, mas de coibir seu avanço na sociedade moderna, pois, de repente, ela apareceu e assumiu o comando da sociedade. O que se testemunha é justamente uma sociedade de massas “comandando” uma sociedade moderna. Contra todos os teóricos elitistas, propugna não haver uma elite governando a sociedade, o que há é a massa em todos os lugares da sociedade.

Seguindo esse raciocínio, adverte o pensador espanhol: “Agora, os povos-massa resolveram que aquele sistema de normas que é a civilização européia caducou, mas, como são incapazes de criar outro, não sabem o que fazer, e para preencher o tempo ficam dando cambalhotas”³³. Esta é a configuração política da Europa. O homem-massa não aceita o mando de uma minoria qualificada e, ainda, quer mandar na sociedade, mas não sabe como fazer isso. Dessa forma, passa todo o seu tempo destruindo os ideais e valores que os antepassados edificaram com tanto sacrifício.

Mas, retomando aos teóricos elitistas mencionados, é possível perceber nos três pensadores aspectos distintos e fundamentais em relação à concepção de democracia, socialismo e participação popular. A discussão apresentada por eles nasce de um período de intenso movimento sócio-político que abalava as estruturas circunstanciais de um regime decadente, o *Ancien Régime*. Estas reflexões surgiram como decorrência da presença das massas no processo político e social e, por isso, de certa forma, acabaram fortalecendo o antigo regime e endurecendo os aparelhos ideológicos do Estado contra os movimentos sociais e de massa. E como se não bastasse, tudo isso era justificável como proteção da própria democracia.

Para os pensadores da teoria da sociedade de massa, a importância era estruturar o debate em torno de duas classes sociais e, para isso, precisavam determinar a atuação de cada classe pelo que se entende por elite e massa, ou ainda, a relação entre ambas na estruturação da sociedade e no seu bom desenvolvimento. Decerto que Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto e Robert Michels efetuaram leituras semelhantes entre si. Todos irão identificar a presença da massa na sociedade moderna e sua característica essencial – garantir o poder a uma minoria. Faz-se necessário considerar que cada teórico

³³ ORTEGA Y GASSET, *A Rebelião das Massas*. 1987. p, 170.

mencionado discorre de maneira particular em espaços circunstanciais diferenciados e com singularidades específicas.

A menção a eles é para que se compreenda o debate político em torno da temática apresentada, mas, também, o caminho que Ortega y Gasset perfaz na compreensão de uma nova concepção política. O filósofo espanhol observa, à luz dos conceitos de minorias e massas, a qualidade dos indivíduos envolvidos no processo político, por isso os denomina de massa e minoria sem qualquer relação com a noção de quantidade ou multidão. Nesta medida, a discussão modifica a análise da percepção que deram os seus antecessores ao problema das massas.

Não é a finalidade desta trabalho estabelecer uma discussão política com base na história da filosofia, pelo contrário, propõe-se promover o debate estrutural que circunda a história das idéias políticas que circunscrevem o pensamento de Ortega y Gasset já presente em outros autores. O filósofo espanhol persegue o mesmo expediente, a saber: compreender a sociedade de sua época, dos pensadores apresentados anteriormente e articular seu diagnóstico conforme a especificidade que ele denomina de conceito. Quer dizer, sua compreensão, segundo ele, difere da dos demais pensadores pela capacidade de repensar os conceitos de minorias e massas e restabelecer seus significados por meio de uma lógica própria que se configura na relação com outros conceitos como vocação e perspectiva.

1.4 A QUESTÃO CONCEITUAL NOS ESCRITOS DE ORTEGA Y GASSET

1.4.1 Minorias e Massas – um novo debate conceitual

De acordo com a discussão apresentada, quer dizer, o debate que envolveu a temática proposta – a história das idéias políticas –, percebemos que muitos foram os pensadores que trataram do tema, mas não esgotaram a discussão e, por isso, deixaram lacunas no que diz respeito à tipologia de homem. Ortega y Gasset reconhece o debate que fizeram os teóricos ao longo da história e acrescenta que ele pretende provocar uma

reflexão que nasce justamente da questão conceitual. Começa diferenciando o conceito de massa dos demais teóricos, com base no que ele chama de “qualitativo”. A massa não é o conjunto de trabalhadores, tampouco o coletivo de miseráveis que vivem à margem da sociedade capitalista. Nessa perspectiva, afirma que:

(...) Desse modo converte-se o que era apenas quantidade – a multidão – em uma determinação qualitativa; é a qualidade comum, é o monstrengo social, é o homem enquanto não diferenciado dos outros homens, mas que representa um tipo genérico. (ORTEGA Y GASSET, 1987. p, 44)

Vemos uma preocupação com este novo fenômeno – a massa –, que pode ser desde uma pessoa ao seu coletivo e, ainda, sujeito que se sente como todo mundo e não dispõe de singularidade específica, ou seja, não atribui a si mesmo valores e que, por isso, vive como todo mundo. E o grande problema é justamente o nivelamento do homem moderno, que é massa, que opera por meio da violência em defesa de suas paixões e seus desejos. Com a descrição deste fenômeno, o autor denuncia o que acontecerá mais adiante, a barbárie do nazismo e do fascismo.

A discussão em torno da massa se inicia com a obra *Espanha Invertebrada*, publicada em 1921, que se divide em duas partes: a primeira, *Particularismo e Ação direta*, e, a segunda, *Ausência dos Melhores*. Segundo o autor, faz-se necessário apresentar à Europa a enfermidade que sofre a Espanha e, por conseguinte, a desintegração dos seus espaços públicos. Isto é, não há na Espanha uma vértebra política capaz de reunir os homens em torno de um projeto grandioso de nobreza para o povo espanhol. Nesse sentido, afirma Ortega y Gasset (1959): “Assim, quando uma nação se recusa a ser massa – isto é, a seguir a minoria diretora – a nação se desintegra, a sociedade se desintegra, e ocorre o caos social, a invertebração histórica”³⁴.

A não-compreensão tipológica do homem e seu papel na sociedade acarretam, segundo o autor, a crise de percepção conceitual, a qual resulta em problemas maiores do que os problemas de ordem política e social, uma vez que estes passam. Ao contrário do que se observa na contemporaneidade, isto é, não há uma efemeridade desses problemas, mas uma constância problemática que motiva a massa a rebelar-se contra as minorias seletas.

³⁴ *Idem. España Invertebrada*, 1959. p, 97. (A tradução nossa)

Contudo, a citação, presente na obra *Espanha Invertebrada*, revela bem um diagnóstico que é do período em que Ortega y Gasset amadurece a questão conceitual e passa a construir conceitos próprios para designar problemas que apareciam no seio de sua Espanha. Mas é com a obra *A Rebelião das Massas* que o pensador espanhol sistematiza a discussão conceitual de minorias e massas. Entretanto, as bases da reflexão política orteguiana são lançadas já em 1921, quando o autor publica a segunda parte da obra *Espanha Invertebrada*. Neste momento, o autor nos adverte com a seguinte afirmação: “Quando o que está mal em um país é a política, pode-se dizer que nada encontra-se muito mal. Este mal é ligeiro e transitório, posso garantir que o corpo social se regulará a si mesmo um dia ou outro”³⁵.

A preocupação orteguiana é, segundo o próprio autor, chegar à raiz do problema, quer dizer, o problema de sua Espanha não consistia apenas dos problemas políticos que assolavam parte da Europa, isso, segundo ele, era normal. O detalhe específico de seu país era precisamente a insubordinação das massas a uma minoria comandante. E por isso, a Espanha padecia muito mais que os outros países da Europa. Quer dizer, o povo espanhol, além dos problemas políticos, padece, segundo o autor, de outro problema, a saber, a falta de um projeto coletivo de sociedade, capaz de contemplar os ideais de nobreza e grandeza para a alma espanhola.

De acordo com essa interpretação, Ortega y Gasset entende que a espinha dorsal de uma sociedade é a determinação dos papéis políticos de cada categoria, uma vez que, segundo ele, uma nação é justamente uma massa humana organizada e dirigida por uma minoria de indivíduos seletos. Mas quando isso não ocorre o que se tem é uma sociedade violenta e arbitrária, o retrato, segundo o autor, da sociedade espanhola apresentado na obra *Espanha Invertebrada*. A reflexão em torno da dificuldade política e social de montar um projeto coletivo para Espanha será retomada na obra *A rebelião das Massas*, em que o autor estende a reflexão a outros conceitos e sistematiza o problema na medida em que esboça a sua teoria e aponta a presença das massas em todos os lugares públicos e reservados a uma categoria da sociedade.

O ponto de partida é, para o pensador espanhol, compreender as questões sociais e políticos da Espanha, bem como a falta de uma vértebra política, como fora apresentado anteriormente, capaz de unir os espanhóis em volta de um projeto comum

³⁵ *Ibidem.* p, 96.

de sociedade. Esse é o primeiro momento da teoria orteguiana, em relação à questão política apresentada na obra *Espanha Invertebrada*.

Após a constatação da ausência de um projeto coletivo de sociedade, Ortega y Gasset denuncia a presença das massas no cenário público. Segundo ele, encontra-se associada à falta de projeto coletivo a presença da massa nos lugares de uma minoria seleta. Entretanto, essa discussão será elaborada na obra *A Rebelião das Massas*. É nesta obra que o autor vai nos advertir: “(...) as massas se tornaram indóceis diante das minorias; não as obedecem, não as seguem, não as respeitam, mas, ao contrário, as ignoram e as suplantam”³⁶. Por isso, segundo o autor, a Espanha se desintegra e sobrevém o caos social e político.

Assim, segundo o autor, pensar a questão das massas na sociedade moderna é um grande desafio. Não se sabe ao certo de onde vieram todas estas multidões que de repente tornaram-se visíveis aos olhos da sociedade – questiona o pensador. Uma situação de miséria e risco para as civilizações presentes e futuras. Uma abnegação da própria humanidade que, vilipendiada de seu desenvolvimento, condena as minorias seletas ao ostracismo geral.

A compreensão do que Ortega y Gasset denomina de massa, possibilita, segundo ele, compreender os problemas da sociedade moderna. Isso porque por massa se entende do sujeito ao seu coletivo, isto é, a concepção não se reduz à questão de quantidade, pelo contrário, compreende a qualidade do indivíduo ao seu coletivo. Segundo o pensador espanhol, por massa não se compreende apenas a multidão; pode-se pensar por massa apenas um indivíduo. Isso porque a massa é uma nova conceituação de sujeito esvaziado de singularidade, como afirma Ortega y Gasset: “A rigor, a massa pode definir-se como fato psicológico, sem necessidade de esperar o aparecimento dos indivíduos em aglomeração. Diante de uma só pessoa, podemos saber se é massa ou não”³⁷.

A colocação orteguiana aponta para uma tipologia de homem apresentado anteriormente, o homem-massa. A causa, segundo o pensador espanhol, dos problemas da Espanha é justamente a presença ostensiva desse sujeito na esfera pública. Seguindo essa reflexão é que o autor chama a nossa atenção: “Chamei-o de homem-massa, e

³⁶ *Idem. A Rebelião das Massas*, 1987.p, 52.

³⁷ *Ibidem*, p. 45.

ressaltei que sua principal característica consiste em que, sentindo-se vulgar, proclama o direito à vulgaridade e nega-se a reconhecer instâncias superiores a ele”³⁸.

Uma espécie de homem doentio. Um sujeito que não tem capacidade de reflexão própria e por isso vive de acordo com as suas paixões vulgares. É possível defini-lo pela sua transitoriedade fugaz, do descaso para com a sua história e, por fim, pela falta de nobreza e grandeza de espírito que faculta um sujeito sem passado, preso ao presente sem qualquer perspectiva de futuro.

A conceituação do homem-massa é, segundo Ortega y Gasset, para evidenciar como a humanidade perdeu a condição de pensar a grandeza da vida humana e sua dimensão finita. Pressupostos que são perseguidos por uma minoria especial e qualificada. Esta, não é a elite burguesa, tampouco os intelectuais de seu tempo, pelo contrário, uma categoria de homens superiores, que dispõe de singularidade e fortes desejos de grandeza e nobreza. Não se trata de uma classe economicamente mais forte, mas de uma categoria que compreende, por meio da cultura e da virtude, perspectivas de uma nova sociedade. Cabe notar que é neste contexto de homem-especial, figura específica das minorias seletas, que Ortega y Gasset proclama sua teoria política, a saber, o homem que deve dirigir os destinos da sociedade será denominado também de homem de virtude superior.

Por outro lado, é possível pensar, segundo o filósofo espanhol, a minoria como vanguarda de uma sociedade em transformação. O exemplo de uma categoria a ser seguida, pois dispõe do que é mais nobre – a virtude, condição capital, segundo ele, para edificar grandes nações. Homens com projetos de vida que perseguem uma vocação grandiosa – viver até a última instância das circunstâncias. Ou ainda, indivíduos que compreendem a vida como razão última e, por isso, esforçam-se para esgotá-la com projetos magníficos, pois a vida não tem natureza, mas história que se constrói com vontade e desejos grandiosos. Como afirma o próprio Ortega y Gasset (1987):

Quando se fala de minorias especiais, a habitual má-fé costuma distorcer o sentido dessa expressão, fingindo ignorar que o homem-especial não é o petulante, que se julga superior aos outros, mas o que exige mais de si mesmo que a maioria, ainda que não consiga atingir essas exigências superiores. É indubitável que a divisão mais radical que deve ser feita na humanidade é dividi-la em duas classes de

³⁸ *Ibidem*, p. 169.

criaturas: as que exigem muito de si mesmas e se acumulam de dificuldades e deveres, e as que não exigem de si nada de especial, para as quais viver é ser a cada instante o que já são, sem esforço para o aperfeiçoamento de si próprias, bóias que vão à deriva. (ORTEGA Y GASSET, 1987: 45).

Esta categoria da sociedade representa a mudança de perspectiva no cenário político e social. Mas é preciso que encontre espaço de atuação, uma vez que ela vem sendo suplantada pelas massas, segundo o filósofo, pois só nas minorias seletas, encontra-se o homem especial, distinto e consciente do seu papel na sociedade contemporânea. É visível uma descrição diferenciada do pensador espanhol dos demais pensadores que debruçaram sobre a temática, a saber, minorias e massas, ao longo da história. A questão relevante se percebe na medida em que tais conceitos tomam uma significação específica e retratam outras possibilidades de conhecimento. Para tanto, faz-se necessário observar os próprios enunciados do pensador em questão:

Para a compreensão desse fato formidável convém, naturalmente, que se evite dar um significado exclusiva ou primariamente político às palavras ‘rebelião’, ‘massa’, ‘poderio social’, etc. A vida pública não é apenas política e sim, ao mesmo tempo e até antes, intelectual, moral, econômica, religiosa; compreende todos os hábitos coletivos, inclusive o modo de se vestir e o modo de se divertir. (ORTEGA Y GASSET, 1987. p, 42).

Vemos uma discussão que permite outras formas de análise da sociedade, ainda mais quando o assunto é compreender os problemas sociais e políticos de uma geração e, de forma bastante especial, a realidade circunstancial espanhola. É de posse da análise histórica de seu tempo que Ortega y Gasset reflete sobre o cotidiano espanhol e, conseqüentemente, o europeu. Por isso, considera os temas abordados cardeais para o desenvolvimento de sua teoria política. Trata-se de uma observação que pensa o homem de acordo com seu engajamento com a circunstância e com seus anseios de singularidade e perspectiva de vida grandiosa. Não obstante, Ortega y Gasset reconhece que não é fácil falar do entendimento desse homem em uma sociedade cristalizada pelos valores econômicos e políticos e que não é possível pensar outras possibilidades de vida plena sem a associação direta à questão econômica.

Assim, Ortega y Gasset formula sua teoria política com base em conceitos que aplica para minorias e massas. Essa nova compreensão de sociedade é bastante peculiar por oferecer outras formas de análises, as quais não reduzem o problema político à

questão meramente econômica. Como já fora apresentado anteriormente, a discussão orteguiana se orienta por uma tipologia de homem e sua relação com o raciovitalismo, ou seja, pensar o homem e sua vida como razão vital nas circunstâncias cotidianas.

À primeira vista, os escritos orteguianos são tomados como aporias por leitores que não entendem a dimensão estilística do autor e a sua contextualização com relação aos conceitos que se entrelaçam no postulado do pensador espanhol. Decerto que é possível encontrar, no cenário acadêmico, leituras equivocadas de excertos orteguianos sem redimensioná-los com outros escritos e também com a realidade histórica do escritor espanhol. É inegável que alguns autores tomam a leitura dos conceitos orteguianos segundo a lógica marxista. E de forma especial, a discussão de minorias e massas, uma vez que o leitor desavisado associa o conceito de minoria à noção de burguesia. E com relação à massa pensada por Ortega y Gasset não como classe social, ela é associada, pelos leitores desavisados, à massa operária.

Entre as leituras que tomam de forma equivocada o pensamento político de Ortega y Gasset, destaca-se a obra *Teoria das Elites* do pensador brasileiro Paulo Martinez. Esta obra foi publicada em 1997 e discute, à luz da teoria das elites, o pensamento orteguiano no bojo da teoria elitista de sociedade. O autor faz uma leitura superficial dos conceitos orteguianos e não estabelece uma relação entre os conceitos que cercam o postulado de Ortega y Gasset. Não estabelece relação entre os teóricos da sociedade de massa e os coloca na mesma perspectiva, isto é, todos estão na contramão, segundo ele, do que asseverou o pensamento marxista, para edificar uma sociedade conservadora e desigual. Nesse sentido assegura Paulo Martinez: “a intenção dos formuladores da teoria das elites era propor uma alternativa à teoria marxista da luta de classes, explicando as diferenças existentes em todas as sociedades de maneira oposta ao pensamento socialista”³⁹.

Ao fundo podemos afirmar que o autor de *A Teoria das Elites* não releva a abrangência da discussão filosófica que é guardada fora da perspectiva exclusivista de política. Isto é, para se compreender a discussão política do pensador espanhol é preciso que os conceitos anteriormente arrolados sejam compreendidos e relacionados entre si, numa perspectiva orteguiana, que perpassa a noção de política e se estende à questão filosófica. É possível que Paulo Martinez esteja fazendo uma leitura meramente política

³⁹ Cf. MARTINEZ, *Teoria das Elites*, 1997. p, 11.

dos conceitos orteguianos. O próprio Ortega y Gasset já havia salientado que seus conceitos não são e nem devem ser pensados exclusivamente sob o prisma político, pois a vida é muito mais que política.

É importante salientar que não há uma preocupação do filósofo espanhol em combater a luta de classes, mas em identificar, em cada classe, o “homem-especial” e o “homem-massa”, pois acredita que os conceitos de “minorias” e “massas” são pensados como qualidade e não como quantidade. A partir dessa reflexão, Paulo Martinez parece fazer um percurso contrário ao do pensador espanhol e, por isso, não entende, no primeiro momento, que Ortega y Gasset não estava preocupado simplesmente com a presença ostensiva da massa, pelo contrário, não havia um projeto no meio da massa capaz de unificar a Espanha a partir do liberalismo e do nacionalismo. Nesse sentido afirma Paulo Martinez:

Gasset refletiu esse clima de pessimismo em sua obra e o explicou com raciocínios que hoje seriam considerados, no mínimo maniqueístas. Considerava que o fato mais importante na época era a presença ostensiva da massa, sua participação, as pressões e influências que exercia no cenário social, através do direito do voto, das reivindicações econômicas, das greves, dos protestos em todos os países, inclusive com emprego da violência. (PAULO MARTINEZ, 1997:15).

São pertinentes as observações do autor supracitado, no que tange à dimensão política quando se refere ao formidável aparecimento das “massas” no poderio social defendido por Ortega y Gasset. Também se pode considerar a denúncia de que as “massas”, por meio de reivindicações, greves e protestos, ameaçam a tranquilidade da vida pública. No entanto, se considerarmos o aspecto filosófico-conceitual, e não só o político, será perceptível uma série de equívocos nas afirmações de Martinez.

O aparecimento das “massas” é sinal de que é possível mudar a sociedade e que a vida é dinâmica. A realidade presente, segundo o pensador, testemunha a possibilidade de uma virada histórica, no sentido de envolver o povo espanhol, de um modo geral, nos problemas políticos e sociais da Espanha. Esta seria uma possibilidade de as “massas” deixarem de ser “massas” e se tornarem “minorias”. Vejamos a dinâmica da sociedade delineada por Ortega y Gasset: não há uma determinação natural para a condição de “homem-minoria” e de “homem-massa”, o que há é uma escolha

pessoal de ser “minoria” ou de ser “massa”. Por isso, esse é o mais formidável acontecimento do século, podendo ser para o bem ou para o mal, pois a presença da vida nas praças é um sinal de elevação histórica, e a inércia dessa vida é prejudicial ao desenvolvimento das sociedades contemporâneas.

No que se refere às pressões, greves e protestos, Ortega y Gasset não apresenta nenhum argumento que seja contra a participação popular. Adverte, porém, que participar requer maturidade e compromisso. Não basta participar por participar, é preciso esforço e projeto definido de sociedade. Não é admissível pensar uma sociedade em que as “massas” façam tudo que lhes aprouver, o resultado seria catastrófico e sem precedentes. É preciso que a sociedade tenha regras que a façam funcionar para o bem de todos.

A participação, segundo Ortega y Gasset, deveria nascer de uma ação pensada e construída de forma a contemplar a organização social por meio do indivíduo e não simplesmente por um desejo de participação medíocre e fugaz. Participar é compreender a vida como um drama humano. E, ainda, perceber a participação na relação com a “circunstância” de cada sujeito. Não há, no texto de Martinez, uma referência ao conceito de “vida”, “circunstância” e “vocação”. A abordagem é apresentada simplesmente sobre o sentido político das “minorias” e das “massas”. A discussão de Paulo Martinez necessita de uma fundamentação filosófica para elucidação das questões tratadas pelo autor de *A Teoria das Elites*. Isso porque no bojo da discussão de Paulo Martinez, Ortega y Gasset é visto como os demais teóricos elitistas da sociedade de massa.

É preciso, para compreender o pensamento social de Ortega y Gasset, perceber o que este autor elege como cultura de massas. Mesmo sabendo que o problema sociopsicológico não era novo, pois outros teóricos haviam discutido a temática. O pensador espanhol insurge contra a interpretação psicológica de um grande aglomerado e postula uma questão que passa a derivar de conceitual, ou seja, a massa é resultado de uma compreensão conceitual e cultural e, por isso, ultrapassa as interpretações meramente políticas e sociológicas. Esta roupagem que o teórico concede ao pensamento político e filosófico é uma nova perspectiva que se abre ao universo acadêmico.

CAPÍTULO 2

Parte I: ANÁLISE INTERNA DA OBRA *A REBELIÃO DAS MASSAS*

Os textos que compõem a obra *A Rebelião das Massas* fazem uma análise da sociedade contemporânea, cujo ponto de partido é a realidade espanhola e, conseqüentemente, a européia. É sabido que a realidade espanhola em que se encontrava o autor era de crise social e política, e a européia aspirava revoluções de massa que nasceram após a primeira guerra mundial com lideranças afiançadas pelo carisma popular. É nesse contexto de transtorno social e político que Ortega y Gasset desenvolve sua reflexão sócio-política, a começar pela descrição da mediocridade do homem que resolveu participar dos assuntos políticos, pois a cultura solipsista e gregária possibilitou a presença desse novo homem – um tipo de homem que, sem projeto de vida e de sociedade, participa da vida pública sem qualquer esforço para tal empreitada. Para melhor desenvolver seu pensamento, o filósofo espanhol retoma os conceitos trabalhados nas obras anteriores, *Meditações de Quixote* e *Espanha Invertebrada*, e sistematiza, em especial, os conceitos de “circunstância”, “minorias” e “massas”. Tais conceitos evidenciam uma tipologia de homem que o pensador descreve como “homem-especial” e “homem-massa”, cuja conceituação será apresentada no decorrer deste texto.

O pensamento político de Ortega y Gasset é assinalado por conceitos que são próprios do autor para estudar o homem e sua dimensão política na sociedade em que se encontrava. A partir de 1902, ainda na juventude e recém-formado, Ortega y Gasset publica artigos de filosofia e política nos jornais e revistas da época, mas é nos anos 1920 que passa a ser correspondente do jornal *El Sol* e da revista *Ocidente*, a qual ajudou a fundar, e se torna reconhecido por analisar temas de política e filosofia na sociedade espanhola.

É sabido que o itinerário intelectual desse pensador é marcado pela presença constante de seus escritos na imprensa madrilena, com o intuito de democratizar o conhecimento em um país que se encontrava despossuído de tradição política e filosófica, no que diz respeito à produção teórica, e de tornar a sua Espanha grande no que toca à tradição e ao reconhecimento de sua cultura. Para isso não era preciso copiar outras culturas, a exemplo da alemã e da francesa, cujo desenvolvimento intelectual era expressivo na época, mas desencadear, no povo espanhol, um espírito crítico e nacionalista. Ferrater Mora (1963) comenta, no ensaio introdutório de a *Origem e Epílogo da Filosofia*:

Mas o que acontece quando as associações profissionais são escassas, quando as revistas especializadas são praticamente inexistentes e quando as Universidades estão dominadas pela rotina? Não é melhor, então agir por aproximação e cauteloso rodeio? Não é preferível evitar os atalhos? Ortega os evitou, e com isso criou a possibilidade da mais densa atmosfera intelectual espanhola. E nisso reside, em grande parte, o segredo de sua renúncia à especialização, e sua eleição da imprensa diária como meio principal e constante de comunicação filosófica ao público. (In ORTEGA Y GASSET, 1963: 29).

As análises orteguianas, publicadas em jornais e revistas, foram direcionadas ao público espanhol, com o objetivo de potencializar reflexões de política e filosofia em seu povo, que vivia refém do que o autor passou a chamar de pensamento massa. Isto é, não havia uma preocupação dos intelectuais de sua época em promover o conhecimento fora da esfera alemã e francesa, pois eles copiavam e reproduziam estas tradições como se fossem o que havia de mais nobre e sublime na história da humanidade. Não significa que o autor despreze tais culturas, não é isso, mesmo porque ele passou parte de seu tempo estudando com os neokantianos e reconhece o valor da cultura germânica em sua formação intelectual advinda de Hermann Cohen e Paul Natorp.

A preocupação política e social de Ortega y Gasset surge em razão da crise que havia se instalado no pensamento cultural da Espanha com a presença desordenada das massas no cenário político e a rebelião desse novo tipo de homem. Por isso, intenta, no primeiro momento, denunciar o espírito gregário dos intelectuais e forjar um novo modelo de cultura e conhecimento no espírito espanhol por meio de jornais e revistas de seu tempo. Esse é o contexto histórico em que se encontrava o filósofo espanhol e sua formulação teórica em torno da obra *A Rebelião das Massas*. Em 1926, Ortega y Gasset publica as primeiras páginas dessa obra e, em 1930, seleciona os artigos que considera

capitais para uma obra de literatura e política. Por isso mesmo, em prólogo para o francês, o autor faz uma reflexão sobre a forma como o seu livro foi construído: “Este livro – supondo que seja um livro – data ... começou a ser escrito em 1926, e o assunto de que trata é demasiadamente humano para que o tempo não o afete demasiadamente”⁴⁰.

A obra se divide em duas partes – *A Rebelião das Massas* e *Quem manda no Mundo?* – e é estruturada em quinze capítulos, nos quais o autor apresenta uma série de considerações acerca das suas teses de filosofia e política. Como já fora apresentado, não se trata de um militante político, mas de um teórico envolvido com a realidade espanhola, um homem comprometido com as questões intelectuais e disposto a democratizar o conhecimento por meio da comunicação jornalística.

Os artigos que serão examinados são os mesmos que compõem a obra-prima de Ortega y Gasset *A Rebelião das Massas*. Este segundo capítulo, uma vez que trata da análise interna da obra, está estruturado em duas partes. Na primeira, são abordados os capítulos iniciais do primeiro ao sétimo. E, no segundo, do oitavo ao décimo terceiro. A segunda parte da obra, denominada *Quem manda no mundo?*, não será analisada neste segundo momento. Como se trata de uma extensão da primeira parte e dos esclarecimentos conceituais, julgamos pertinente analisá-la nas considerações finais. Entretanto, apresentaremos, apenas, o que nos parece inovador no sentido de solidificar o entendimento da discussão.

2.1 O fato das aglomerações

No primeiro capítulo da obra *A Rebelião das Massas*, Ortega y Gasset apresenta a sociedade de seu tempo. Descreve de forma pujante o aparecimento das massas e acrescenta que se trata de um fato que pode ser entendido, tanto para o bem, como para o mal. Segundo o autor, a Europa vive a maior das enfermidades, a rebelião das massas, que, embora não sendo um problema novo, pois a massa sempre existiu, na contemporaneidade sua presença alardeou a sociedade com o fenômeno que ele denomina de cheio.

⁴⁰ ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*, 1987, p. 02.

Para compreender a experiência do cheio, Ortega y Gasset nos convida a pensar o tema da seguinte forma: “(...) nos referirmos a uma experiência visual, sublinhando um aspecto de nossa época que salta aos olhos de todos” ⁴¹. Este novo olhar que nos propõe o filósofo é pensar a presença da multidão nas praças tomando decisões que não lhe competem. Esta multidão não surgiu do acaso e não é fruto da sociedade moderna, pois ela sempre existiu, mas ela se tornou visível e alterou de forma significativa a realidade européia. Acrescenta Ortega y Gasset: “Agora, de repente, aparecem sob forma de aglomeração, e nossos olhos vêem multidões por toda parte. Por toda parte não: justamente nos melhores lugares, (...)” ⁴².

Para Ortega y Gasset, o conceito de multidão é qualitativo e visual e não pode ser pensado fora dessa perspectiva. Não se trata de observar a multidão como aglomerado de pessoas que não dispõem dos mecanismos de controle sobre questões econômicas e sociais. Multidão ou massa é do indivíduo ao coletivo e não tem qualidade específica, por isso é genérico aos demais homens ou grupo de homens. Segundo o pensador espanhol: “A massa é o conjunto de pessoas não especialmente qualificadas. Portanto não se deve entender por massas nem, apenas, nem principalmente, ‘as massas’ operárias” ⁴³. Há uma inversão conceitual e, por isso, não se pode tomar o conceito de forma específica no sentido exclusivo e estrito da sociologia e da política.

O que é inovador é a forma como o pensador modifica a análise dos problemas sociais e políticos. Diferente de outros pensadores, o conceito passa a significar algo específico para uma realidade histórica e circunstancial e, por isso, a sociedade é percebida segundo dois fatores⁴⁴: de um lado, a massa e, do outro, a minoria. Esta divisão é emblemática porque possibilita encontrar, segundo Ortega y Gasset, dentro da massa, o homem-massa e, dentro da minoria qualificada, o homem-especial.

É surpreendente a noção orteguiana de massa e minoria apresentada no primeiro capítulo da obra em estudo: “A divisão da sociedade em massas e minorias excepcionais não é, portanto, uma divisão em classes sociais, e sim em classes de homens, e não pode

⁴¹ *Ibidem*, p. 42.

⁴² *Ibidem*, p. 43.

⁴³ *Ibidem*, p. 44.

⁴⁴ No capítulo anterior, apresentamos o conceito de minoria e massa, a partir da noção político-filosófica de Ortega y Gasset. O uso do termo fatores é para que não se confunda com a questão de classes sociais.

coincidir com a hierarquia decorrente de classes superiores e inferiores”⁴⁵. Observamos neste primeiro momento da obra a reflexão em torno do homem que ora pode ser massa, ora, minoria. Para ele, a divisão é cultural e não necessita ser entendida à luz da compreensão de classes sociais ou, ainda, da superioridade e inferioridade da raça humana.

Ortega y Gasset não anula a compreensão das classes sociais, pelo contrário, mesmo não sendo um militante político, ele percebe que há uma relação social de contrastes no seio da sociedade, que a divide entre os que possuem o capital e os demais que vivem às margens das benesses do capital. Porém, segundo o autor, essa relação não é a mais importante para que se compreenda a história da humanidade e o salvamento da sociedade moderna. Esta relação de classes sociais pode ser uma categoria de entendimento, mas não revoga outras formas de percepção da sociedade.

A questão fundamental é, segundo o autor, perceber que há uma relação muito mais ampla e complexa na sociedade, que não deve ser pensada exclusivamente por sua divisão em duas classes sociais, por isso ele afirma: “mas a rigor, dentro de cada classe social há massa e minoria autêntica”⁴⁶. Ou seja, não é a questão social que determina a condição de ser massa ou minoria, pois dentro de cada classe se observa a dinâmica de ser, tanto massa, quanto minoria. Para Ortega y Gasset, o mais importante é a noção de cultura para entender o homem circunstancial agindo na esfera pública.

Assegura Ortega y Gasset que a presença ostensiva das massas na sociedade contemporânea e sua ação direta causam violência e barbárie na esfera pública. Mas tudo isso ocorre porque o sistema político protege esta ação por meio do que o autor denomina hiperdemocracia das massas. Isto é, as massas atuam sem lei e o fazem por meio de seus desejos que são, quase sempre, toscos e vulgares. Essa vulgaridade apresentada pelo autor é uma denúncia ao modelo de democracia que assegurava a participação das massas no processo político e social e, ainda, uma crítica aos teóricos iluministas que defendiam a participação das massas no cenário político. Nesse sentido, afirma Ortega y Gasset: “(...) creio que as inovações políticas dos anos mais recentes não significam outra coisa senão o império político das massas”⁴⁷.

⁴⁵ ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*, 1987, p. 46.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 46.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 47.

Ortega y Gasset não era radicalmente contrário à participação das massas no processo social e político, mas, segundo ele, as massas não querem assumir a responsabilidade de suas decisões; elas participam, mas não sabem por que participam, e isso gera um prejuízo no amadurecimento da política e da sociedade. É a isso que o autor denomina de hiperdemocracia, ou seja, uma garantia de liberdade no processo de escolha para quem não sabe escolher. Seguindo essa reflexão, nos assegura o filósofo Ortega y Gasset: “(...) faz sucumbir tudo que é diferente, egrégio, individual, qualificado e especial. Quem não for como todo mundo, quem não pensar como todo mundo, correrá o risco de ser eliminado”⁴⁸.

Nesse artigo⁴⁹, o autor identifica a presença das massas no cenário político, reconhece que o problema não é tão novo assim e que ele não fora o único a tratar da questão, embora não esconda que sua análise se diferencie da dos demais teóricos. Vemos a importância da sua análise na questão conceitual e na sua percepção visual da multidão, a qual se instalou nos lugares preferenciais e reservados a uma minoria seleta e qualificada. Verificamos o esboço teórico de uma filosofia política e a conceituação de um homem genérico em toda a Europa, gerador de todos os problemas da sociedade contemporânea.

Este homem gregário é o aporte da compreensão política e filosófica do autor, que passa a denominar a Espanha de império das massas, o qual se estende mediante a violência, a barbárie e a vulgaridade. Uma sociedade de massa amorfa e violenta. Ortega y Gasset, após apresentar as aglomerações no cenário público, finaliza sua discussão deste primeiro artigo com a seguinte reflexão: “Este é o fato formidável de nosso tempo, descrito sem se ocultar a brutalidade de sua aparência”⁵⁰.

2.2 A subida do nível histórico.

Para fundamentar a sua teoria de que a sociedade moderna assiste ao império brutal das massas, neste segundo artigo, Ortega y Gasset recorre à história com o exemplo do império romano como império das massas, que, em determinado momento,

⁴⁸ *Ibidem*, p. 48.

⁴⁹ A ideia de artigo é para se referir a cada capítulo, uma vez que foram escritos em forma de artigo e publicados no diário madrilenho. Por isso, sempre que aparecer “artigo” é uma referência ao capítulo que está sendo analisado.

⁵⁰ ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*, 1987, p. 48.

anulou as minorias e glorificou a presença das massas no cenário político, Para o pensador espanhol, a história é a maior testemunha desse fenômeno denominado de cheio.

Para Ortega y Gasset, é preciso aprofundar a investigação e chegar à raiz do problema. Já que, no primeiro artigo, houve a apresentação da sua tese, neste segundo, urge a necessidade de esmiuçar melhor o problema. Nesta perspectiva é que afirma o autor de *A Rebelião das Massas*: “Ou se julgava que eu ia me contentar com essa descrição, talvez exata, mas externa, que é só a fachada, a vertente, sob as quais se apresenta o tremendo fato quando observado do passado?”⁵¹. A proposta orteguiana é adentrar nas estranhas do problema que considera crucial para o entendimento de sua teoria, a rebelião das massas na sociedade contemporânea.

Inicia o debate com a defesa das aristocracias autênticas no comando da sociedade moderna, pois elas diferem das massas e compreendem a sociedade como uma vocação a ser alcançada e transformada. Mas não se trata de pensar a aristocracia social, isso é outro ponto, segundo Ortega y Gasset. Para o autor, a sociedade é aristocrática e não há como fugir a esse princípio e esclarece que não é com relação ao Estado, mas à sociedade. Para Ortega y Gasset: “É radical porque eu nunca disse que a sociedade humana deve ser aristocrática, mas muito mais que isso. Disse e continuo acreditando, cada dia com mais convicção, que a sociedade humana é sempre aristocrática”.⁵² A seguir, ele aprofunda sua reflexão e apresenta a missão desta categoria de indivíduos, as aristocracias autênticas, consideradas por ele como hercúlea por dirigir os destinos da sociedade, e estabelece uma divisão entre a aristocracia social e a aristocracia autêntica. Aquela é subalterna e deselegante em relação a esta. A discussão, então, é sobre os que nasceram para esta missão e que por isso se esforçam para superar seus próprios limites e ultrapassar a condição de homem gregário. Pode-se acrescentar que a questão conceitual é mais uma vez retomada e dinamizada pelo pensador espanhol no que diz respeito à aristocracia e a sua conceituação.

Apesar de fazer crítica à realidade presencial das massas na sociedade contemporânea, Ortega y Gasset considera que ela tem uma significação positiva, pois opera uma vitalidade que ultrapassa o tempo e avança a fim de manobrar técnicas que,

⁵¹ *Ibidem*, p. 50.

⁵² *Ibidem*, p. 50.

no passado, eram reservadas às minorias qualificadas e ainda gozam de prazeres e ocupam os lugares preferenciais de uma minoria especial. Essa elevação é positiva e não se pode negligenciar esse fato. Ainda por esta concepção, o pensador espanhol faz a seguinte reflexão:

A análise de sua anatomia pode ser resumida nestes dois pontos: primeiro, as massas executam hoje um repertório vital que coincide, em grande parte, com o que antes parecia exclusivamente reservado às minorias; segundo, ao mesmo tempo, as massas se tornaram indóceis diante das minorias; não as obedecem, não as seguem, não as respeitam, mas, ao contrário, as ignoram e as suplantam. (ORTEGA Y GASSET, 1987:52)

A leitura desse fragmento nos leva a concluir que as massas avançam para uma mudança de perspectiva, elas inauguram uma vitalidade que impulsiona a sociedade no sentido de mudar o rumo da própria história. É inegável, segundo o autor, que esse fato inova as estruturas políticas da sociedade e posterga a civilização. Mas o que parece positivo se converte, de imediato, na medida em que as massas passam a atuar sem responsabilidade e compromisso com a própria sociedade. Elas rompem com as tradições e avançam contra a sua própria natureza⁵³. Assim, subvertem a ordem e provocam o caos na sociedade europeia.

Mas esta construção de uma massa impotente, indomável e equívoca é resultado de um período histórico, século XVIII, em que os liberais, os democratas e os intelectuais de um modo geral proclamaram o direito à igualdade e à liberdade para todos os homens, sem se preocuparem em determinar os limites. Por isso, as massas apareceram e elevaram o nível da história. Agora, tudo é determinado por esta categoria de sociedade que Ortega y Gasset chama de rebelião das massas.

Ademais, essa elevação da história ocorre porque o homem-massa representa, segundo o autor, a área sobre a qual se move a história, quer dizer, as massas ocuparam os lugares das aristocracias autênticas e, por isso: “Diríamos que o soldado de hoje tem muito de capitão; o exército humano já é composto de capitães”⁵⁴. Seja para o bem ou para o mal, esta é a realidade – a subida histórica da sociedade. A metáfora orteguiana

⁵³ Não pode se pensar a natureza a partir do nascimento, mas da condição que obriga o indivíduo a ser massa, ou seja, o sujeito escolhe ser massa e uma vez massa é de sua condição obedecer às minorias especiais.

⁵⁴ ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*. 1987, p. 54.

nos apresenta um exército frágil e falido, pois não basta o título de capitão, faz-se necessário pensar como capitão, agir como capitão e assumir a condição de capitão. Assim também é com as massas, elas participam da política, mas não sabem o porquê de sua participação; elas edificaram a civilização, mas não compreendem a civilização.

Neste segundo artigo, o pensador espanhol comenta a opinião dos intelectuais de que a Europa se americanizou⁵⁵ e que ele é pressionado pelas circunstâncias para crer nesta hipótese. Segundo ele, não se trata de uma americanização européia, pelo contrário, nunca houve influência significativa para fazer as massas ascenderem. Houve, sim, a constituição de uma educação progressista das multidões que despertou a cultura do nivelamento dos indivíduos, sem nenhuma influência dos americanos nesse fato.

A questão capital é justamente o nivelamento da sociedade. Para Ortega y Gasset, “vivemos uma época de nivelações: nivelam-se as fortunas, nivela-se a cultura entre as diferentes classes sociais, nivelam-se os sexos”⁵⁶. Aqui reside o problema para o pensador espanhol, ou seja, houve uma elevação da vida humana na sociedade contemporânea, mas, em contrapartida, os indivíduos perderam a capacidade singular de resolver os seus próprios problemas e de pensar a sua circunstância e transformá-la em possibilidades diferenciadas e melhores.

Para Ortega y Gasset, houve na Europa um nivelamento dos europeus assim como aconteceu na América entre os americanos, fato que, para ele, é uma coincidência e não uma influência como queriam os intelectuais da época. Qualquer tentativa de pensar esta relação entre Europa e América é, segundo Ortega y Gasset, absurda. Vejamos o que assegura o pensador espanhol:

Mas o fato é que o resultado coincide com o aspecto mais decisivo da existência americana; e por isso, porque a situação moral do homem médio europeu coincide com a do americano, pela primeira vez o europeu entende a vida americana, que para ele era, até então, enigma e um mistério. (ORTEGA Y GASSET, 1987: 55)

⁵⁵ Esta reflexão nos permite pensar à luz da teoria democrática de Tocqueville. A igualdade dos indivíduos no processo político da América, pois esta não é um sistema político, mas ante disso, uma forma de vida americana. Este princípio iguala os indivíduos e suprime a individualidade do sujeito envolvido no processo da democracia. Por isso, Ortega y Gasset recorre à discussão da americanização da Europa, quando se percebe no seio da sociedade a presença ostensiva das massas com os mesmos direitos e gozando dos mesmos prazeres de uma minoria especial.

⁵⁶ ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*. 1987, p. 56.

2.3 A altura dos tempos

Neste terceiro artigo, Ortega y Gasset retoma a idéia de que existe um benefício, mesmo aparente e ligeiro, com o império das massas na sociedade contemporânea. A subida do nível histórico e do nível de oportunidades para a vida são testemunhas de que há um lado favorável com este advento. Isso possibilita uma tomada de consciência de que a vida pode ser sempre mais e que cada indivíduo pode tomar altitudes diferentes a depender dele próprio.

A discussão em torno do tempo, que aparece nesse capítulo, não é em relação à questão cronológica e abstrata, mas à vitalidade circunstancial, ou seja, o que cada geração chama de nosso tempo é o tempo em que cada indivíduo se encontra. O autor recorre ao debate do tempo cronológico para dissecar o tempo circunstancial, por isso cita Jorge Manrique, que, entre outras coisas, afirma que o tempo passado sempre foi melhor. Ou seja, há uma depravação humana com o passar do tempo. E conclui esta reflexão com a citação de Horácio: “nossos pais, piores que nossos avós, nos fizeram ainda mais depravados, e nós teremos uma progênie ainda mais incapaz”⁵⁷.

Mas o pensamento de Ortega y Gasset não se desvela de forma tão clara. No momento seguinte, o autor se refere ao homem que se encontra no tempo pensando que este tempo seu é superior a outros tempos passados. Na verdade, o pensador espanhol propõe um debate e provoca o leitor para afunilar sua reflexão e pensar o momento histórico em que cada indivíduo se encontra. Contudo, para que se efetive esta meditação faz um passeio pela história e esboça alguns exemplos, tais como: antes de Cristo tem-se uma noção de que nos encontramos abaixo do tempo passado, ou seja, nos regozijamos com a idade de ouro, os tempos clássicos etc. Todavia, a partir de 150 depois de Cristo, muda-se o foco e é como se o homem reduzisse todo o passado e se tornado superior a ele em todos os sentidos. Com o desenrolar do tempo, chega-se à concepção de que o homem atingiu a altura dos tempos, chegou ao cume da civilidade.

Decerto que não se trata de um tema positivo, altura dos tempos. Aparece muito mais como uma crítica aos homens da contemporaneidade que parecem ter atingido seus ideais e que, por isso, desprezam a história e conseqüentemente todo o seu passado. Afirma Ortega y Gasset: “Por fim chega o dia em que esse velho desejo, às vezes milenário, parece realizar-se; a realidade o acolhe e lhe obedece. Chegamos à altura

⁵⁷ In. *Ibidem*, p. 59.

vislumbrada, à meta antecipada, ao cume do tempo! O ‘por fim’ substitui o ainda não”⁵⁸. Aqui reside a idéia do artigo: denunciar a euforia de uma sociedade que pensa ter atingido sua plenitude e maturidade.

Frente a esta questão, Ortega y Gasset chega a citar Cervantes e sua máxima: “O caminho é sempre melhor do que a pousada”⁵⁹, que é uma crítica contundente aos ideais da modernidade e sua euforia. Esta plenitude encontra-se morta por dentro, afirma o pensador espanhol, e, ainda, espezinha a noção de modernidade tão festejada no século XIX. No advento desta modernidade é que os homens, semelhante ao zangão que morre depois do vôo nupcial, não sabem renovar os seus desejos e, assim, morrem enclausurados em suas ambições fugazes. Retomando a crítica à modernidade esclarece o filósofo espanhol:

O desejo gerado tão lentamente, e que enfim parece realizar-se no século XIX, é o que, em resumo, se autodenominou de “cultura moderna”. O próprio nome já é inquietante: um século que chama a si mesmo de “moderno”, isto é, último, definitivo, diante do qual todos os outros são simples pretéritos, modestas preparações e aspirações para ele! Setas sem valor que erram o alvo. (p, 61)

A discussão se orienta pelo que o pensador considera decadente. Esta civilização é decadente, arrogante e fugaz. Não compreende a noção de história e não consegue enxergar além do que avalia progresso e civilidade. Esta compreensão é esvaziada de sentido, isto é, os homens perderam a dimensão do passado e não conseguem se orientar para o futuro, o qual se apresenta como uma extensão do presente, quer dizer, não há mais novidades, o amanhã será igual ao hoje – o eterno progresso. A decadência suprime a vida autêntica. Esta, imprevisível, aberta às possibilidades e, acima de tudo angustiante, evapora-se no seio da modernidade e cede espaço para a vida gregária.

A altura do nosso tempo, porém, é muito mais do que ascender na sociedade e também supera a noção de modernidade e avança no sentido de compreender o tempo, seja cronológico ou circunstancial, sendo que este é também histórico. E quando a questão é a história, Ortega y Gasset nos convida a ultrapassar a noção ideológica de história que se fecha a partir da concepção de política e de cultura. Nesse sentido, afirma o filósofo de Madrid:

⁵⁸ ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*. 1987, p. 60.

⁵⁹ In. *Ibidem*, p. 61.

(...) não percebem que tudo isso é apenas a superfície da história; que a realidade histórica é, antes disso e mais profundamente que isso, uma pura ânsia de viver, uma potência parecida com as cósmicas; não a mesma, portanto, não natural, mas irmã da que inquieta o mar, fecunda a fera, faz florescer às árvores, faz cintilar a estrela. (p, 63)

Para Ortega y Gasset, a vida encontra-se diretamente associada à história, ao tempo circunstancial e precisa do tempo cronológico para orientar-se em uma dimensão especial e qualificada. Não basta levantar os aquedutos, edificar os castelos, avançar na ciência se não houver outra perspectiva de ver e viver a vida, a saber: buscar o tônus de cada dia, lançar-se no mundo com a responsabilidade de transformá-lo em vida autêntica e finita. Esta é, de forma bastante positiva, a altura dos tempos, superar a decadência da modernidade e arvorar-se no misterioso destino que é imprevisível, inesgotável e terrível, para viver a individualidade circunstancial.

2.4 O crescimento da vida

O crescimento ao qual se refere este capítulo é uma extensão da discussão anterior: a subida do nível histórico encontra-se associada ao crescimento da vida na sociedade contemporânea. A noção de vida cresceu e se desenvolveu no mundo. E mundo conota possibilidades que se abrem no cotidiano. Ortega y Gasset, neste quarto artigo, uso o exemplo de dois homens, um de nosso tempo e outro do século XVIII, que dispõem do mesmo valor em dinheiro, proporcional ao seu tempo, e certamente o primeiro terá, de forma fabulosa, maiores possibilidades de compra e escolha, e isso se deve justamente à altura dos tempos e ao crescimento acelerado da vida e suas infinitas escolhas.

Este exemplo ilustra as possibilidades que a circunstância nos oferece. Mas esta circunstância é uma construção humana e não divina e, por isso, ela não deve determinar a vontade do homem, mas oferecer possibilidades ao homem. De acordo com esse entendimento é que afirma Ortega y Gasset: “Dizer que vivemos é a mesma coisa que dizer que nos encontramos num ambiente de possibilidades determinadas. A esse âmbito costuma-se chamar as circunstâncias”⁶⁰. Neste capítulo, o autor retoma o conceito de circunstância, que havia iniciado na obra *Meditações de Quixote*.

⁶⁰ ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*. 1987, p. 70.

Por circunstância, Ortega y Gasset compreende as escolhas autênticas que cercam o homem. Representa o que o homem pode ser, isto é, por meio da circunstância é que se percebe se o homem é massa ou minoria especial. Por isso é que o filósofo espanhol recorre ao exemplo dos dois homens apresentados mais acima, para dizer que, na contemporaneidade, a circunstância é muito mais dinâmica e rica em oportunidades. O objetivo da discussão deste conceito é apresentar aos seus leitores como o mundo mudou e como se fartou de possibilidades e oportunidades, ou seja, como aumentou o nível de vida. Para isso, Ortega y Gasset utiliza, neste artigo, diversos exemplos que mostram, a partir da própria história, como o presente supera o passado. Seja na física, na biologia ou em qualquer outro ramo da ciência é possível afirmar a superioridade⁶¹ do tempo presente em relação a outros tempos.

Não significa que hoje, segundo Ortega y Gasset, a vida seja superior à dos tempos passado. Não se trata de qualidade de vida, mas do crescimento que ela tomou na sociedade contemporânea. Uma espécie de tônus vital que o homem de hoje possui frente aos seus antepassados. Mas, na medida em que este nível de vida nos parece formidável, ele traz consigo a incerteza de uma sociedade melhor, isto é, de homens melhores. E com tantas possibilidades, com tanto avanço, perdura hoje o homem-massa. Para este novo tipo de homem, tanto faz que haja possibilidades; ele quer tomar decisão, participar da política e fazer tudo que lhe aprouver. O que ele não quer é se esforçar para compreender a vida na sua finitude que, lançada na circunstância, tem como missão transformá-la em vida nobre e sublime.

Semelhante aos demais artigos, há uma dualidade na formulação teórica orteguiana. Vemos, no primeiro momento, uma apresentação de sociedade que superou todas as expectativas e rompeu os seus próprios limites. Posteriormente a isso, o filósofo faz uma série de reflexões e, ainda, recorre a exemplos da história para legitimar sua discussão e, por fim, denunciar a decadência dessa mesma sociedade. Esse debate paradoxal é aparentemente proposital. Pretende-se, na perspectiva do autor, fazer uso das possibilidades discursivas para, posteriormente, delinear a raiz de sua reflexão.

⁶¹ Esta superioridade é em relação às possibilidades circunstanciais. Por isso, Ortega y Gasset faz uma alusão ao pensamento científico de Einstein que supera, segundo ele, o de Newton. Assim, diz Ortega y Gasset: “A Física de Einstein move-se em espaços tão vastos, que a antiga Física de Newton ocupa nela apenas uma água furtada” (ORTEGA Y GASSET, 1987: 71).

Para Ortega y Gasset, interessava apresentar ao seu público como a idéia de progresso, perseguida pelos intelectuais de seu tempo e a noção de avanço científico de nada importam se o homem continua incapaz de enfrentar a sua circunstância e transformá-la em espaços melhorados. Neste ponto de vista, esclarece Ortega y Gasset: “(...) vivemos num tempo que se sente fabulosamente capaz de realizar, mas não sabe o que realizar. Domina todas as coisas, mas não é dono de si mesmo. Sente-se perdido em sua própria abundância”⁶². Eis a contradição. Uma época que tem o nível de vida acelerado e repleto de possibilidades. Contudo, os homens carecem de um sentido, pois vivem a frivolidade de um período em que reina o império das massas e seus desejos toscos.

O autor finaliza o artigo exortando que é hora de adentrar de forma profunda na raiz do problema. Como a discussão proposta nos capítulos antecedentes apresentou, de forma positiva, o advento das massas ao poder social, faz-se necessário observar outra questão que não se pode relevar – a dureza desse fenômeno que se agiganta na sociedade contemporânea. É premente, segundo Ortega y Gasset, descer o lado mais perigoso dessa realidade e, mesmo com toda a elevação histórica e subida do nível de vida, perceber que o tipo de homem que ordena e comanda a sociedade é um animal gregário.

Em síntese, pode-se dizer que, nesta primeira parte da discussão, o pensador espanhol argumenta em favor desse novo fenômeno, muito embora já tenha dito que há uma dualidade, pois o advento é tanto para o bem quanto para o mal. O maior problema encontrado até aqui é justamente a efemeridade de um tipo de homem que apareceu, elevou o nível da história e o nível de vida, mas que acabou vivendo como todo mundo, isto é, não compreendeu que a vida encontra-se radicada ao mistério, ao drama e ao trágico e que, por isso, o amanhã é incerto. De acordo com essa reflexão, esclarece Ortega y Gasset: “Todo aquele que se colocar diante da existência numa atitude séria e plenamente responsável sentirá um certo tipo de insegurança que o leva a permanecer atento”⁶³.

Atentar para o novo. Perseguir o novo. São fundamentos para superar os limites da própria existência, embora se deva notar que é preciso construir o presente a partir do

⁶² ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*. 1987, p. 73.

⁶³ *Ibidem*, p. 74.

passado. Observá-lo. Buscar os seus erros e acertos para enfrentar, a partir deste repertório, o drama, a tragédia e a tensão que resultam em elementos fulcrais da própria vida. Sem estes detalhes, a vida torna-se insólita e deselegante. E, ainda, não haverá vida nas próximas civilizações, mas apenas espectro de vida.

2.5 Um dado estatístico

A proposta apresentada pelo autor no artigo anterior era de percorrer outro itinerário, descrever de forma capital o prejuízo desse novo império denominado de massa. Mas Ortega y Gasset parece pretender esclarecer melhor o conceito de circunstância, para, posteriormente, ainda neste capítulo, afunilar seu entendimento. Para tanto, no início deste capítulo, afirma: “Circunstância e decisão são os dois elementos essenciais de que se compõem a vida”⁶⁴. A vida nos impõe a circunstância, e esta, nos obriga a decidir. Assim é o nosso mundo, pensa o nosso autor. A vida que é radical, como já foi apresentada, não escolhe o seu mundo, mas viver significa encontrar-se no mundo, fazer parte dele e transformá-lo.

Quando Ortega y Gasset discute circunstância, é preciso tomar outro conceito para melhor entender a noção de política no seu pensamento, a saber, liberdade. Responder à circunstância significa, no primeiro momento, “escolha” e “decisão”, pois o homem é livre. Ele escolhe o seu caminho, faz sua caminhada e decide o que quer ser no mundo. Mas este mundo não é responsável pelas decisões do homem. O mundo oferece possibilidade de escolhas, pois, com a chegada do homem ao mundo, existe uma circunstância pronta, mas passível de mudança.

Toda essa discussão é para demonstrar que o homem é livre na circunstância. E esta liberdade força-o a decidir a todo instante, mesmo que ele não queira é obrigado, segundo Ortega y Gasset, a decidir e não decidir. Essa concepção de liberdade é fatalista, não há como fugir dela. No entanto, liberdade é transformar a circunstância e criar um mundo melhorado para todos os indivíduos. É verdade que todos são livres, mas esta liberdade implica um preço, saber escolher entre as possibilidades que a circunstância apresenta, pois esta circunstância, segundo o pensador espanhol, é dilema.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 77.

A questão inquietante é: como se constitui o dilema? A circunstância não pode determinar a decisão do homem, pois este é independente da circunstância. Entretanto, circunstância e possibilidade forçam a decisão, mas não podem decidir. E decisão implica compromisso. Assim assegura Ortega y Gasset: “Em nosso tempo é o homem-massa que domina; é ele quem decide”⁶⁵. E esse tipo de homem não tem compromisso para com os ideais de nobreza e grandeza. O homem-massa, que também é livre, interiorizou esse discurso e resolveu decidir, mas decide a partir do mando circunstancial, a questão externa força esse tipo de homem a tomar decisões por meio de seus apetites.

Frente a esta discussão, Ortega y Gasset faz uma análise do processo democrático e retoma o conceito de hiperdemocracia, para mostrar que, no passado, as massas eram, aparentemente, livres, mas tudo não passava de um discurso. Vejamos o que assegura o pensador espanhol:

Não se pode dizer que era isso que acontecia na época da democracia, do sufrágio universal. No sufrágio universal não são as massas que decidem; seu papel consiste em aderir à decisão de uma ou outra minoria. Estas apresentavam seus “programas” – vocábulo excelente. Os programas eram, efetivamente, programas de vida coletiva. Neles se convidava a massa a aceitar um projeto de decisão. (ORTEGA Y GASSET, 1987:78)

As massas internalizaram a discussão de liberdade, tão apregoada no século XVIII, e inverteram a noção de democracia. As massas avançaram, construíram seus caminhos e desrespeitaram as minorias dirigentes. Já não há mais projetos para que elas sigam, pois não precisam de projetos, elas simplesmente existem. Elas estão no mundo e mandam no mundo. A denúncia, que faz Ortega y Gasset, é extremamente emblemática: primeiro, as massas invertem o conceito de democracia e o transformam em hiperdemocracia. Isto é, elas não se dão por satisfeitas com a representação política, elas querem se representar; segundo, elas dominaram o poder público e, de imediato, implantaram novos valores.

No que tange ao segundo ponto mencionado, cabem algumas considerações. O poder público é vítima, na contemporaneidade, do esfacelamento moral e vive apenas o momento presente. Isto é, não há um projeto definido de civilidade nas esferas públicas, o que ocorre é precisamente uma fuga do dilema, do drama e do conflito. O poder

⁶⁵ *Ibidem*, p. 78.

público transforma-se no efêmero e onipotente. Quer dizer, não há um projeto transparente do poder público a fim de atender às demandas da sociedade e transformá-las, de fato e de direito, para o bem comum. Esta noção de poder que perpassa a idéia de coletividade é na sociedade atual onipotente para com as diferenças, a civilidade e, acima de tudo, para com o homem-especial. Isto é, a ação da massa é violenta contra todo ideal de nobreza e grandiosidade que se espera de um poder público aquilatado para com os seus princípios. Nesse sentido, nos adverte Ortega y Gasset:

Em resumo: vive sem programa de vida, sem projeto. Não sabe aonde vai porque, a rigor, não vai, não tem caminho prefixado, trajetória predeterminada. Quando esse poder público tenta se justificar, não se apóia absolutamente no futuro, mas, ao contrário, restringe-se ao presente e diz candidamente: “sou um modo anormal de governo que é imposto pelas circunstâncias (ORTEGA Y GASSET, 1987: 79).

A questão do poder público associa-se diretamente à ação do homem-massa. E este é o que de pior há na sociedade, isto é, todos os problemas sociais e políticos são resultados de uma massa que apareceu de forma agigantada na sociedade e resolveu interferir nos assuntos públicos e especiais desse espaço público. Para tanto, ainda neste artigo em análise, Ortega y Gasset recorre ao economista Werner Sombart⁶⁶ para reafirmar a sua discussão de que a sociedade avançou com a aparição das massas em todos os lugares da sociedade contemporânea. É visível no texto orteguiano o recorte histórico que ele faz para elucidar sua discussão. O economista apresenta, com base em análise histórica, como aumentou o número de pessoas no mundo nos últimos séculos.

Para Ortega y Gasset, maior do que o aumento das pessoas no mundo é a velocidade com que se processou o crescimento. Werner Sombart apresenta um gráfico em que, de 1800 a 1914, a população triplicou em relação a um período de tempo bem maior, isto é, do início do século VI até o ano de 1800. Mas o que apavora o pensador espanhol é justamente a velocidade impressionante como tudo aconteceu e o potencial

⁶⁶ A referência a este autor na obra *A Rebelião das Massas* é para demonstrar por meio de um dado estatístico como a massa apareceu e se agigantou na sociedade contemporânea. Esclarece Ortega y Gasset: “(...) desde o início da história européia no século VI até o ano de 1800 – portanto, no decorrer de doze séculos -, a Europa não conseguiu ultrapassar a cifra de 180 milhões de habitantes. Pois bem: de 1800 a 1914 – ou seja, em pouco mais de um século – a população européia cresceu de 180 para 460 milhões”. (ORTEGA Y GASSET, 1987:80)

de crescimento e mudança da presença desse fenômeno na sociedade. Como já foi apresentado em outro momento, pode-se considerar este avanço como positivo e negativo. Mas sua carga histórica é, sem dúvida, um problema para as gerações.

Ao final deste artigo, intitulado *um dado estatístico*, o autor faz uma previsão de que, caso esse crescimento se estenda, ou seja, o homem-massa continue mandando na Europa, no prazo de poucos anos, a sociedade retrocederá e será perceptível à barbárie. Por certo, Ortega y Gasset alerta a sociedade para os riscos que podem ocorrer com a presença da multidão nos movimentos sociais e de massa sem a consciência da participação. É justamente o que viria a suceder com o fascismo e o nazismo na Europa, movimentos de massa que legitimaram a barbárie. E conclui seu pensamento alertando para que se conheça a fundo esse novo homem que suplantou a cultura européia.

2.6 Começa a dissecação do homem-massa

Após apresentação do formidável fato que representa o surgimento da massa na sociedade contemporânea, Ortega y Gasset direciona sua reflexão para o homem-massa. Nos primeiros capítulos da obra *A Rebelião das Massas*, busca compreender o fenômeno visual, fazendo uma série de pontuações em torno da história para que o leitor compreenda a gravidade do problema que se faz presente aos olhos da sociedade. A discussão, entretanto, parece limitada e paradoxal, uma vez que o autor reconhece aspectos positivos e negativos no advento desse fenômeno visual.

A questão da limitação é aparente, e o que parece paradoxal desvela-se na medida em que o autor dissecar, dentro do contexto de massa, o homem-massa e, também, quando convida o leitor para o aprofundamento da reflexão que, segundo ele, é exuberante e formidável. Uma espécie de exercício filosófico para contemplar o bosque que se oculta com a presença das árvores. O autor inicia o capítulo desnudando o que considera capital na discussão, dissecar o homem-massa, que não é um fato novo, pois qualquer pessoa, com um mínimo de perspicácia, percebe que o século XIX excitou de forma assustadora a participação das massas no cenário público.

Ainda na primeira parte do artigo, ele faz referência à assertiva de Hegel, “as massas avançam”, para demonstrar que a questão da participação popular não era tão nova assim; posteriormente, menciona Auguste Comte e Nietzsche para comprovar que

sua discussão parte de uma reflexão histórica e que esses pensadores haviam, de forma profética, renunciado a decadência da sociedade moderna. Por tudo isso, assegurou Ortega y Gasset: “Se o futuro não oferecesse um flanco à profecia, não poderia tampouco ser compreendido depois de se cumprir e de se tornar passado”⁶⁷. Entretanto, não se trata de uma filosofia da história. Mas de um recurso histórico, ou seja, um caminho que outros autores percorreram e deixaram lacunas para novos debates.

Deve-se observar que, neste momento, o pensamento de Ortega y Gasset faz uso de um aporte teórico que, anos antes, pensara os perigos de uma movimentação em demasia das massas no cenário social. Mas não se pode ocultar que este fenômeno, segundo o pensador espanhol, é amplamente alterado na sociedade contemporânea, uma vez que o homem-massa superou todas as expectativas de avanço e participação. Sua presença e a sua ação resultam, na perspectiva de Ortega y Gasset, de fatores externos e históricos. Nesse sentido, afirma o pensador espanhol: “Cria-se um novo cenário para a existência do homem, novo no físico e no social. Três princípios tornaram possível esse novo mundo – a democracia liberal, as experiências científicas e o industrialismo”⁶⁸.

Por esta compreensão, faz-se necessário, à luz do pensamento orteguiano, perceber que nenhum dos fatores mencionados é filho do século XIX. Mas a contribuição deste século é justamente a implementação desses princípios e a sua garantia para todos os indivíduos por meio do que o autor considera mais absurdo: igualdade dos homens. Contudo, o intelectual da sociedade contemporânea não percebe o abismo que separa os homens do século XIX, isto é, eles não são iguais, pois existem dois tipos de indivíduos. E esse novo homem que vem comandando a sociedade pensa que a vida é sem limites, por isso fustiga seus apetites prófugos de forma inexorável contra a vida social e política da sociedade contemporânea.

Já dissemos anteriormente que a vida é radical, dramática e trágica no seu cotidiano. Agora, resta-nos dizer que a vida é pressão e opressão, ou seja, não se trata de uma questão social e jurídica, mas de uma força propulsora que perpassa a noção de liberdade e se estende ao desejo existencial. Mas o homem-massa, que é, antes de tudo, um técnico vulgar, um ingrato⁶⁹ e ainda mimado⁷⁰ para com os limites da própria vida,

⁶⁷ ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*, 1987, p. 85.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 87.

⁶⁹ A noção de ingratidão é perfeita em Ortega y Gasset. Para este pensador há nas entranhas do homem-massa o desprezo pelos antepassados que nos legaram toda construção, toda magnificência e toda

não compreende a pressão que a vida exerce em torno de sua dimensão. Para o homem-especial, ao contrário do homem-massa, a vida chega a oprimi-lo, quer dizer, exige dele uma resposta para com os problemas cotidianos e o força ao entendimento da finitude existencial. A opressão não é pejorativa, mas instigante e excitante no sentido de fornecer ao homem a possibilidade de se perceber no mundo como finito e limitado. O segredo da vida como opressão é a compreensão de que não somos eternos e, ainda, que somos mais do que livres, somos construtores de um espaço temporal e circunstancial.

O texto orteguiano é recheado de metáforas. É comum nos seus ensaios um recurso estilístico pujante e crítico, como o que observamos ao final do capítulo *Começa a dissecação do homem-massa*: “Nas agitações provocadas pela escassez, as massas populares costumam procurar pão, e o meio que empregam costuma ser o de destruir as padarias”⁷¹. A ironia orteguiana nos direciona para o entendimento de que as massas não observam que todos os benefícios da sociedade moderna são realizações de uma minoria prodigiosa e autêntica. Isso não significa dizer que nasceram predestinados ao prodígio; pelo contrário, sentiram, segundo o autor, a pressão da vida e seus limites nas circunstâncias em que se encontravam.

Ainda em relação à assertiva orteguiana, “destruir as padarias” significa pisotear a história, a cultura e, acima de tudo, a magnificência da vida como pressão e opressão. O homem-massa, não compreendendo a construção prodigiosa de um passado, pensa apenas o presente, por isso rejeita a civilidade que fora criada com esforço e cuidado. Este homem que tem fome e que quer pão, no afã de seu apetite, destrói a padaria, ou seja, não compreendendo a finitude da vida e sua existência, a lança no mundo sem as preocupações e, por isso, a condena à mediocridade cotidiana.

De certo modo, Ortega y Gasset afunila a discussão neste artigo, ao tocar o problema que considera capital. Não parece dissecar o conceito de homem-massa, mas apresenta com certa veemência o aparecimento deste homem medíocre e vulgar. E, ainda, nos faz entender que a vida não é só radical, é também uma vocação e cuidado.

genialidade de um punhado de indivíduos que possibilitou que tal sociedade existisse. Acrescenta Ortega y Gasset: “Porque, de fato, o homem vulgar, ao se encontrar com este mundo técnica e socialmente tão perfeito, pensa que foi criado pela Natureza, e nunca se lembra dos esforços geniais de indivíduos excepcionais que a sua criação pressupões”. (ORTEGA Y GASSET, 1987: 89).

⁷⁰É, também, formidável a noção de mino em Ortega y Gasset. A criança mimada, segundo ele, não conhece os limites de sua ação. Vive da impressão de que tudo lhe é permitido e por isso não obedece a ninguém. Vive os seus frívolos desejos de criança. Cf. Ortega y Gasset, *A Rebelião das Massas*. 1987. p. 89.

⁷¹ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*, 1987, p. 91.

Por isso, não se pode pensar o homem-massa dissociado de sua vida circunstancial e cotidiana, pois viver é ariscar-se para o amanhã, vencer as intempéries de cada dia e observar a genialidade do passado que muito tem a nos ensinar. De posse dessa compreensão, compete pensar a ação como escolha do homem para que se compreenda se sua vida é nobre ou vulgar. Deste modo, estende-se a análise do homem-massa na sociedade a partir de suas escolhas no dia-a-dia.

2.7 Vida nobre e vida vulgar, ou esforço e inércia.

Ortega y Gasset retoma neste artigo a relação entre homem e mundo. Este é, para o autor, possibilidades; viver é lidar com o mundo, modificar o mundo. As massas entenderam que modificar o mundo é seguir os apelos do mundo, seguir à deriva como um barco sem rumo. No passado, as possibilidades eram menores, e menores também eram seus problemas, pois viver, para o homem-massa, significava dificuldade, limitação e dependência. Mas agora, na sociedade moderna, as massas avançaram e criaram novos valores. O mundo se apresenta como ilimitado, sem dificuldade e livre. Esta concepção, segundo o autor, forja na alma de cada sujeito uma forma vulgar de se viver a vida.

É importante notar que, para o pensador espanhol, o homem-massa sempre existiu, mas a história testemunha a existência de um homem que, mesmo sendo massa, respeitava os limites da vida, subordinava-se às instâncias superiores e, agora, rebelou-se, como esclarece Ortega y Gasset: “Viver é não ter limites algum, portanto, é abandonar-se tranqüilamente a si mesmo. Praticamente nada é impossível, nada é perigoso e, em princípio, ninguém é superior a ninguém” ⁷². Esta é a condição vulgar de vida que executa o homem-massa, porque a sociedade contemporânea, por meio de suas possibilidades circunstanciais, oferece plena liberdade para esta nova modalidade de vida. Assim, passa a não respeitar as instâncias superiores e se nivela segundo a noção de igualdade desencadeada no século XVIII para todos os indivíduos. Pode-se dizer que não há nobreza nesse tipo de vida que povoa a sociedade contemporânea; pelo contrário, observa-se uma vulgaridade existencial.

⁷² *Ibidem*, p. 94.

É importante retomar o entendimento do que Ortega y Gasset considera nobre, mas, antes, faz-se necessário concluir sobre a vulgaridade das massas na sociedade contemporânea. O seu estilo é rebelde para com a minoria seleta e dócil para com a circunstância. Quer dizer, a massa vive a exterioridade no cotidiano e, por isso, é seduzida pelas circunstâncias que contornam a ação do novo tipo de homem denominado massa. Em relação à concepção de nobreza, não há nenhuma inovação⁷³ conceitual, mas devemos considerar que Ortega y Gasset subverte a noção tradicional e postula um repertório diferenciado a fim de observar a nobreza associada à boa luta⁷⁴.

Nobreza, no sentido proposto por Ortega y Gasset, representa exigência e obrigação, pois ser nobre não significa, apenas, ter direitos e privilégios. Para corroborar essa concepção, o pensador espanhol faz uso da assertiva de Goethe de que “viver à vontade é de plebeu: o nobre aspira à ordem e a lei”⁷⁵. O nobre deve viver esforçando-se cotidianamente para transformar as circunstâncias e, como privilégio, não deve esperar riquezas, favores, mas conquistas cotidianas.

Esta concepção abrange também o intelectual, que não se esforça para resolver os seus problemas, que parte apenas do seu conhecimento, sem procurar alternativas para o problema existente. Há uma crítica mordaz ao intelectual do antigo liberalismo que não enxergava outros caminhos que não fossem do próprio liberalismo atrasado. Em oposição a esse homem, Ortega y Gasset apresenta o homem-especial, que não se limita ao que o cerca, que se esforça em busca de várias alternativas de conhecimento para oferecer múltiplas possibilidades aos problemas do dia-a-dia. O pensador espanhol denota um profundo desprezo para com os intelectuais que, segundo ele, degeneram o conceito de nobreza e desprezam a inspiração que provoca nos homens que compreendem o real sentido do termo.

Decerto que, para muitos, o conceito de nobreza encontra-se associado a uma questão sangüínea, de hereditariedade, uma espécie de qualidade passiva e comum, que, segundo o autor, recebe-se e transmite-se de forma estática e certa. Por isso escreve

⁷³ A nobreza é entendida por Nietzsche como condição privilegiada da existência. Porém, esse privilégio não é herdado, mas apropriado pela condição superior de um determinado tipo de homem que assume a existência em todos os sentidos, inclusive nas vicissitudes.

⁷⁴ Hesíodo, diferente de Homero, pensa a virtude associada à boa luta. Quer dizer não basta a relação sangüínea entre homens e deuses nem entre homens e heróis. A virtude, entendida também como nobreza, era justamente a boa luta que fazia o guerreiro em suas escolhas cotidianas. Ortega y Gasset absorve esse entendimento e transpassa para seus escritos por meio do que considera boa luta no sentido de ser nobre, ou seja, ser famoso, ser conhecido.

⁷⁵ In. ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*, 1987, p. 95.

Ortega y Gasset: “Mas o sentido próprio, o *etymo* do vocábulo ‘nobreza’, é essencialmente dinâmico. Nobre significa o ‘conhecido’, entenda-se o conhecido por todo mundo, o famoso, que se faz conhecer por sobressair da massa anônima”⁷⁶. O conhecido é o sujeito que se destaca com sua boa luta e não herda de sua tradição familiar a fama e a glória, uma espécie de luz refletida. Mas o nobre verdadeiro, este que é forjado na boa luta, faz surgir a sua glória com suas próprias mãos na construção de uma nova história. Para este, segundo o pensador espanhol, a vida é uma vocação e, por isso, ele se obriga a transcender a sua condição e seu cotidiano.

Ortega y Gasset recorre à cultura chinesa para demonstrar que de nada importa a glória se esta não for circunscrita por cada vida finita e circunstancial. Para o autor, os chineses inverteram a noção de nobreza. Quer dizer, não é o pai que passa para o filho a glória e a fama; pelo contrário, é o filho que passa para o pai a fama com suas vitórias diárias. De acordo com esse pensamento, afirma o pensador espanhol: “Os antepassados vivem do homem atual, cuja nobreza é efetiva, atuante, em resumo – é; não *foi*”⁷⁷. Caso o filho consiga, por meio de sua boa luta, a nobreza, ele faz sobressair sua estirpe humilde e glorifica seus antepassados. Com este exemplo, Ortega y Gasset conclui que nobreza é sinônimo de vida dedicada, ou seja, lançada na circunstância para superar a si mesma.

Para conclusão do ensaio intitulado *vida nobre e vida vulgar, ou esforço e inércia*, o autor nos adverte para o que considera capital, que é pensar a tipologia do homem contemporâneo: de um lado, o homem-especial, que busca a nobreza, esforça-se para vencer os seus próprios limites e, acima de tudo, é ativo, compreende a vida como espaço de tensão e conflito; do outro lado, o homem-massa, que é vulgar e vive dos apelos externos, é reativo e não se compromete com a transformação da sociedade, pelo contrário, esta digressão de homem suplanta a própria sociedade e provoca o caos e a barbárie.

⁷⁶ ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*, 1987, p. 95.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 96.

CAPÍTULO 2

Parte II

2.8 Por que as massas intervêm em tudo e por que só intervêm violentamente

Ortega y Gasset inicia o oitavo capítulo da obra *A Rebelião das Massas* reafirmando o império brutal em que se encontra a Europa e do qual não há como fugir. Reconhece que seus interlocutores e leitores discordam de sua teoria, considerando-a absurda e descomunal. Para o autor, as pessoas que não compreendem ou não querem entender o fenômeno da massa na sociedade contemporânea são, no primeiro momento, o ignorante despercebido e, no segundo, o especialista que, trancafiado em seu gabinete, pensa o mundo segundo sua restrita especialização e, por conta disso, não percebe o problema que ronda a Europa.

A discussão orteguiana, como já foi dito anteriormente, perpassa a idéia de massa social, por isso o homem-massa é a massa que se rebela contra as instâncias superiores que compõem a sociedade contemporânea. Há uma espécie de fenômeno que não se angustia e parece dominar toda ciência. Ortega y Gasset não poupou os intelectuais contemporâneos, por isso os chamou, também, de homem-massa. Esse tipo de homem sente-se perfeito, fecha-se em torno de si mesmo e não pensa alternativa de conhecimento que não seja a sua, é o que se pode denominar de retrato perfeito das academias modernas.

Neste capítulo, o conceito de homem-massa acha-se associado ao conceito do novo Adão⁷⁸. Uma figura do paraíso, onde o mundo é perfeito, a vida é perfeita e não se pode mais falar de sacrifício, esforço e nobreza. Agora, tudo é possível. Quer dizer, a

⁷⁸Adão é a figura perfeita do homem novo. O eu no mundo. Ortega y Gasset publica, em 1910, uma obra denominada de *Adão no Paraíso*. E apresenta, pela primeira vez, o conceito de vida atrelado ao drama. Adão representa, segundo o autor, o homem novo. Este, segundo o autor, não compreende o drama da vida, pois se perde no cenário paradisíaco. Não compreende a dimensão do esforço e do sacrifício, pois tudo já é dado em seu entorno. A metáfora é perfeita para que Ortega y Gasset reflita sobre o homem novo que se apresenta no seio da sociedade contemporânea.

alma vulgar atingiu o seu estado de êxtase. Assim esclarece Ortega y Gasset: “Já o homem medíocre de nossos dias, o novo Adão, nem pensa em duvidar de sua própria plenitude. Sua confiança em si é como a de Adão, paradisíaca”⁷⁹.

Para elucidar este problema, Ortega y Gasset recorre a uma diferença que considera eterna entre o tolo e o perspicaz: o primeiro não desconfia de si mesmo, é uma espécie de animal aprisionado em seu casulo de ignorância letárgica. O autor recorre à definição do filósofo Anatole France: “Um néscio é muito mais funesto que um malvado. Porque o malvado descansa de vez em quando; o néscio, jamais”⁸⁰. Não significa, segundo Ortega y Gasset, que o homem-massa seja um perfeito idiota. Não é isso, ele consegue pensar, mas um pensamento determinado. É certo que o novo Adão é muito mais rápido e dispõe de capacidade intelectual superior à do homem-massa do passado. Mas esta capacidade não é tão importante, pois funciona para aprisioná-lo ainda mais em seu mundo de massa e vulgaridade.

É nessa perspectiva, de massa fechada em si mesma, que o filósofo Ortega y Gasset afirma: “Consagra a coleção de tópicos, preconceitos, pedaços de idéias ou, simplesmente, palavras vazias que ao acaso foi amontoando em seu interior, e, com uma audácia que só se explica pela ignorância, quer impô-los em qualquer lugar”⁸¹. Isso provoca um deslocamento de paradigmas, isto é, no passado, as massas viviam às margens do processo político e cultural. Hoje, com o advento do que se considera moderno, o homem-massa se percebe como homem de idéia e, por isso, pode rejeitar e suplantar as decisões de uma minoria especial. Decerto que no passado as massas possuíam crenças, costumes, mas nunca pensaram em dispor de idéia ou de pensamento.

É a partir desta concepção que Ortega y Gasset reconhece que o homem-massa de hoje executa um repertório diferenciado do homem-massa do passado, já que as condições são outras e, ainda, este homem acredita que pode pensar por conta própria e, também, participar da vida pública. Já se apresentou anteriormente que o problema não é sua participação, mas a forma de sua participação. É possível que a massa participe da sociedade, entretanto o seu papel não pode ser o principal na sociedade, pensa o autor, mas, o secundário, o de coadjuvante, a menos que consiga migrar para o estado de

⁷⁹ ORTEGA Y GASSET, *A Rebelião das Massas*. 1987, p. 102.

⁸⁰ In: ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*. 1987, p. 103-104.

⁸¹ ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*. 1987, p. 103.

minorias e assumir o caráter de pensar a sua circunstância e agir de acordo com os desejos de nobreza e grandeza, características essenciais das minorias autênticas.

Retomando a discussão do homem-massa, faz-se necessário pensar outra questão de grande relevância: não se pode falar de idéia ou opinião se não se estabelecerem as regras que as nortearão. Nesse sentido o pensamento orteguiano é pungente ao expor a incapacidade das massas de exercer a faculdade de pensar e conjecturar idéia e opinião. Perseguindo este expediente, temos a seguinte reflexão de Ortega y Gasset: “Não se pode falar de idéias ou opiniões quando não se admite uma instância que as regule, uma série de normas que devem ser observadas na discussão” ⁸². Dessa forma, as massas rebeldes não estão subjugadas a nenhuma instância superior, por isso desconhecem a obediência e o respeito, por isso acreditam que possuem a condição de idéia, mas ocorre que, segundo o autor, possuem apenas o sentimento da idéia, ou seja, são possuidoras do desejo e não do idear. Ademais, a noção de idéia pressupõe um envolvimento com a concepção de cultura. Vimos que é preciso estar em harmonia com as normas e regras da própria sociedade para, no momento posterior, conjecturar idéias. O novo Adão é saudosista e não pode encontrar-se imbricado diretamente com a perspectiva de ruptura e mudança de paradigmas. Nesse sentido é que Ortega y Gasset exorta: “O grau da cultura é medido pela maior ou menor precisão das normas” ⁸³. Ainda assim, questiona o pensador espanhol, como é possível falar de cultura numa sociedade denominada moderna se ela perdeu a noção de norma?

No fundo, para responder a essa questão é preciso observar a relação entre cultura e norma. No pensamento orteguiano, a norma é percebida como estruturação de princípio, associada à noção de cultura, isto é, a sociedade é uma organização que se mantém pelas suas instâncias jurídicas, sociais e políticas, as quais precisam ser observadas pelos homens e respeitadas no seu cotidiano para o bom funcionamento da esfera pública e privada. No entanto, as massas destruíram, por causa da sua ignorância e insensibilidade, a capacidade de observar as normas e conservá-las para o bom desenvolvimento da humanidade. Ocorre que, segundo o autor, quando falta uma instância superior de regulação da sociedade, perde-se a noção de cultura e sobrevém a barbárie. Ortega y Gasset entende a barbárie como ausência total de normas e condutas e recorre ao exemplo de um viajante que, chegando a um país bárbaro, sabe que não

⁸² *Ibidem*, p. 104

⁸³ *Ibidem*, p. 104

pode recorrer a princípios vigentes, pois não há normas bárbaras previamente determinadas.

De posse deste exemplo, o filósofo espanhol direciona, de forma peculiar, críticas à cultura espanhola e, por conseguinte, aos intelectuais de seu tempo e esclarece que a questão de cultura não significa saber mais ou saber menos; corresponde a cuidado e cautela para se ajustar à verdade. E com relação à verdade, o filósofo acrescenta que, como ela não se encontra em nossas mãos, é preciso um esforço grandioso para se aproximar dos requisitos elementares de sua compreensão. Isto é, o homem não pode tomar como verdade o aparente, o ilusório e o superficial sem o aprofundamento das questões que são dadas para o entendimento do problema.

De acordo com esse raciocínio, acrescenta o pensador espanhol: “Continuamos sendo o eterno cura de aldeia que rebate triunfante o maniqueu, sem antes ter se preocupado em averiguar o que ele pensa”⁸⁴. Esta compreensão orteguiana possibilita, nesse primeiro momento, a denúncia dos movimentos políticos que estavam surgindo na Europa. Na perspectiva do enunciado orteguiano, a massa não busca o *logos* da coisa em si, não aceita o diferente e destrói o egrégio. Vemos, mesmo que o autor não pretenda, a presença da metafísica⁸⁵ nessa discussão.

Ainda em relação aos movimentos políticos, o autor se refere ao sindicalismo e ao fascismo, movimentos que são a expressão contundente da ação do homem-massa que surge na Europa. Para este novo homem, segundo Ortega y Gasset, não importa a razão, o interessante são suas opiniões, seus desejos e sua fugacidade, como adverte a seguir:

Entre as espécies de sindicalismo e fascismo aparece pela primeira vez na Europa um tipo de homem que não quer dar razão, nem quer ter razão, mas que, simplesmente, mostra-se decidido a impor suas opiniões. Aqui está o novo – o direito a não ter razão, a razão da sem razão. Vejo nisso a manifestação mais inequívoca do novo modo de ser das massas, por ter se decidido a dirigir a sociedade sem ter capacidade para isso. (ORTEGA Y GASSET, 1987: 106)

⁸⁴ *Ibidem*, p. 105.

⁸⁵ Ortega y Gasset teve uma influência significativa dos filósofos neokantianos em sua formação intelectual. Por isso, é visivelmente detectada, na discussão apresentada, a metafísica kantiana. Decerto que resvala no enunciado apresentado, mas é inegável a importância do pensador alemão Emanuel Kant (1724 – 1804) na formação filosófica do filósofo de Madrid.

A questão, entretanto, ultrapassa os limites da política, pois se percebe uma fruição dos espaços públicos por esta nova modalidade de homem sem a responsabilidade racional de pensar o coletivo pela sua singularidade. Essa modalidade de homem não aceita uma instância superior e, por isso, ele se configura como superior. O resultado, segundo o autor, não poderia ser outro senão a violência e a barbárie.

Retomando a discussão apresentada no parágrafo anterior, pensar o coletivo a partir da singularidade, é sabido que o homem moderno age de acordo com os seus desejos torpes. Na verdade, para o filósofo espanhol, o homem-massa pensa que pensa, quer dizer, acredita que dispõe de idéias, mas não sabe idear. Este homem não pode pensar a coletividade se não se percebe de forma singular como sujeito da sociedade. Nesta perspectiva, afirma Ortega y Gasset: “O homem médio tem idéias dentro de si, mas carece da função de idear”⁸⁶. É notório que, para o filósofo espanhol, não basta o desejo de participar, é preciso compreender essa participação. Falta ao homem-massa a dimensão do “eu” como conhecimento e encontro consigo mesmo. Por isso que se faz necessário o pensar singular para, posteriormente, o *vir-a-ser* coletivo no pensamento orteguiano.

No entanto, é preciso retomar a relação entre idéia e o processo racional que a cerca. Para Ortega y Gasset, o idear subordina-se a uma instância superior e a regula a partir da concepção de cultura que circunda o indivíduo. E a cultura, denominada de moderna, solapa da minoria o direito de comandar os destinos da sociedade. Assim, subverte a ordem das diferenças e sobrevém, segundo o autor, o nivelamento do homem que passa a ser igual em toda Europa.

Para Ortega y Gasset, ainda será reconstruída a gênese do seu tempo presente pelos homens da ciência. Neste momento, todos verão que, a partir de 1900, os sindicalistas, realistas franceses e todos que postularam a participação das massas nos espaços públicos edificaram na sociedade moderna a denominada “ação direta”. Por certo, compreenderão o que se apresenta agora – a presença da massa em todos os lugares da sociedade agindo de forma indolente. No presente momento histórico, segundo o autor, a discussão encontra-se arrefecida. Isto é, não se percebe ou não se quer perceber o fenômeno visual que se abre aos olhos, a saber, a rebelião das massas e sua conseqüente ação direta.

⁸⁶*Ibidem*, p. 106.

O processo da ação direta, entendido por Ortega y Gasset, é, ao mesmo tempo, uma ação violenta. Mesmo sabendo que no passado a violência sempre tenha existido, é na contemporaneidade que esta, por meio da ação direta, se sustenta como razão última. Assim, adverte o filósofo de Madrid no capítulo observado: “A civilização não é outra coisa senão a tentativa de reduzir a força à última ratio”⁸⁷. Mas é na vertente contrária que caminham as massas. Quer dizer, por meio da ação direta, as massas invertem a ordem e interpõem a violência como causa final de sua ação. Vale ressaltar, segundo o pensador espanhol, que no passado havia também a ação direta das massas na esfera pública, mas era casual e ocasional. No momento presente, tornou-se, na visão do autor, uma prerrogativa peremptória.

Com essa reflexão, Ortega y Gasset retoma a idéia de civilização e acrescenta que não é possível pensá-la fora dos moldes da convivência singular e coletiva, ela nasce da vontade do indivíduo que é, antes de tudo, egrégio. Por isso, afirma: “Somos incivis e bárbaros na medida em que não contamos com os demais”⁸⁸. De certa forma, não é possível, na perspectiva orteguiana, pensar o novo Adão dissociado da dimensão de violência e de barbaridade.

Pode parecer contraditória a tese sustentada por Ortega y Gasset na obra *A Rebelião das Massas*: nos primeiros capítulos, o autor relata de forma positiva a elevação histórica e seu progresso civilizacional com o advento da sociedade contemporânea, mas, logo em seguida, relaciona progresso e barbárie ao homem-massa. Decerto que, com esta modalidade de homem, a Europa assiste ao progresso, advindo da elevação do nível de vida européia, mas também à barbárie que, segundo o autor, resulta da ação violenta desse homem que não reconhece as instâncias superiores. O paradoxal e contraditório se desvelam, porém, na medida em que o autor esmiúça os conceitos de progresso e barbárie.

A discussão em torno de civilização proposta pelo autor nos faz compreender a relação do espaço circunstancial com a ação direta das massas. Nesse sentido, o que se apresenta como progresso e elevação histórica, nos primeiros capítulos da obra *A Rebelião das Massas*, pode ser interpretado à luz orteguiana de barbárie e retrocesso⁸⁹.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 107.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 108.

⁸⁹ A questão do progresso é paradoxal. O filósofo Walter Benjamin reflete a respeito e parece corroborar com a discussão que faz Ortega y Gasset. No ensaio intitulado *Sobre o conceito de história*, Walter

Em nosso entendimento, Ortega y Gasset busca o contraponto entre o progresso e a barbárie segundo a ação das massas que desprezam a noção de cultura e articulam outra forma de pensar a esfera pública, ou seja, pensam apenas o que é imediato e supérfluo e executam de forma violenta seus desejos.

E para contrapor à ação da violência e da barbárie das massas, Ortega y Gasset apresenta a democracia liberal como garantia e desenvolvimento da civilização, que, segundo o autor, pensa o homem em suas dimensões sociais e políticas na sociedade. E por liberalismo, o pensador espanhol nos convida a pensar da seguinte forma: “O liberalismo – é conveniente que se recorde – é a suprema generosidade: é o direito que a maioria outorga à minoria e é, portanto, o grito mais nobre que já soou no planeta”⁹⁰. A democracia liberal é, para o pensador espanhol, a grande construção da humanidade. O homem novo que vilipendiou a civilização, acreditando em seus desejos pervertidos, desprezou o liberalismo autêntico.

Ortega y Gasset apresenta, neste artigo, sua decepção para com a sociedade moderna, por ter despertado o tônico vital de um tipo gregário de homem que, agora, controla os destinos da Espanha e, por conseguinte da Europa e, ainda, inverte a ordem política, ou seja: se no passado a minoria era legitimada por uma maioria, agora a maioria não legitima a política, pelo contrário, ela executa a política e os destinos da sociedade. E como se não bastasse, as massas não desejam conviver com o diferente, ela destrói tudo que não é ela.

Observando a questão do ponto de vista da democracia liberal, faz-se necessário considerar que, para Ortega y Gasset, esta concepção difere da hiperdemocracia apresentada nos capítulos anteriores. Por democracia liberal, o filósofo espanhol denomina o modelo de política capaz de restaurar o passado, pensar o presente e desenhar o futuro que se espera de uma grande nação. Só por meio desse modelo político se garante a plena cidadania⁹¹: a minoria autêntica governando a massa e

Benjamin, a partir da alegoria do *Angelus Novus*, obra de arte do pintor Paul Klee, satiriza a idéia de progresso. Segundo o autor, com o progresso ocorre também a barbárie. E o angelus do Paul Klee, para Walter Benjamin, representa a linha tênue entre o progresso e a barbárie.

⁹⁰ ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*. 1987. p. 108.

⁹¹ Importante notar que cidadania é semelhante à civilidade. Isto é, difere da compreensão popular que postula igualdade nas relações sociais e políticas na sociedade. Para Ortega y Gasset, a questão é assegurar o desenvolvimento da cidade a partir da convivência, ou seja, desejo de viver em comunidade e fortalecer as relações de progresso e nobreza entre os que podem mandar e os que têm que obedecer. É possível que o pensamento aristotélico esteja envolvido na formulação teórica orteguiana. Isso porque para o filósofo grego o homem é o animal político, ou ainda, nasce para felicidade a partir das relações

garantindo a civilidade. A hiperdemocracia suplantou a democracia liberal e trouxe para o seio da sociedade o caos e a barbárie.

O objetivo desse oitavo capítulo da obra *A Rebelião das Massas* é apresentar a ação das massas na sociedade atual e, para tanto, conceitos importantes foram trabalhados pelo autor para sustentar sua discussão. De forma especial, queremos retomar o conceito de homem-massa que o pensador irá denominar de o novo Adão, nome que aparece como título de uma de suas obras de estética. Para o autor, quando Adão aparece no paraíso, semelhante a uma árvore, vem com ele também a vida. E vida aqui é sinônimo de problema. Porém, esse homem paradisíaco, isolado em seu paraíso, não compreende sua circunstância e se limita ao mundo que o cerca. Nesse sentido, afirma Ortega y Gasset: “Adão no paraíso é a vida simples e pura, é o débil suporte do problema infinito da vida”⁹².

Com essa reflexão, é possível compreender o porquê de o autor recorrer a essa figura bíblica para discorrer sobre a ação das massas. O novo homem, ou inda, o homem-massa, que é denominado de Adão, não suporta a dimensão da vida como problema. Isto é, com Adão nasce a vida, mas esta se prende à questão paradisíaca e se limita ao infinito que o impossibilita do esforço, do avanço e prende-se à facilidade cotidiana que o aprisiona. Não há nesse homem a maravilha da descoberta, da incerteza e da luta, mas apenas a reprodução constante do ontem, do hoje e do amanhã.

Para Ortega y Gasset, o novo Adão representa o comodismo virulento da sociedade moderna. Este homem – Adão –, que não reconhece outro homem senão ele, é senhor absoluto e soberano da humanidade. Esta é, segundo o autor, a realidade circunstancial da sociedade moderna. Isto é, ocorre na Europa um tipo genérico de homem que se pode denominar à luz do pensamento nietzschiano de animal gregário. Vê-se, na figura de Adão, o símbolo perfeito para descrever o homem-massa, que, entre outras coisas, não consegue perceber a complexidade da vida humana e, por conta disso, desarticula toda diferença e aniquila a singularidade dos indivíduos que o cercam.

sociais que se estabelecem na cidade. E ainda, esta relação é perfeitamente natural. Entretanto, é sabido que, para Aristóteles, os homens não são iguais e por isso não podem ser pensados pela igualdade entre si. São animais sociais, porém, são desiguais perante a própria natureza. Ortega y Gasset persegue o mesmo expediente do filósofo estagirita e pensa cidadania como forma de desenvolvimento da cidade e conseqüentemente do progresso civilizatório.

⁹² ORTEGA Y GASSET, *adão no paraíso*. 2002. p. 34.

2.9 Primitivismo e Técnica

A discussão inicial deste capítulo retoma a análise do conceito de massa, e Ortega y Gasset reforça a teoria de que a presença ostensiva da massa pode ser tanto para o bem, quanto para o mal, sem que essa assertiva expresse um juízo de quem a observa, trata-se da própria realidade como se apresenta. Nesse sentido, afirma o autor: “(...) mas a situação é por si própria uma potência bifrontal de triunfo ou de morte”⁹³. Esta assertiva da dupla interpretação desse fenômeno é constante em todos os capítulos. O autor também estabelece uma relação entre primitivismo e técnica, para compreensão da sociedade moderna.

Com essa discussão, Ortega y Gasset esclarece que não se trata de uma metafísica da história, ele percorre um expediente filosófico que fora apresentado nos capítulos anteriores. E alude que não pensa a história como determinante do processo político e social. Pelo contrário, a história, semelhante à vida, consiste de instantes desconexos que ocorrem na sociedade. Para o autor, a vida é um drama. Compete considerar que o pensador espanhol explicita que não se pode tomar a noção de vida a partir da biologia.

Para Ortega y Gasset, a configuração da vida encontra-se associada à questão biográfica, e cada sujeito define sua biografia nos instantes da história, quer dizer, o homem é construtor de seu próprio caminho. Por meio das escolhas, ele pode se tornar, na história, homem-massa ou homem-especial. Nesse sentido, afirma o pensador espanhol: “Porque a vida, individual ou coletiva, pessoal ou histórica, é a única entidade do universo cuja substância é perigo. Compõe-se de peripécias. Rigorosamente falando é drama”⁹⁴.

No entanto, o homem-massa não compreende o drama e não percebe a dimensão do perigo. Esclarece o autor, ainda neste capítulo, que não se pode resvalar, quando a questão enunciada é a vida, para a noção de vida biológica. O perigo, bem como o drama, se apresenta na construção das escolhas cotidianas e sua relação direta com as circunstâncias, ou seja, o homem como ser finito precisa, de forma radical, lançar-se na

⁹³ *Idem. A Rebelião das Massas*. 1987, p. 111.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 112.

angústia e se perceber numa dimensão singular do cotidiano. Uma espécie de “existencialismo biográfico”. Quer dizer, a existência, finita na história, deve impulsionar o homem para construir seus caminhos no terreno do hoje, e não esperar que estejam prontos para ser seguidos. Não há existência sem a história biográfica do homem, adverte o autor. O que há, na sociedade moderna, é justamente um espectro de existência, denominada, tipologicamente, de homem-massa.

Com esse modelo de interpretação, queremos demonstrar como Ortega y Gasset, em cada capítulo, especifica a discussão em torno do fenômeno visual denominado de rebelião das massas. Para tanto, o autor compreende que a Espanha é vítima de uma invertebração histórica. De um lado as massas que não aceitam uma minoria enquanto classe dirigente e, do outro, as minorias que não se impõem para assegurar o seu lugar de direito na esfera pública. Assim, para o autor, a sociedade espanhola padece de sua maior enfermidade, como se constata no trecho:

A árvore do amor romântico também exigia uma poda para se retirarem as demasiadas magnólias falsas que estavam presas em seus ramos e o furor dos cipós, volutas, retorcimentos e intricações que não a deixavam tomar sol. (ORTEGA Y GASSET, 1987:113)

É neste capítulo que Ortega y Gasset reconhece que o problema da sociedade espanhola não se fecha, apenas, na ação direta das massas. Entretanto, é preciso, segundo ele, compreender que as minorias não desempenham, como deveriam, seu papel na sociedade. A metáfora é, de certa forma, perfeita. Quer dizer, faz-se necessário repensar a minoria que está sendo configurada para dirigir a sociedade, pois não basta a necessidade do sol, é preciso, também, podar a árvore e retirar as falsas magnólias. O filósofo abre o flanco e se permite não só denunciar a presença ostensiva das massas, mas, também, averiguar as minorias existentes em sua Espanha. Aparentemente, Ortega y Gasset divide, neste capítulo, a responsabilidade do caos social entre o que denomina de homem-massa e homem-especial.

Ainda em relação a essa discussão, percebemos que o pensador espanhol se preocupa, no primeiro momento, em denunciar a presença das massas na sociedade contemporânea e, em seguida, como deveria ser a sociedade espanhola: as massas devem, segundo ele, obedecer às minorias seletas. Toda discussão transcorre segundo o princípio de que as massas devem ser subordinadas a uma instância superior na sociedade. Contudo, o eixo da reflexão é centrado na rebelião das massas e parece não

restar espaço para refletir sobre a ação da minoria no espaço público. Decerto que, quando a questão é a minoria, o autor apenas conceitua a “missão” dessa categoria de homens nos capítulos anteriores.

Verificamos que, no capítulo intitulado *primitivismo e técnica*, Ortega y Gasset quer saber não o papel das minorias, mas quem são as minorias. De certa forma, a minoria existente, para o autor, é primitiva. Parece haver uma inversão, pois as massas superam seus limites de massa e alteram a dinâmica da vida humana. Porém, com as minorias, que sempre dirigiram a sociedade, ocorre uma digressão. Daí a necessidade de extirpar, da árvore do amor romântico, os empecilhos que não permitem ver o sol. De acordo com essa reflexão nos adverte Ortega y Gasset:

A vida pública em geral, especialmente a política, requeria uma redução urgente ao autêntico, e a humanidade européia não pode dar o salto elástico que o otimista reclama dela sem antes se despir, sem correr para sua pura essência, até coincidir consigo mesma. (ORTEGA Y GASSET, 1987:113)

Nessa medida, o caminho parece inverso. É notório, para o autor, que as massas se rebelaram, assumiram os lugares preferenciais da sociedade e avançaram no sentido de mudar o rumo da história e elevar o nível de vida. Mas tudo isso está associado à inoperância das minorias para com o nivelamento dos homens proposto pelo século XVIII. O século XIX, segundo o autor, permite, por meio das minorias dirigentes, a continuação defeituosa desse discurso de liberdade e igualdade para todos os indivíduos.

Por conta disso, o novo Adão apoderou-se da civilização e, o que é pior, o novo homem não se preocupa com a civilização, apenas deseja os seus produtos. Nessa medida, os automóveis e outras benesses da civilização importam mais para esse homem do que a própria civilização. Esse animal gregário não compreende que os produtos, que considera importantes na sociedade atual, são frutos da civilização que ele despreza e rejeita. É importante notar o que nos diz Ortega y Gasset:

Significa que o homem hoje dominante é um primitivo, um *Naturmensch* emergido no meio de um mundo civilizado. O mundo é civilizado, mas seu habitante não o é: nem sequer vê a civilização nele, mas a utiliza como se fosse natureza. O novo homem deseja o

automóvel e desfruta dele, mas crê que é o fruto espontâneo de uma árvore do Éden. (ORTEGA Y GASSET, 1987: 115)

A discussão corrente nos convida a pensar o paradoxo: quem é o primitivo exposto na assertiva orteguiana? Quem domina a sociedade espanhola e, por conseguinte, a europeia? Por certo que, para o pensador espanhol, o novo Adão é o primitivo que entrou pelos bastidores do velho cenário da civilização. Entretanto, restamos a questão: quem manda na sociedade atual? Para responder a essas questões, devemos pensar a dualidade apresentada: de um lado, o homem-massa que surge no cenário político europeu e, do outro, uma minoria que, desde a revolução francesa, não se manteve alerta e vigilante, segundo Ortega y Gasset, para o advento das massas no cenário público. Contudo, é possível, a partir da questão arrolada, pensar que a minoria seleta tornou-se massa por meio do nivelamento dos indivíduos apregoados pelo século XVIII.

Ademais, urge, para o pensador espanhol, recuperar o sentido das minorias autênticas na sociedade moderna, uma vez que não há, na sociedade espanhola, um tipo definido de homem, semelhante ao arquétipo orteguiano, capaz de comandar a Espanha. Na perspectiva dos iluministas, todos os homens são iguais. Com efeito, reside nessa reflexão a contundência da crítica de Ortega y Gasset aos homens de seu tempo. Não é possível, a partir dessa perspectiva, falar de uma Espanha vital sem considerar que reina, no espaço espanhol, o novo Adão, genérico em toda a Europa. E ainda, há quem acredite, segundo o autor, que esse tipo de homem se reduz à figura da massa. Pelo contrário, ele é também, na sociedade moderna, o típico homem-especial.

À primeira vista parece que Ortega y Gasset desmonta, neste artigo, os capítulos anteriores, já que toda a discussão orteguiana, até o presente momento, buscou apresentar o homem-especial como sujeito de salvamento da Espanha. Mas, como a sociedade mudou, é preciso que o homem-especial também mude. Não se pode, para o autor, pensar como os intelectuais de seu tempo, que julgavam que a sociedade deveria ser governada pelas aristocracias restauracionistas. Nessa perspectiva, o autor de *A Rebelião das Massas* assevera que não é possível qualquer mudança social e política, pois essa aristocracia de restauração não passa de um composto de homem-massa. E ainda, pode-se acrescentar como fato normal e formidável que a Espanha real era, no entendimento do autor, primitiva.

De acordo com o pensador espanhol, é preciso vitalizar a Espanha, e isso requer do povo espanhol o salto elástico do primitivismo para a técnica. Esse ponto que trata do primitivismo e da técnica é bastante complexo, mas não menos interessante. Em 1933 Ortega y Gasset escreve a obra *A Meditação da Técnica*, a qual é um composto de apontamentos articulados para conferências e aulas que foram ministradas na Universidade de Verão de Santander. Afirma Ortega y Gasset no terceiro capítulo dessa obra:

Meu livro *A Rebelião das Massas* está inspirado, entre outras coisas, pela espantosa suspeita que sinceramente sentia então – ali 1927 e 1928; notem-no os senhores, as datas da *prosperity* – de que a magnífica, a fabulosa técnica atual corria perigo e perfeitamente podia ocorrer que se nos ocorresse em muito menos tempo de quanto se pode imaginar. Hoje, cinco anos depois, minha suspeita não fez se não aumentar pavorosamente. (ORTEGA Y GASSET, 1963:27)

Nisso, aliás, reside a profundidade dos escritos orteguianos. O autor, ao buscar estabelecer uma relação entre o primitivismo e a técnica, se recorda de forma pavorosa a preocupação que nutria com o novo homem e sua ação com a técnica, quando escrevia os artigos que compõem a obra *A Rebelião das Massas*. Depois de trinta os anos, o autor constata que o homem-massa absorve o uso da técnica e faz dela um instrumento utilitário; ele não consegue pensar a técnica dissociada de seus benefícios e, por isso, se relaciona diretamente com a idéia de progresso. A nosso ver, o temor orteguiano não era, de modo algum, um medo descabido, pelo contrário, era mais uma evidência profética. Nessa linha de entendimento, afirma Ortega y Gasset: “Está certo considerar-se o tecnicismo como um dos traços característicos da ‘cultura moderna’, isto é, de uma cultura que possui um gênero de ciência que se torna materialmente aproveitável”⁹⁵.

Desse modo, a técnica é, para o autor, uma ciência, mas não uma ciência empírica⁹⁶. Nesse sentido, afirma o pensador espanhol: “Será que se acredita de verdade que enquanto existirem *dollars* existirá ciência? Esta idéia com que muitos se tranquilizam não passa de mais uma prova de primitivismo”⁹⁷. Decerto que a importância da técnica na sociedade atual é justamente responder a suas necessidades. Entretanto, esta concepção, para Ortega y Gasset, é tosca e se limita à utilidade

⁹⁵ *Ibidem*, p. 116.

⁹⁶ A discussão em torno da ciência empírica e reduzida à biologia, bem como a física-química no pensamento de Ortega y Gasset.

⁹⁷ ORTEGA Y GASSET, *A Rebelião das Massas*. 1987, p. 117.

cotidiana. Com relação à assertiva enunciada acima, o autor nos intriga com a pergunta: qual tem sido a relação entre capital e ciência?

Para responder a essa questão, convém citar outra passagem do texto de Ortega y Gasset em que ele nos adverte: “Todo mundo sabe que, não diminuindo a inspiração científica, se os laboratórios fossem triplicados ou decuplicados, as riquezas, as comodidades, a saúde, o bem-estar se multiplicariam automaticamente”⁹⁸. A ciência empírica e sua eficácia maravilhosa, segundo o autor, impressionam e seduzem o homem-massa, e o homem-massa provoca o mesmo furor na própria ciência. Isso porque, adverte o pensador espanhol, sem a massa não pode haver ciência empírica, ou seja, um não pode viver sem o outro.

Para Ortega y Gasset, é patente a relação entre o capital e a ciência empírica. Entretanto, há uma forma de conhecimento que não desperta interesse nas massas. Quer dizer, diferente da biologia, da física e da química, existe a filosofia⁹⁹. Esta é, para Ortega y Gasset, independente, tem consciência de sua “inutilidade” e, por isso, não se apega ao homem-massa. Nesse sentido, afirma o filósofo espanhol: “Sabe que é problemática por essência e abraça com alegria seu destino livre de pássaro de Deus, sem pedir a ninguém que lhe dê atenção, sem se promover ou lhe defender”¹⁰⁰. O autor de *A Rebelião das Massas* procura, com menção à filosofia, combinar duas críticas diferentes: primeiro, criticar a ciência que não consegue, segundo ele, viver dissociada das massas e, segundo, criticar o homem-massa que não consegue observar a técnica fora de uma lógica utilitária. Para tanto, oferece o exemplo da filosofia que é livre e não precisa de nada externo para que sobreviva.

Vale ressaltar que a discussão proposta pelo filósofo de Madrid é repensar o espaço da técnica na sociedade moderna e, também, relacioná-la com a idéia de primitivismo. Portanto, é preciso pensar outro elemento de codinome ciência. A técnica é ciência, a pura ciência, assegura Ortega y Gasset. Contudo, com o advento do homem-massa, a ciência tornou-se uma técnica de caráter utilitário e, assim, primitiva. Na sociedade moderna, reina o primitivo; a ciência primitiva, a técnica primitiva e o homem primitivo. Nessa perspectiva, a discussão é conceitual, quer dizer, não há

⁹⁸ *Ibidem*, p. 118

⁹⁹ Ortega y Gasset, ao tratar da filosofia neste capítulo, faz uma referência ao pensador grego Aristóteles e sua *Metafísica*.

¹⁰⁰ ORTEGA Y GASSET, *A Rebelião das Massas*. 1987, p. 119.

consciência singular fora de um prisma utilitário. Nessa linha de pensamento, assegura Ortega y Gasset:

Principalmente se, conforme veremos, esse desapego à ciência que se vê, talvez com maior ênfase que em qualquer outra parte, na massa dos próprios técnicos – médicos, engenheiros, etc., que costumam exercer sua profissão com o mesmo estado de espírito, em sua essência, de quem se contenta em usar o automóvel ou comprar uma caixa de aspirina -, sem a menor sensibilidade íntima para com o destino da ciência, da civilização. (ORTEGA Y GASSET, 1987:119)

Por fim, a relação é imbricada entre técnica e primitivismo. Pode-se objetar que eles se completam na sociedade moderna. O cientista técnico, apresentado na assertiva orteguiana, não compreende nada que não seja sua função técnica, é o típico homem do contraste. Quer dizer, de um lado, novo, pois é filho da sociedade moderna e, por isso, não dispõe de história e singularidade e, do outro, é primitivo, não consegue perceber o que se encontra além de sua experiência. Por isso, condena a ciência e a própria civilização ao ostracismo. E ainda, esse homem, faz da técnica uma arte de reprodução e necessidade supérflua no cotidiano.

2.10 Primitivismo e história

Apresentamos, em momentos anteriores, a noção de história segundo o pensamento orteguiano, estabelecemos relação entre primitivismo e técnica e, de forma especial, destacamos a concepção de primitivismo nos escritos de Ortega y Gasset. Agora, faremos uma observação entre primitivismo e sua relação com a história à luz das idéias orteguianas.

A reflexão do autor tem como base a compreensão tipológica do homem e sua ação na sociedade atual. Nesse tópico, *Primitivismo e história*, capítulo da obra *A Rebelião das Massas*, o autor estabelece uma dicotomia entre mundo-natureza e mundo-civilizado. No primeiro, o homem pode viver como bem quiser, enquanto, no segundo, não se pode viver independente do artesão, ou seja, o mundo-natureza é teórico e cabe ao naturalismo¹⁰¹; o mundo-civilizado tem um comando, uma norma e uma cultura. O disparate do homem-massa é, para Ortega y Gasset, viver em um espaço civilizado e

¹⁰¹ Ortega y Gasset nos oferece a possibilidade de pensar culturas que não participam da civilização. Entretanto, essa realidade não é a européia. E por isso, a Espanha não pode viver o seu estado de natureza.

pensar que se trata de um ambiente natural. Nesse sentido, afirma o pensador espanhol: “A civilização parece-lhe selva”¹⁰².

De acordo com essa discussão, Ortega y Gasset reafirma que se faz necessário um comando especial e qualificado para dirigir a sociedade, pois o que se observa no espaço público espanhol é precisamente o império do homem-massa. E o detalhe teórico é, justamente, a contradição que se faz sentir na sociedade moderna: de um lado, o império do homem-massa e, do outro, o avanço da civilização. O autor reconhece o paradoxo e declara que sobrevirão, no período curto de tempo, o caos e a barbárie, como afirma neste trecho: “Quanto mais a civilização avança, mais se torna complexa e difícil. Os problemas que apresenta hoje são superintrincados. Cada vez é menor o número de pessoas cuja mente está à altura desses problemas”¹⁰³.

O fundamental, nessa discussão, é perceber a disparidade entre o tempo civilizatório e o homem-massa. Em nosso entender, a partir da assertiva orteguiana, falta uma noção cristalizada de princípio entre os indivíduos. Uma espécie de norma e instância superior capazes de interligar os indivíduos num processo de civilidade. Mas para que isso ocorra é premente retomar o entendimento do que o filósofo denomina de história. Contudo, apresentamos anteriormente a noção de história, agora observaremos, na perspectiva do autor, o fato histórico que determina o primitivismo. Nesse sentido, afirma Ortega y Gasset: “Na Grécia e em Roma não foi o homem que fracassou, mas seus princípios”¹⁰⁴.

Isso nos encaminha, enfim, para compreender a dualidade em Ortega y Gasset em relação à noção de fracasso que ocorre na linha da história. De um lado, na antiguidade clássica, fracassam os princípios, ou seja, povoam os espaços públicos e não existem mecanismos jurídicos para garantir a sobrevivência integral da sociedade. Do outro lado, ao contrário do passado, o homem na sociedade moderna fracassa. Quer dizer, não consegue acompanhar o progresso da civilização e daí advém o perigo e a barbárie. Para elucidar a discussão, vale recordar a metáfora do camponês que, com os dedos calejados e desajeitados, tenta pegar uma agulha sobre a mesa. Dessa forma,

¹⁰² ORTEGA Y GASSET, *A Rebelião das Massas*. 1987, p. 122.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 123.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 123.

adverte o autor: “O saber histórico é uma técnica de primeira ordem para conservar e continuar uma civilização provecta”¹⁰⁵.

Assim, o autor reivindica um novo sentido de história. Segundo ele, faz-se necessário despertar o interesse pela história e sua influência na construção do cotidiano. O problema do século XIX, na ótica de Ortega y Gasset, é o alto grau de amnésia que sofre o povo espanhol, o que gera um prejuízo intelectual desumano para sociedade. Veja o exemplo que recorre o nosso autor. Segundo ele: “As pessoas mais ‘cultas’ de hoje são de uma ignorância histórica incrível”¹⁰⁶. Subtende-se que os cultos administram a sociedade européia, mas não dispõem de um conhecimento prévio de história, por isso, reproduzem os mesmos erros do passado. A história deve ser o nosso guia, atesta o autor, e nosso ponto para acompanhar o desenvolvimento da civilização.

Enfim, Ortega y Gasset reestrutura o seu percurso intelectual e denuncia, além da presença ostensiva das massas no cenário político, a falsa constituição de intelectuais. Dessa maneira, observamos o percurso orteguiano para desmistificar o que considera progresso e civilização. A partir desse pensamento, assevera o filósofo espanhol: “O que é inconcebível e anacrônico é que um comunista de 1917 se lance numa revolução que é idêntica em sua forma a todas que já aconteceram antes e na qual não há menor correção dos defeitos e erros das antigas”¹⁰⁷. A esse respeito, a história, somente ela, pode, para Ortega y Gasset, auxiliar o indivíduo a pensar o presente a partir do passado. Desse modo, o homem pode acompanhar o caminho da civilização e participar, de forma civilizada, da sociedade como sujeito livre e emancipado.

Mas para que ocorra a emancipação do sujeito é preciso evitar o chamado lugar-comum, ou seja, o lugar de repetição na história. Dessa forma, é possível, na perspectiva do autor, criar novas realidades políticas e sociais. Todavia, os movimentos populares e políticos que se sucederam na história não dispõem de elementos do passado para corrigir o presente. Nesse sentido, assegura o pensador espanhol: “Com o passado não se luta corpo a corpo. O futuro vence-o porque o engole. Se deixar qualquer coisa dele de fora estará perdido”¹⁰⁸. A assertiva é clarividente, ou seja, o futuro é, de fato,

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 124.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 124.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 125.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 126.

superior ao passado, mas este é, para Ortega y Gasset, a ponte que conduz o homem do presente ao futuro promissor de uma Espanha gloriosa.

Ainda, em relação à história, é preciso que o passado esteja presente, não no presente como a uma repetição de fatos; sua presença é pedagógica, ou seja, não podemos jogá-lo fora, pois senão ele volta. Precisamos dele para, segundo Ortega y Gasset, nos orientar no cotidiano e possibilitar passagens seguras e conscientes para o futuro. Assim, o filósofo conclui o capítulo com a seguinte assertiva: “Necessitamos da história integral para ver se conseguimos escapar dela, não reincidir nela”¹⁰⁹. O novo homem, no afã de sua efemeridade, não compreende a dimensão da história e sua conjuntura de fatos. Por isso, o novo Adão incorre no caminho do mundo fugaz e volátil.

2.11 A Época do “senhorzinho satisfeito”.

O título é bastante sugestivo. A reflexão orteguiana possibilita, com este capítulo, uma reflexão mais combativa. Não se trata de apresentar o problema, tampouco de descrever a tipologia do homem atual na sociedade moderna, pelo contrário, faz-se necessário, segundo o autor, combater o “senhorzinho mimado”, que, no passado, era dirigido e não se importava com isso, mas, agora, resolveu comandar o mundo. De posse dos estudos psicológicos e históricos do novo Adão, Ortega y Gasset aborda três pontos característicos e fundamentais para que se compreenda a ação funesta desse indivíduo denominado de massa.

De acordo com o primeiro ponto, o homem-massa tem a impressão inata e radical de que a vida é fácil e sem limitações, por isso dispõe de uma sensação de domínio e triunfo fora do comum. Pelo segundo, o homem-massa se promove moral e intelectualmente como senhor absoluto. Quer dizer, esse homem não necessita dos demais, ele vive de acordo com os seus desejos e suas opiniões e não precisa de nenhum princípio que o regule, pois ele é o próprio princípio. E, por fim, o homem-massa intervirá em tudo de forma violenta e arbitrária para assegurar os seus desejos vulgares. A sua ação é direta e, por isso, não há limites. Sobre esses pontos, Ortega y Gasset nos

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 128.

adverte: “Esse conjunto de facetas nos faz pensar em certos modos deficientes de ser homem, como a ‘criança mimada’ e o primitivo rebelde, isto é, o bárbaro” ¹¹⁰.

O pensador espanhol adverte que a sociedade fechou os olhos para o alarmante fato de que o bárbaro¹¹¹ comanda a Europa, mas, que, no futuro próximo, todos irão perceber os resultados de uma ação violenta e arbitrária dessa tipologia de homem. No momento, o homem-massa não parece incomodar; ele é, segundo o autor, uma espécie de personagem que desfila em toda parte da sociedade e impõe seus desejos, semelhante ao menino mimado, como se observa nesta frase: “O menino mimado é o herdeiro que se comporta exclusivamente como herdeiro” ¹¹².

Apresentamos anteriormente que o pensamento orteguiano é assinalado por metáforas e figura de linguagens. O menino mimado, por exemplo, representa o homem-massa que vive em função de seus desejos e de suas vontades voláteis. E com o advento desse homem comandando a sociedade moderna lhe resta a civilização como herança. Dessa forma, as benesses da civilização, a exemplo da ciência empírica e da comodidade, impulsionam a alma vulgar do homem-massa para exercer o domínio da humanidade. Nessa perspectiva, denuncia Ortega y Gasset: “É uma das muitas deformações que o luxo produz na matéria humana” ¹¹³. Herdeiro dessa cultura de massa, a alma vulgar se fecha nas ilusões cotidianas e passa a viver a exterioridade de uma realidade banal que é postergada pela efemeridade do “moderno”.

De acordo com esse pensamento, Ortega y Gasset faz uso do seguinte exemplo: pensemos na aristocracia hereditária. O homem ao nascer encontra-se instalado, sem saber como, em um espaço de riquezas e prerrogativas e tem que viver como herdeiro de uma vida que não escolheu e que não é sua. Encontra-se condenado a representar o outro e, ainda, não consegue ser ele mesmo e tampouco o outro. Assim, nos assegura o pensador espanhol: “E tem que viver como herdeiro, isto é, tem que usar o arcabouço de outra vida. E aí, o que acontece? Que vida vai viver o ‘aristocrata’ por herança, a sua ou a do prócer inicial? ”¹¹⁴. A preocupação do autor é precisamente apontar a vida como

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 130.

¹¹¹ O autor faz um adendo importante. Não se deve tomar por bárbaro o primitivo normal. Este é suscetível às instâncias superiores. O bárbaro que comanda a Europa é um terrível sujeito que, do nada, invadiu a sociedade e impôs sua ação violenta e desumana.

¹¹² ORTEGA Y GASSET, *A Rebelião das Massas*. 1987. p. 130

¹¹³ *Ibidem*, p. 130.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 131.

luta e esforço para que seja ela mesma. E o aristocrata herdeiro não pode sentir a vitalidade de sua própria vida.

A discussão em torno da aristocracia hereditária é, segundo o autor, para demonstrar que a vida do homem-massa não passa de uma construção automática da civilização moderna. Quer dizer, o século XIX possibilitou a formação de um espectro de homem que o autor denomina de bárbaro. E este, filho da modernidade, só compreende as benesses da civilização, mas não os seus problemas e suas angústias. Para Ortega y Gasset, a sociedade moderna gerou o que há de pior na história da humanidade, a saber, o bárbaro do século XIX. Seguindo esse entendimento assegura o filósofo espanhol: “Não veio de fora do mundo civilizado como os ‘grandes bárbaros brancos’ do século V; tampouco nasceu dentro dele por geração espontânea, como os girinos nos tanques de água – segundo Aristóteles -, mas é seu fruto natural”¹¹⁵.

Para o filósofo espanhol, não se pode pensar o homem sem compreender a sua vida como drama. E na assertiva anterior ele nos adverte que a sociedade moderna vilipendiou a noção sublime de “vida” e a transformou em efemeridade, ou seja, o que era sacrifício e luta, tornou-se tranqüilidade e conforto. No entanto, os que assim fizeram, desprezaram, segundo o autor, a lei da paleontologia e da biogeografia. Quer dizer, o surgimento e o progresso da vida humana ocorreram, na perspectiva de Ortega y Gasset, quando houve o equilíbrio entre os meios disponíveis e os problemas a serem enfrentados. Deste modo, nasce e floresce a vida. Nesse sentido, assevera o pensador espanhol: “Assim, para me referir a uma dimensão bem concreta da vida corporal, lembrarei que a espécie humana brotou em zonas do planeta onde a estação quente era compensada por uma estação de frio intenso”¹¹⁶.

Tal postura gera uma reflexão de conflito. A vida é filha dos contrastes. E viver é, na perspectiva do autor, lançar-se no combate cotidiano e perder-se na finitude da boa luta. Contudo, o “senhorzinho satisfeito”, em sua anormalidade, não compreende a dimensão da vida enquanto drama constante e produz a nulidade política de uma sociedade em formação. Há outro exemplo importante, nos escritos orteguianos, que demonstra a deficiência da ação direta desse bárbaro: o senhorzinho acredita é que é possível qualquer coisa na sociedade moderna. Que ele pode tudo. O filósofo o compara

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 133.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 133.

a um menino mimado de família, pois, na esfera familiar, tudo fica impune até mesmo, segundo o autor, os maiores delitos. De acordo com essa interpretação, afirma o filósofo de Madrid: “O âmbito familiar é relativamente artificial e tolera dentro dele muitos atos que na sociedade, nas ruas, trariam automaticamente conseqüências desastrosas e indubitáveis para seu ator” ¹¹⁷.

A posição do senhorzinho é, segundo Ortega y Gasset, semelhante ao menino de família citado no exemplo. Ele acredita que pode se comportar como se fosse a sua casa. Dessa forma, nada é irrevogável e tudo é possível. A discussão gira em torno do limite, aliás, da falta de limite, na visão do autor, para essa criança mimada. Ela vive o seu presente, não importa o passado tampouco o futuro. O importante é o agora, uma figura sem raiz que se deixa levar pelas correntezas dos desejos grosseiros. Semelhante ao menino de família, que desconhece a sociedade, assim também é o homem-massa. Esse não conhece a civilização e, por isso, a toma como se fosse a sua casa, onde tudo é permitido. O detalhe repugnante, segundo o autor, é que, este homem, menino satisfeito, resolveu governar o mundo e, por isso, impõe o esvaziamento do “eu” e a construção vulgar de uma alma torpe.

2.12 A Barbárie da “especialização”.

Ortega y Gasset, com esse título, articula uma crítica mordaz à noção de “especialista” e estabelece uma relação direta entre barbárie e especialização. Neste segundo capítulo intitulado *Barbárie e especialização*, ele retoma a discussão anterior, quando relata a enfermidade gerada pelo século XIX, a saber, o homem-massa. Recupera todo o expediente caminhado e exorta os pontos cruciais de seu aporte teórico. Reafirma o que parece mais importante, que as massas não são classes sociais, mas um modo de ser homem. Alude ao aumento do nível de vida europeu e acrescenta a subida do nível histórico no seio da humanidade. Depois dessa retomada, resume a civilização do século XIX em duas dimensões: a democracia liberal e a técnica.

No primeiro momento, ele se atém à questão da técnica e afirma, de forma peremptória, que a técnica é filha da relação entre o capitalismo e a ciência experimental e que nem toda técnica é científica. E para fundamentar sua discussão, o

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 134.

autor adverte que a China atingiu um alto grau de tecnicismo sem conhecer as leis da física. A noção de ciência guarda um lugar de suspeição nos escritos do pensador espanhol. Dessa forma, percebemos uma relação direta da ciência com a existência do homem-massa. Sobre isso, encontramos a seguinte afirmação em Ortega y Gasset:

Pois bem – acontece que o homem de ciência atual é o protótipo do homem-massa. E não por casualidade, nem por defeito unilateral de cada homem de ciência, mas porque a própria ciência – raiz da civilização – converte-o automaticamente em homem-massa, isto é, faz dele um primitivo, um bárbaro moderno. (ORTEGA Y GASSET, 1987: 142-143)

Para Ortega y Gasset, o técnico, na condição de homem de ciência, exerce o poder na sociedade moderna. O autor imagina uma seguinte situação: se um homem, de outro planeta, visitasse a Europa com o desejo de conhecê-la, quem os europeus indicariam para responder às questões? Responde o autor que certamente seria o homem de ciência, o cume da civilização. A crítica é ferrenha e sem precedentes. Segundo Ortega y Gasset, a ciência experimental começa no final século XVI com Galileu e se estrutura no século XVII com Newton e começa o seu desenvolvimento no século XVIII. Esta ciência, na visão do autor, avança e exige do homem uma especialização para desenvolvê-la.

Decerto que a ciência não pode se especializar, entretanto pode promover a especialização no interior de seu trabalho. Quer dizer, não é o homem que deve mudar, pelo contrário, a ciência deve promover mudanças e perspectivas para que o homem compreenda o elemento científico. No entanto, o agente da ciência foi reduzido a uma capacidade ínfima de compreensão, ou seja, o homem se recolhe ao dado científico e não consegue perceber nada que se encontra ao seu redor. Nesse sentido, nos assegura Ortega y Gasset: “É um homem que, de tudo o que deve saber para ser um personagem discreto, conhece apenas uma determinada ciência, e mesmo dessa ciência só conhece bem a pequena parte de que ele é um ativo pesquisador”¹¹⁸.

Ortega y Gasset sentencia de forma brilhante o paradoxo apresentado em momentos anteriores. Lembremo-nos de quando apresentava o debate em torno da dualidade do novo homem, ou seja, o seu surgimento é tanto para o bem, quanto para o mal. Pois bem, o especialista é a definição ideal desse novo homem. Este, segundo o

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 144.

autor, não é o sábio, pois desconhece o universo que não faz parte de sua especialidade. Tampouco é o ignorante, uma vez que é homem de ciência. Nessa medida, o filósofo espanhol conceitua de sábio-ignorante, ou ainda, de especialista.

Todavia, a questão não se reduz à conceituação. O agravante é sua ação de sábio-ignorante. Para o autor, esse tipo de homem, especialista em determinado ramo da ciência, arvora-se nos assuntos de política, de arte e sociedade como primitivo e ignorante, mas tomará decisões com suficiência e energia de sábio, já que não compreende o mundo que o cerca, pois se isolou no seu universo científico. Entretanto, traz consigo a ignorância de pensar como especialista em outros assuntos que não o dominam. Seguindo essa reflexão, nos adverte Ortega y Gasset:

Quem quiser poderá observar a estupidez com que pensam, julgam e atuam hoje na política, na arte, na religião e nos problemas gerais da vida e do mundo os “homens de ciência” e é claro que, além deles, médicos, engenheiros, economistas, professores etc. (...) Eles simbolizam, e constituem em grande parte, o atual império das massas, e sua barbárie é a causa mais imediata da desmoralização européia. (ORTEGA Y GASSET, 1987: 146)

O filósofo espanhol faz uma provocação ao final de sua discussão, ao dizer que, hoje, perdura um maior número de homens de ciência e diminuem os homens cultos, pois, como foi apresentado, os homens que fazem a ciência na sociedade moderna são o tipo ideal de homem-massa. Dessa forma, o autor faz uma ligação entre o especialista e o bárbaro. E em razão da ação direta que ocorre na sociedade moderna, o especialista, ou ainda, sábio-ignorante é um bárbaro que surgiu no centro da Europa para atormentar a civilização.

Contudo, Ortega y Gasset finaliza a discussão apresentando a mecanização da ciência. Admite o autor que a ciência evoluiu e possibilitou oportunidade de melhorias na sociedade moderna. Entretanto, a civilização moderna opera, segundo o autor, com grau elevado de mecanização, isto é, o especialista não é totalmente sábio, como, também, não é totalmente ignorante. Por conta disso, a civilização prossegue, mas não se sabe até quando, acredita o autor já que, no seu entender, hoje é possível a mecanização da ciência, mas as coisas mudam e se tornam cada vez mais complexas.

Ao revelar-se um crítico mordaz da ciência e da técnica, o autor propõe pensar um novo modelo de técnica e de ciência, mas essa nova perspectiva orteguiana requer uma reestruturação do pensamento científico e sua capacidade de estender a reflexão. Nesse sentido, o pensador recorre ao exemplo de Newton que não precisou de muita filosofia para criar seu sistema de física. Entretanto, Einstein precisou compreender a investigação filosófica de Kant e Mach para solidificar a sua síntese. Dessa forma, afirma Ortega y Gasset: “Kant e Mach – com esses dois nomes apenas simboliza-se a enorme massa de pensamentos filosóficos e psicológicos que influíram Einstein – serviram para liberar a mente deste e abrir-lhe o caminho para sua inovação” ¹¹⁹.

2.13 O maior perigo, o Estado.

Com este capítulo, Ortega y Gasset conclui a primeira parte da obra *A Rebelião das Massas*. Assinala que o expediente intelectual percorrido sustenta a compreensão do fenômeno visual que assola a sociedade moderna. Ele apontou em seus escritos e definiu os problemas de uma geração com base nas massas urbanas. Por conta disso, compreendeu a sociedade segundo a tipologia de homem e o denominou de homem-massa e homem-especial. Reforça o autor que não se trata simplesmente de uma observação, mas de uma lei da física social, onde a sociedade europeia se constitui como império brutal das massas. Assim, para Ortega y Gasset, urge repensar a autenticidade da filosofia¹²⁰ e sua capacidade reflexiva nos espaços europeus. Decerto que “filosofia” é mais uma figura de linguagem que o autor recorre para formalizar a noção de indivíduo livre e emancipado.

Para Ortega y Gasset, o fenômeno urbano, denominado por ele de massa, não compreende a dimensão circunstancial de seu destino. Não se pode pensar o destino, na visão orteguiana, como condenação, castigo e benesses divinas. A discussão gira no sentido de pensar a liberdade e vocação a partir dos desejos nobres nas circunstâncias em que cada indivíduo se encontra. Assim, afirma o pensador espanhol: “A rigor, a rebelião do arcanjo Lúcifer não teria sido menos grave se em vez de procurar ser Deus –

¹¹⁹*Ibidem*, p. 147.

¹²⁰Esclarece o autor que a discussão política não pode ser tomada com base no idealismo platônico, apresentado no livro VI de *A República*. Isso porque não é o “filósofo rei” que deve imperar, pelo contrário, a capacidade de pensar e transformar a circunstância a partir de um projeto de unidade capaz de restaurar a Espanha.

o que não era seu destino – tivesse procurado ser o mais insignificante dos anjos, que tampouco era”¹²¹. Para ele, o homem é livre, no entanto, essa liberdade pressupõe uma circunstância, pois não é do destino do homem ser um animal, tampouco ser Deus. Seu destino é ser homem finito.

Para o filósofo espanhol, as massas não compreendem a dimensão organizacional da sociedade. Por isso, sua ação é violenta e descontextualizada da esfera pública. O autor compreende que a razão última da massa é a barbárie e o linchamento é a atuação permanente da massa. Seguindo essa reflexão, o autor esclarece: “não é totalmente por acaso que a Lei de Linch é americana, já que os Estados unidos são, de certo modo, o paraíso das massas”¹²². Esclarece em outras passagens que a América do Norte representa, de forma categórica, o império das massas, porque exala dos poros americanos o nivelamento dos indivíduos e sua peremptória liberdade.

Seguindo esse raciocínio, o filósofo espanhol apresenta outro problema associado ao homem-massa, que também é fruto da civilização européia, que é o Estado contemporâneo. Para tanto, Ortega y Gasset rememora a concepção de Estado ao final do século XVIII e não encontra nada tão importante, por isso ele afirma: “Como o Estado é uma técnica – de ordem pública e de administração-, o ‘antigo regime’ chega ao fim do século XVIII com um Estado fraquíssimo, açoitado por todos os lados por uma sociedade ampla e tumultuada”¹²³. Por hora, a reflexão parte da relação entre o poder do Estado e o poder social. E, na visão do autor, o poder do Estado era muito limitado nesse momento histórico. Por isso, ocorre o desnível entre o poder do Estado e o poder social, gerando, assim, as revoluções.

Todavia, podemos perceber que, com as revoluções, a burguesia se apoderou do Estado e possibilitou o fortalecimento do poder público. A partir daí, pouco mais de uma geração, segundo o autor, criou um Estado forte e poderoso que suplantou as revoluções. Nesse sentido, afirma o filósofo espanhol: “Desde 1848, isto é, desde que começa a segunda geração de governos burgueses, não há verdadeiras revoluções na Europa”¹²⁴. A discussão gira no sentido de que o Estado se fortaleceu e não permitiu que ocorressem revoluções. Não significa que faltaram motivos para que ocorressem as

¹²¹ ORTEGA Y GASSET, *A Rebelião das Massas*. 1987, p. 150.

¹²² *Ibidem*, p. 150.

¹²³ *Ibidem*, p. 153.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 153.

revoluções, pelo contrário, o fortalecimento do Estado provocou o descontentamento dos indivíduos, mas estes não dispuseram de meios para contestar o Estado ou se articularem em revoluções contra o Estado.

A civilização moderna forjou uma nova compreensão de Estado, uma espécie de máquina perfeita. Assim, notou Ortega y Gasset: “Colocada no meio da sociedade, basta tocar numa mola para que suas enormes alavancas se ponham em ação e operem fulminantemente sobre qualquer parte do corpo social” ¹²⁵. Dessa forma, o autor nos apresenta uma máquina, mas que é construção humana e alicerçada pelas virtudes, também, humanas. O homem-massa não compreende a discussão, por isso, pleiteia, segundo Ortega y Gasset, a estatização da vida. Quer dizer, pensa o Estado a partir de suas necessidades e ainda, acredita ser ele o próprio Estado. Nesse sentido, lemos ainda:

Nota-se qual é o processo paradoxal e trágico do estatismo? A sociedade, para viver melhor, cria, como utensílio, o Estado. A seguir, o Estado se sobrepõe, e a sociedade tem que começar a viver para o Estado. Mas, apesar de tudo, o Estado ainda se compõe dos homens daquela sociedade. (ORTEGA Y GASSET, 1987: 156)

Dessa situação, decorrem dois problemas. Primeiro, o Estado é filho da civilização moderna e é composto de homens, o que os transforma em homem-massa e homem-minoria. Aquele predomina e comanda o espaço público. Uma espécie de animal gregário. Quer dizer, o homem que pensa ser o Estado e viver do Estado. Já o homem-especial, não é mais visível na direção do Estado nem mesmo participa do poder público. O outro problema, segundo o autor, encontra-se na função do Estado, ou seja, a força onipotente que opera a partir de sua intervenção na sociedade e na estatização da vida. Nesse sentido, afirma Ortega y Gasset: “O intervencionismo do Estado leva a isso – o povo converte-se em carne e pasta que alimenta o mero artefato e máquina que é o Estado. O esqueleto come a carne de seus ossos. O andaime torna-se proprietário e inquilino da casa”¹²⁶.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 154.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 156.

Em suma, poderíamos dizer que o Estado em Ortega y Gasset representa a opinião pública. A força motriz da civilização moderna. Não se trata de um composto jurídico, mas de uma organização coletiva que se fortalece pelos costumes. O aterrorizador, na visão do pensador espanhol, é justamente a noção de cultura que perdura na sociedade moderna. Esta, por meio da opinião pública, possibilita uma sociedade enferma e de valores transitórios. Não obstante, a opinião pública é a garantia da direção da sociedade. O Estado contemporâneo não consegue dissociar-se da opinião pública, quer dizer, o controlador do Estado é quem comanda a opinião pública. Por isso, quem controlar o homem-massa controlará também o Estado.

Contudo, o Estado representa, por meio de sua ação direta, a barbárie e o retrocesso da civilização. É paradoxal pensar que o Estado contemporâneo, filho da civilização, traga, em seu bojo, os instrumentos de retrocesso e barbárie contra a civilidade. Por conta disso, Ortega y Gasset acredita que o Estado é o maior perigo para a civilização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afirmamos anteriormente que a obra *A Rebelião das Massas* figura como a mais importante do autor no que se refere ao pensamento político. Procuramos, ao longo do texto, estabelecer, num primeiro momento, a compreensão do autor e sua importância na história das idéias políticas e, para tanto, identificamos o pensamento orteguiano frente à teoria da sociedade de massa para verificar se corrobora com a teoria elitista de sociedade. Dessa forma, observamos as semelhanças e dissensos entre Ortega y Gasset e alguns teóricos, como Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto e Robert Michels.

De posse da discussão, efetivamos uma compreensão sólida e eficaz em relação à teoria orteguiana, concluindo que o pensador espanhol perfaz um caminho que é totalmente independente dos teóricos mencionados e que, por isso, não é pensador elitista como os teóricos da sociedade de massa e, também, não comunga das teorias marxistas e, ainda, não se atém a esta forma de análise da sociedade. Na verdade, trata-se de um pensador importante e de grande relevância para epistemologia política da sociedade moderna.

Após a estruturação do pensamento orteguiano e da percepção histórica do momento em que Ortega y Gasset formalizava seu arcabouço teórico, detivemo-nos em analisar internamente, capítulo por capítulo, a obra *A Rebelião das Massas*. Por questões metodológicas e estéticas, dividimos o segundo capítulo em duas partes. A primeira abrangeu do Capítulo I ao Capítulo VII e, a segunda parte, do capítulo VIII ao capítulo XIII. A análise, ora enunciada, dedicou-se apenas à primeira parte da obra denominada *A Rebelião das Massas*. Ficamos devendo a compreensão do segundo momento, denominado *Quem manda no mundo?*, temendo ser redundante, uma vez que a segunda parte é uma extensão da primeira. Não obstante, é preciso reconhecer que a parte *Quem manda no mundo?* traz consigo considerações importantes em torno do império das massas. Nesse sentido, buscamos apresentar as impressões gerais que

cercam esse momento da obra. Para tanto, como não se trata de um novo capítulo, julgamos procedente acrescentar, nestas considerações finais, excertos que, certamente, engrandecerão a pesquisa e, ainda, permitirão pensar o arcabouço orteguiano com mais solidez.

Vale ressaltar que no início do segundo momento da obra, Ortega y Gasset resgata a noção de império e testemunha que a Europa assiste ao apogeu imperial das massas. Por isso, faz-se necessário gastar todo esforço intelectual possível para que se compreenda esse fenômeno visual e desafiador. E por isso, pergunta o autor: Quem manda no mundo? Havia, no passado, uma hegemonia, por exemplo, um grupo qualificado de pessoas que comandava a Europa. No momento presente, o homem-massa impera e comanda a sociedade moderna. Nessa perspectiva afirma o pensador espanhol: “Por ‘mando’ não se entenda aqui primordialmente exercício de poder material, de coação física” ¹²⁷.

A discussão busca compreender o mando a partir da cultura associada à opinião pública, pois, segundo o filósofo espanhol, desde as civilizações mais remotas, o mando fora exercido pela opinião pública. E para contrariar a noção de mando associada à força, o autor nos adverte: “Napoleão agrediu a Espanha, manteve essa agressão durante algum tempo, mas não mandou propriamente na Espanha um único dia” ¹²⁸. Vemos que, nessa análise, a força não é o elemento capital para garantir o exercício do verdadeiro mando. É preciso ultrapassar os limites da visão e perceber os detalhes que se ocultam na plumagem do visível, pois, aparentemente, a força, permeada de apetrechos, parece comandar a sociedade. Entretanto, é preciso apreciar, segundo o autor, com os olhos de Minerva, sempre arregalados e espantados.

O impacto dessa questão está no fato de se pensar a opinião pública como existente desde as parcas civilizações, pois não se trata, na perspectiva do autor, de uma invenção moderna. Pelo contrário, sempre existiu e alicerçou sua soberania. Não se pode falar em poder ou mando ao longo dos tempos sem tocar na opinião pública. Retomando o exemplo de Napoleão, o autor esclarece que mandar é uma questão de nádegas, e não de punho. Por isso, Ortega y Gasset acrescenta que, com as baionetas, é possível fazer qualquer coisa, exceto sentar-se sobre elas. Afirma o pensador espanhol: “O Estado é,

¹²⁷ ORTERGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*, 1987, p. 162.

¹²⁸ *Ibidem*.

em definitivo, o Estado de opinião: uma situação de equilíbrio, de estática”¹²⁹. E, segundo ele, não é a dinâmica da força e sua brutalidade que vão assegurar o equilíbrio social e político dos espaços públicos. Pode até, em determinado momento, dominar uma sociedade, mas não exercerá o verdadeiro mando no sentido de equilibrar os poderes de forma harmoniosa e tranqüila.

No entanto, a opinião pública não é, para Ortega y Gasset, uma retórica. Pelo contrário, subtende uma espécie de força motriz de domínio e poder, não necessariamente, a força física, atributo essencial das massas. Decerto que, para o autor, muitos homens não dispõem, em sua interioridade, de opinião, pois esta nasce da exterioridade. Todavia, não é gratuita e nasce sobre pressão¹³⁰. Quer dizer, o espírito é que deveria ser dominante, a minoria, precisa usar de sua astúcia para pressionar as pessoas que não opinam – a maioria – a opinar. Entretanto, há um deslocamento de poder na sociedade contemporânea e, por isso, as massas exercem o mando e o fazem de forma violenta e arbitrária. Mas é inegável que a força usada pelas massas nasce também da opinião pública. Quer dizer, há uma pressão externa denominada de ação direta que domina a sociedade moderna. Assim afirma o pensador espanhol: “E, igualmente, todo deslocamento de poder, toda mudança de opiniões e, conseqüentemente, nada menos que uma mudança de gravidade histórica”¹³¹.

A discussão corrente é perceber a força da opinião e sua necessidade para garantia de poder. De tal modo, as noções de verdade e de cultura, são, a priori, a predominância de um coletivo que garantiu sua opinião no cenário público. Ademais, as minorias não conseguem se estruturar na condição de classe dirigente. E por isso, as massas, que não dispõem de vontade própria, passam, a partir de seus desejos toscos, mandar e dirigir a sociedade. O que, na opinião do autor, causa a inversão dos valores e a depravação da Europa.

Em outras passagens, assinalamos o aporte da história nos escritos orteguianos, pois o autor enriquece sua discussão com a observação dos fatos que se sucederam ao logo dos tempos. Para elucidar a questão que circula a opinião pública e sua constância

¹²⁹ *Ibidem*, p. 163.

¹³⁰ É importante salientar que, para o pensador espanhol, as minorias, que deveriam administrar a sociedade, não a administram, e por isso, não conseguem, a partir de seu ideal, pressionar a massa. Pelo contrário, a pressão é da massa sobre a própria massa. Quer dizer, a opinião pública que se produz na sociedade moderna é justamente uma opinião de massa.

¹³¹ ORTERGA Y GASSET, *A Rebelião das Massas*, 1987, p. 165.

na garantia do poder, Ortega y Gasset retoma o período em que o poder era exercido pelo povo europeu, como nesta passagem: “Durante vários séculos a Europa, um conglomerado de povos com espírito comum, mandou no mundo. Na idade Média ninguém mandava no mundo temporal. (...) Mas nos grandes tempos é da opinião que se vive a humanidade e por isso há ordem”¹³².

Nesse contexto histórico, o autor observa o modelo de mando que ocorria na Europa, quando, no princípio, espíritos comuns dominavam o espaço europeu, pois a vida coletiva era um dado real e não havia a discrepância do homem-massa e sua ação direta. Na Idade Média, ao contrário, quem mandava e determinava os espaços de poder eram as forças espirituais e religiosas. Tempo em que se fez tudo, como em qualquer outro período da história, exceto opinar, adverte Ortega y Gasset. O Estado moderno garante a ordem e sua soberania por meio da definição precisa da opinião pública. Com o pós-guerra, a questão primordial é saber de fato quem manda no mundo. Mais precisamente, quem manda na Europa?

Para responder às questões suscitadas, convém pensar a Europa como o império brutal das massas, onde quem manda é o homem-massa. Afirmar Ortega y Gasset: “Agora, os povos-massa resolveram que aquele sistema de normas que é a civilização européia caducou, mas, como são incapazes de criar outro, não sabem o que fazer, e para preencher o tempo ficam dando cambalhotas”¹³³. A Europa, segundo o filósofo, abriu o flanco para uma nova modalidade de vida imperar e impor a sua frivolidade. A partir disso, a Europa agoniza – pensa o autor. E o mundo? Quem manda no mundo?

Há um saudosismo em Ortega y Gasset em relação à Europa, que mandava no mundo e que agora precisa recobrar o seu mando. Poderia deixar de mandar, afirma o autor, se houvesse outra nação disposta a tal empreitada. Mas não, Nova York e Moscou são parcelas fragmentárias da Europa, como adverte o pensador espanhol: “Nova York e Moscou não são nada de novo em relação à Europa. Tanto uma como outra são duas parcelas do mandamento que, ao se dissociarem do resto, perderam o sentido”¹³⁴. Para o autor de *A Rebelião das Massas*, a Europa povoou a cultura civilizatória e, por conta disso, deve reivindicar o seu lugar de destaque no ranque do mundo. Em relação aos

¹³² *Ibidem*, p. 165.

¹³³ *Ibidem*, p. 170.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 172.

Estados Unidos, que representam, por natureza, o império das massas, o autor é mais incisivo. Segundo ele, a América do Norte, é a colônia dos povos antigos da Europa.

A discussão em torno dos Estados Unidos é para que se perceba, além de outras coisas, na visão de Ortega y Gasset, uma nação que não dispõe de espírito suficientemente livre para mandar no mundo. Quer dizer, a América é filha da Europa e sofre, em maior grau, dos mesmos problemas, perdura em seu solo o homem-massa. A Europa, entretanto, despertará de sua miopia e recobrará o seu lugar, a partir do homem-especial, o destino grandioso de governar o mundo. É importante recordar a discordância entre Ortega y Gasset e Miguel de Unamuno. Para este pensador, havia uma espécie de endeusamento da Europa por parte de Ortega y Gasset, uma vez que não conseguia pensar o destino da Espanha dissociado da restauração do prestígio europeu.

No fundo, é plenamente possível que Ortega y Gasset, preocupado com sua Espanha, percorra, com base na história, um itinerário de salvamento da Europa, pois, segundo ele, só por meio da restauração européia é possível pensar numa Espanha gloriosa. No entanto, para o autor, a Europa se desmoralizou, ou seja, perdeu, ao longo do caminho, a noção de grandeza e, acima de tudo, de mando. Contudo, não é fácil, para ele, o salvamento do espaço europeu, quer dizer, a tarefa é bastante árdua, uma vez que as massas imperam. Nessa perspectiva nos adverte Ortega y Gasset:

Se deixarmos de lado – como já fizemos neste ensaio – todos os grupos que representam sobrevivências do passado – os cristãos, os “idealistas”, os velhos liberais, etc. –, não se achará entre os representantes da época atual uma única pessoa cuja atitude diante da vida não se reduza a crer que tem todos os direitos e nenhuma obrigação. (ORTEGA Y GASSET, 1987:221-223)

Todavia, a questão é que, para Ortega y Gasset, seja com a máscara de reacionário ou revolucionário, a Europa encontra-se povoada pelo homem-massa, que, no passado, era denominado de cristão, idealista e velho liberal. Agora, o presente testemunha o homem-massa camuflado em outras roupagens, mas que preserva a mesma característica, ou seja, não observa que a vida é um esforço e que, por isso, encontra-se fadada a uma dimensão trivial. Por conta disso, a civilização retrocede à

barbárie e não se sabe ao certo quem manda no mundo, uma vez que não há singularidade na massa; assemelha-se a um navio desgobernado e tombado pelas ondas.

Cabe considerar que Ortega y Gasset percebe a importância da opinião pública na dominação política, à qual o mando encontra-se diretamente associado. Decerto que quem dominar a opinião pública dominará também a sociedade. Essa discussão tem um desdobramento capital no processo político, pois a propaganda política é, na sociedade contemporânea, o imperativo que representa a vitória em qualquer disputa eleitoral. Para tanto, é correto afirmar que o pensador espanhol, no que se refere à opinião pública, contribui de forma significativa para compreensão do jogo político-democrático, assim como suas análises são preponderantes para o entendimento da linguagem no aspecto de dominação e emancipação política. Para Ortega y Gasset, existem falta de opinião e pouca reflexão do homem contemporâneo.

Os dois capítulos que formam a segunda parte da obra *A Rebelião das Massas* dedicam-se à estruturação da tese inicial, que é apontar a presença de um homem genérico no espaço europeu e, conseqüentemente, as crises sócias e políticas da Espanha e, por conseguinte, da Europa. Mandar é, na perspectiva orteguiana, construir, no primeiro momento, uma opinião e fomentá-la na sociedade a ponto de torná-la a verdade absoluta. Contudo, faltam na sociedade européia homens capazes de elevar a cultura e transvalorar os valores do homem-massa.

Sobre o conjunto da obra, apresentamos as inquietações orteguianas e a estruturação de uma teoria político-filosófica. Percebemos o dissenso do pensamento orteguiano em relação aos teóricos elitistas que compõem a teorias das elites. Consideramos que, mesmo não se tratando de um teórico da sociedade de massa, Ortega y Gasset se configura como grande pensador espanhol e sua teoria é preponderante para analisar o fenômeno político dos séculos XIX e XX. Dispõe de um repertório próprio de investigação e questionamento da realidade espanhola e, também, européia. Nesse sentido, o autor recorre aos elementos da história, e, em seguida, identifica o fenômeno visual que se revela na sociedade moderna, a rebelião das massas, para depois formalizar sua teoria político-filosófica. Vale a pena ressaltar que Ortega y Gasset parte das reflexões advindas do idealismo alemão do filósofo Immanuel Kant (1724-1804).

Assinalamos em momentos anteriores que o pensador espanhol solveu na Alemanha o neokantismo de Paul Natorp e outros teóricos de grande notoriedade nas

academias germânicas. Entretanto, em 1914, ele rompe com o neokantismo com a publicação de *Meditações de Quixote*. Observamos no início da obra uma relação entre o homem e sua circunstância, que, em certo sentido, é sua gente e sua Espanha. Há uma preocupação do pensador espanhol com sua realidade e, assim, conclama os leitores a viver o drama da vida entrelaçado com sua circunstância, quer dizer, transformar a realidade circundante em espaço de crescimento e nobreza, para edificação de uma Espanha vital. Por conta disso, Ortega y Gasset afirma que não é possível o homem melhorar sua vida sem melhorar sua realidade circunstancial. Isto é, há uma relação de similitude entre homem e circunstância em que um não pode viver sem o outro. Mesmo não sendo um militante político, é perceptível na obra mencionada um apelo para transformar a realidade política de sua época em possibilidades vitais para com os seus concidadãos.

A discussão em torno da circunstância amplia a ação singular da vida humana, pois a vida é sempre pessoal e carece de um sentido para se tornar plena. Não se trata de um apelo exterior e circunstancial, mas de um desejo que é natural e dramático. Quer dizer, a vida de cada sujeito é lançada nas circunstâncias que passam a cobrar do indivíduo uma ação, que pode ser pensada ou impensada, mas deve acontecer. E de fato ocorre. O problema, segundo o pensador espanhol, é que as circunstâncias acabam determinando o comportamento de um novo tipo de homem que povoa o espaço público da Espanha.

Para Ortega y Gasset, fazia-se necessário suplantar os limiares do itinerário kantiano, pois a discussão do *Aufklärung*¹³⁵ não era condição necessária para emancipar a vida humana. É sabido que em Kant a sociedade é dividida em duas categorias: na primeira, encontra-se o homem-menor, que ainda não aprendeu a fazer uso de sua racionalidade e, na segunda, vê-se o homem-maior, sujeito esclarecido, que soube fazer uso de seu entendimento. Dessa forma, a razão faculta a emancipação da vida por meio do esclarecimento e destruição dos mitos que envolvem o homem moderno. Ortega y Gasset persegue a mesma divisão de sociedade e pensa tipos humanos, quer dizer, de um lado o homem-especial e, do outro, o homem-massa. No entanto, não é a razão que emancipa a vida humana, pelo contrário, a vida é superior à razão e, por isso, a razão se subordina à vida tornando-a fundamento da realidade ou, ainda, raciovitalismo. Dessa

¹³⁵ Os tradutores acham que a melhor expressão em português para *Aufklärung* é esclarecimento.

forma, o homem que compreende a vida como fundamento da realidade e, por isso, consegue estabelecer uma associação entre vida e circunstância, torna-se um tipo especial de homem que nada tem a ver com a racionalidade kantiana, mas, sim, com o tónus vital.

É importante notar que não é só Ortega y Gasset que fará críticas ao ideário kantiano, pois os teóricos da Escola de Frankfurt farão severas críticas a esse pensamento no que diz respeito à racionalidade instrumental. Dentre eles, destacam-se Adorno e Horkheimer com a obra *A Dialética do Esclarecimento*. Segundo eles, Immanuel Kant, filósofo da razão instrumental, propôs a racionalidade como condição de superação dos mitos, entretanto a razão tornou-se um novo mito e trouxe com ela a violência e a barbárie. Lemos sobre o conceito de Esclarecimento no início dessa obra: “Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal”¹³⁶.

A crítica é mordaz; a racionalidade técnica que deveria emancipar a vida traz consigo violência e barbárie. Triunfa, segundo os pensadores, a brutalidade do paradoxo, ou seja, a razão é mais um mito de aprisionamento e desencantamento da vida humana. Nesse sentido, a técnica representa o método para aplicação da violência e posteriormente, da barbárie. Convém observar que a discussão dos teóricos frankfurtianos versa em torno da técnica e sua relação com o progresso a partir dos horrores que acometiam o século XX. Dessa forma, observa-se uma equivalência entre Ortega y Gasset e os frankfurtianos.

No entanto, no bojo dos frankfurtianos, vale ressaltar a discussão de Herbert Marcuse (1898-1979), filósofo alemão que, dentre as inúmeras obras, destaca-se *Eros e Civilização*. Assim como Ortega y Gasset, o autor expõe nessa obra a associação entre técnica e progresso. Segundo ele, a civilização moderna aspira à fruição de uma técnica capaz de produzir bem-estar social pela manipulação dos desejos. De certa forma, Herbert Marcuse compreende a discussão da técnica como método unilateral para possibilitar o progresso na civilização moderna, isto é, a técnica é pensada pelos seus resultados utilitários e materiais. Nesse sentido, afirma Herbert Marcuse: “As técnicas provêm as próprias bases do progresso; a racionalidade tecnológica estabelece o

¹³⁶ Adorno e Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento*. 1985, p. 19.

padrão mental e comportamental para o desempenho produtivo, e o ‘poder sobre a natureza’ tornou-se praticamente idêntica a civilização”¹³⁷.

A tese de *Eros e Civilização* é pensar o homem e sua relação com a sociedade segundo as mudanças de comportamento no sentido moral, religioso e sexual. Mesmo que a discussão do autor gire em torno das reflexões freudianas, deve-se observar que o debate que circunscreve a temática civilização e progresso advém do pensador alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900). Dessa forma, lê-se em Nietzsche:

O “progresso” é apenas uma idéia moderna, ou seja, uma idéia errada. O europeu de hoje permanece, em seu valor, muito abaixo do europeu da Renascença, mas desenvolvimento não significa absolutamente, por alguma necessidade, elevação, aumento, fortalecimento. (NIETZSCHE, § 4. 2007: 11).

É visivelmente presente a discussão nietzschiana nos escritos de Ortega y Gasset e Herbert Marcuse no que concerne à idéia de civilização e progresso. Segundo Nietzsche, não basta denominar de progresso o desenvolvimento e as possibilidades circunstanciais, pelo contrário, progresso deve ser sinônimo de elevação do espírito humano no sentido de possibilitar à vida autenticidade e nobreza. A leitura dos textos orteguianos possibilita compreender, a partir das idéias políticas e filosóficas, a discussão que circula o homem e a sociedade. É bem verdade que outros teóricos pensaram a temática que Ortega y Gasset desenvolve, a exemplo de Kant, Hegel e Nietzsche. Todavia, o pensador espanhol perfaz o caminho e aponta outras direções de reflexão e entendimento e não se limita à realidade espanhola, por isso outros teóricos farão análises semelhantes a Ortega y Gasset. Basta mencionar que o debate em torno da técnica e sua relação com o progresso, apresentado no nono capítulo da obra *A Rebelião das Massas*, intitulado: “*Primitivismo e técnica*”, bem como na obra *Meditação da Técnica*, é tema recorrente e capital da Escola de Frankfurt com os pensadores Adorno, Horkheimer e Herbert Marcuse, o que nos leva a observar uma equivalência dos frankfurtianos com o pensamento de Ortega y Gasset.

¹³⁷ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. 1966, p. 89.

O teórico Jean Paul Sartre (1905-1980) percorre o caminho do existencialismo e esboça o mesmo expediente proposto por Ortega y Gasset. Em Sartre, encontramos a noção de liberdade associada à condenação, isto é, segundo o pensador francês, o homem encontra-se condenado a ser livre e, por isso, é obrigado a tomar decisões em seu espaço de atuação denominado mundo. Nesse sentido, o homem é um ser de existência e dispõe de consciência no processo de escolha. Para Sartre, o homem é um projeto de existência que é determinado pela ação do homem no mundo. Pois bem, Ortega y Gasset faz, muito antes de Sartre, a discussão em torno da liberdade e acrescenta que o homem encontra-se lançado nas circunstâncias e que precisa decidir; ele é forçado a ser livre. E em relação à existência, os escritos orteguianos denunciam que o homem não tem natureza, mas história, quer dizer, ele, o homem, é resultado de uma ação no mundo.

Dessa maneira, compreendemos que Ortega y Gasset antecipa, de forma primordial, muitas discussões que outros filósofos farão posteriormente em circunstâncias diferentes. No entanto, tratando-se de um escritor que vive às margens do centro da filosofia, a sua discussão não é tomada em sua totalidade, uma vez que o pensamento filosófico nos séculos XIX e XX tem fronteiras e se restringe a um espaço geográfico, quer dizer, Alemanha e França. Basta dizer que as temáticas, liberdade angústia do ser e noção de técnica associada ao progresso gerador de barbárie, respectivamente, de Sartre, Heidegger e os frankfurtianos, e, guardadas as devidas proporções, foram discussões articuladas primeiramente por Ortega y Gasset. Não se trata de reivindicar a criação de temas filosóficos, mas pensar a epistemologia político-filosófica de Ortega y Gasset e sua importância na sociedade contemporânea.

Apresentamos no primeiro capítulo desta dissertação a preocupação de Ortega y Gasset de democratizar o conhecimento por meio de artigos em jornais e revistas. No dia 1º de dezembro de 1902, o autor de *A Rebelião das Massas* escreveu o seu primeiro artigo, intitulado “Glosas”, em uma revista de Madrid, chamada *Vida Nova*. Mas é a partir de 1914 que Ortega y Gasset amadurece a sua reflexão político-filosófica e apregoa as *Meditações de Quixote*. Vemos no início dessa obra a filosofia como ciência geral do amor. Para Ortega y Gasset, todos os homens são condicionados ao amor, mas este amor não é para com a materialidade, pelo contrário, é para com a vida. Na sociedade contemporânea, entretanto, surge o homem medíocre que não conhece a ciência do amor, a filosofia e, por isso, não sabe lidar com a vida e a deixa transcorrer a

partir dos desejos fugazes e toscos. Esta mediocridade humana permeou a civilização e subverteu os valores de moralidade, civilidade e nobreza.

Em 1921, Ortega y Gasset publica *Espanha Invertebrada* e retoma a discussão iniciada em *Meditações de Quixote*. De forma especial, o autor retoma a compreensão de circunstância e associa a dois novos conceitos: minorias e massas. Na segunda parte da obra denominada *Ausência dos melhores*, Ortega y Gasset anuncia a decadência da sociedade espanhola que, segundo ele, encontra-se sob o comando das massas e por isso falta ao povo espanhol uma vértebra política capaz de uni-lo em torno de um projeto comum de sociedade vital. A partir da enfermidade que assola o povo espanhol, o autor tipifica o homem de sujeito especial e sujeito massa. Contudo, a discussão em torno dos conceitos de minorias e massas apresentada na segunda parte da obra *Espanha Invertebrada* carece de uma fundamentação mais arraigada.

Dessa forma, é na obra *A Rebelião das Massas* que Ortega y Gasset sistematiza os conceitos de minorias e massas e estabelece uma relação aprofundada entre eles por meio de fatos históricos que transcorreram ao longo dos tempos. Assim, o autor consagra a sua discussão político-filosófica em *A Rebelião das Massas* que, desde *As Meditações de Quixote*, vem sendo articulada. Sabemos também da existência da obra *O Homem e a gente* que esboça uma discussão sócio-política, embora a questão conceitual que circunscreve minorias e massas seja detalhada em *A Rebelião das Massas*. No ímpeto dos problemas sociais e políticos da Espanha, Ortega y Gasset compreende a sociedade em duas categorias e passa a denominá-las de minorias e massas. Segundo ele, as minorias que deveriam se organizar para a liderança da sociedade não o fazem e, por isso, as massas se insubordinam contra instâncias superiores. As minorias não administram a esfera pública e passam a viver em função de seu mundo pessoal e particular. Quer dizer, perdem a dimensão do que é público e se fecham no mundo privado. Quanto às massas, estas são a debilidade da sociedade moderna e destronam a civilização.

A insubordinação das massas representa a configuração de uma sociedade violenta, pois, quando não há singularidade e reflexão dos indivíduos que compõem o espaço público e ainda a disposição de um regime democrático que garanta a vontade da maioria nas decisões políticas, o resultado é sem, dúvida, na perspectiva orteguiana, a violência e a barbárie. É importante esclarecer que, para Ortega y Gasset, não existe um

regime, na sociedade moderna, democrático; pelo contrário o que há é precisamente uma hiperdemocracia. Nessa medida, a massa, que não dispõe de singularidade, começa a participar de forma demasiada da vida pública e a interferir de forma arbitrária e sem responsabilidade. A arbitrariedade origina-se de sua participação desordenada em razão do insuflamento de lideranças carismáticas.

Ortega y Gasset com *A Rebelião das Massas* conclui a sua teoria político-filosófica em torno das massas urbanas. Nas obras anteriores, o filósofo apresentou o problema que considera importante na sociedade espanhola. Entretanto, é na obra mencionada que o autor avulta a discussão e dirime a problemática central de sua teoria, a saber, a rebelião das massas contra as minorias seletas. Nesse momento, Ortega y Gasset pondera as questões que circulam o tema e articula uma relação entre os conceitos para o encadeamento de sua teoria político-filosófica.

Percorremos as obras anteriores a *A Rebelião das Massas* para compreender o debate que entrevia a questão política e filosófica em torno do pensador espanhol, vimos a influência dos neokantianos na formação política de Ortega y Gasset e, por conta disso, dedicamos o primeiro capítulo à compreensão da realidade em que se encontrava o autor e sua relação com os teóricos da sociedade de massa. Posteriormente, fizemos uma análise estrutural e sistemática de cada capítulo que compõe a obra *A Rebelião das Massas*.

Não temos a pretensão de esgotar o tema que circula a nossa investigação. No entanto, não podemos tomar o filósofo Ortega y Gasset como teórico elitista. E qualquer tentativa de relacioná-lo com a teoria da sociedade de massa ou, ainda, de classificá-lo de teórico elitista serão posições equivocadas e inconclusas. A posição orteguiana é bastante clara, a sua observação não circunscreve as classes sociais, tampouco sua teoria nasce do marxismo, por conta disso, persegue um trajeto independente para formulação teórica do raciovitalismo.

Concluída a análise, chegamos à conclusão de que Ortega y Gasset desloca o conceito de minorias e massas, pensado à luz da teoria marxista, e lhe atribui significados diferenciados. A teoria política orteguiana faculta, por meio de sua dinâmica conceitual, pensar a realidade sócio-política por meio de outro prisma, que é o aprofundamento conceitual. Quer dizer, o conceito de massa não está vinculado à multidão, pelo contrário, massa é o indivíduo que não pensa e não consegue interferir de

forma positiva em sua realidade circunstancial, sendo desde o indivíduo ao seu coletivo. E em relação à minoria, não se trata da elite burguesa, tampouco do intelectual de seu tempo. Por minoria, o autor compreende o homem especial que consegue se angustiar e construir um tónus vital para sua circunstância.

Desse modo, é perfeitamente possível que a teoria orteguiana sirva, em certas medidas, para compreender os problemas que assolam a civilização contemporânea. O século XXI testemunha as crises de paradigmas de um século turbulento que fora o século XX. E, como se não bastasse, esse novo século prolonga problemas de uma geração que não soube ou não quis resolvê-los. Basta citar a escassez da água, o super povoamento da terra, as guerras mundiais e o fortalecimento dos discursos autoritários e tirânicos. Tudo isso assola o novo milênio e nem parece que são crises de um século passado que perdura. A reflexão orteguiana apontava para alguns desses problemas. Para Ortega y Gasset, é preciso primeiro pensar o homem e sua história e, depois, compreender o homem e sua circunstância, para, posteriormente, enfrentá-los.

Não é possível resolver os problemas do presente sem ao menos pensar o passado, pois este é gerador daquele, e, depois, compreender a circunstância em que se encontra o homem e, subseqüentemente, saber quem é este homem que povoa a sociedade contemporânea. Questões desse tipo são fundamentais para que se compreendam os problemas sociais e políticos de nossa época. A questão arrolada por Ortega y Gasset é a seguinte: qual é a relação entre o homem e o mundo?

Para o sistema do capital, o mundo é uma oportunidade de comércio para os que participam do jogo de mercado, uma espécie de empresa que beneficia uma parcela de indivíduos. Nesse jogo de mercado, perdura a visão mecanicista de sociedade em que é possível aceitar como algo natural a fome, a miséria, a violência e a barbárie para uma parcela significativa da sociedade. Qualquer tentativa de pensar diferente é utópica, pois desde que o mundo é mundo isso já ocorre. Observando de relance, é isso que nos apresenta a própria história, um palco de sofrimento e miséria. E nada é tão novo que a história, desde os primórdios, não possa comprovar.

Mas se tomarmos a reflexão orteguiana e, de forma especial, as questões: qual é a relação entre o homem e o mundo? Quem manda no mundo? E quem manda no homem?, veremos que o problema não é pensar o mundo autônomo ou o homem isolado de sua circunstância, mas perceber que há uma relação fenomenológica entre

homem e mundo e que não é possível dicotomizá-los. Esta questão, mesmo que se trate de um filósofo que às vezes parece conservador, nos possibilita compreender que o homem não é simplesmente um problema filosófico, tampouco uma existência desconectada da realidade circunstancial, mas um projeto existencial que precisa se definir na angústia cotidiana.

Esta perspectiva filosófica abre portas para pensar o homem como sujeito integrado no mundo, uma existência fadada à finitude, mas que pode aproveitar as circunstâncias e transformá-las em projetos de melhoramento dos espaços públicos e privados. Para que isso ocorra, segundo o pensador espanhol, é preciso que homem e mundo estejam interligados numa mesma vocação, a saber: um não pode viver sem o outro e por isso precisam ser pensados como realidades simultâneas. Isso não significa que o mundo determine o caráter do homem, nem que o homem é o responsável pelos problemas do mundo.

Esta visão orteguiana aponta para uma dinâmica estrutural de sociedade. Vemos que o homem é livre e escolhe o seu caminho, e sua escolha não é determinada pelas circunstâncias, mesmo que chegando ao mundo já encontre um espaço humanizado e construído. A riqueza teórica orteguiana é justamente fornecer ao homem a possibilidade de compreender a tensão que existe entre homem e mundo e conseqüentemente – mesmo parecendo paradoxal – a harmonia de um não viver sem o outro. Afirma Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minha circunstância, se não salvo a ela, não salvo também a mim”.¹³⁸

Como fora apresentada anteriormente, esta é uma perspectiva de “encarar os problemas de frente”, pois o homem precisa se perceber como construtor de sua circunstância. O homem é livre para construir o seu caminho e para interferir na realidade circunstancial em nome de um projeto que deve desenvolver a partir da demanda que a sociedade reclama para torná-la grandiosa e nobre. Não se trata de um militante político, mas de um teórico que encontrou na vida como razão última o projeto que considerava mais importante para mudar o destino de seu país. Esta convicção filosófica aponta para novas alternativas de pensar o conhecimento fora da tradição realista e idealista.

¹³⁸ ORTEGA Y GASSET, *Meditações de Quixote*, 1967. p. 52.

É obvio que a discussão que nos propõe Ortega y Gasset é de cultura e parte da vida humana como realidade que se origina de outras realidades. Por isso, o autor passa a denominá-la de realidade radical, quer dizer, a vida é uma realidade radical da qual ninguém pode fugir, viver sua finitude. De forma desconexa isso não parece importante, ou, ainda, trata-se de um romantismo desvairado. Mas a proposta orteguiana é superar a visão unilateral e exclusivista do mundo por meio da economia, propondo pensar a vida como realidade que contempla tudo isso e ainda a cultura, a religião a moral.

Entretanto, se for observado que a sociedade é um extrato que se divide entre duas categorias de homens, a saber, homem-massa e homem-especial, e que estes mandam no mundo, será possível perceber que o mundo é resultado de um pensamento coletivo. Mas este coletivo procede de uma parcela de indivíduos que manda no mundo e determina as condições de sua própria sobrevivência. Esta sobrevivência se motiva a partir dos desejos da economia capitalista, que nada tem a ver com a realidade radical proposta pelo pensador espanhol.

A crise que ainda assola o nosso século, e que não é de agora, deriva de indivíduos que são o protótipo do que o pensador denominou de homem-massa, que pensam o mundo por meio de seus desejos econômicos, ou seja, importa no momento construir fortunas, estender o patrimônio material e disputar o poder na sociedade. Esta concepção faz surgir, segundo Ortega y Gasset, a desumanização para com o mundo e com os outros. Não importa se já é uma realidade a falta de água potável no mundo, se crianças estão morrendo de fome, se ainda hoje a guerra é o melhor remédio para resolver as nossas diferenças culturais e religiosas. O importante é o papel pintado¹³⁹ circulando em poucas mãos e engrossado as contas bancárias de um punhado de indivíduos.

É com base nesta realidade constatada no mundo que percebemos a utilidade da reflexão orteguiana. Não é finalidade desta pesquisa endeusar o pensamento deste filósofo, mas perceber a sua importância no debate político que se faz atual, pois ele mesmo havia dito que a filosofia carece penetrar no cotidiano das pessoas e fazer mudanças de estruturas para melhorar os espaços públicos e privados. Mas tal filosofia não pode ser a de gabinete, ou das bibliotecas amorfas. A sociedade carece de um novo

¹³⁹ Referência ao dólar. Este termo fora cunhado por Gilberto Felisberto Vasconcelos na obra *O príncipe da Moeda*. Cf. VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **O Príncipe da Moeda**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1997.

homem capaz de pensar a sua circunstância como algo simultâneo à própria vida, a qual, segundo o autor, é finita e precisa de um projeto grandioso e nobre para todos os indivíduos, uma vez que nem todos os homens aceitam esta condição de grandiosidade e nobreza, pois sua alma é vulgar e fugaz.

Em que pese à falta de uma reflexão filosófica no cenário político contemporâneo espanhol, surge o perspectivismo orteguiano. Esta postura político-filosófica possibilita pensar a realidade, a partir do circunstancialismo, e transformá-la para o melhoramento das estâncias públicas e privadas da sociedade. Estas reflexões vão influenciar o pensamento nacional em diversos países e de forma especial no Brasil,¹⁴⁰ onde vários foram os teóricos que trilharam na perspectiva orteguiana no que diz respeito ao nacionalismo e ao circunstancialismo. Mas é possível também perceber a influência não só no público especializado da filosofia e da política, como nos leitores que tomaram o pensamento de Ortega y Gasset como fundamental para perceber o homem fora das estruturas sociais e econômicas.

Dessa maneira, justifica-se a necessidade de empreender uma leitura diferenciada deste pensador para que compreendamos a sua importância no universo acadêmico. Não se trata de acusá-lo ou defendê-lo, mas percorrer o expediente proposto por ele para perceber sua epistemologia no cenário político e filosófico. Como afirmou o próprio autor em *Meditações de Quixote*: “as árvores não deixam ver o bosque. (...) graças a isto é que o bosque existe”¹⁴¹.

Tratando-se de um pensador contemporâneo, ainda há muito a descobrir, embora a discussão basilar nos faculta compreender que é possível perceber outras leituras que se encontram na contramão dos que se consideram importantes e essenciais. A postura crítica em relação ao realismo e ao idealismo nos possibilita trilhar outros caminhos que

¹⁴⁰ Havia em São Paulo o Instituto de filosofia, fundado em 1949, cujos membros receberam certa influência do pensamento de Ortega y Gasset. Dentre eles destacam-se Vicente Ferreira da Silva, Hélio Jaguaribe e Miguel Reale. Estes pensadores chegaram a destacar, na Revista Brasileira de Filosofia fundada em 1950. Hélio Jaguaribe traduziu a obra *História como Sistema* e na apresentação da tradução ele relata a experiência de ouvir a palestra proferida por Ortega y Gasset. Também é visível a influência do pensamento orteguiano no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que iniciou suas atividades em 1954 com tendências ao nacionalismo e ao raciovitalismo. Destaca-se Álvaro Vieira Pinto com a obra *Consciência e realidade nacional*. Nesta obra o autor estabelece uma relação entre a circunstância singular da realidade brasileira contextualizada com a realidade dos países subdesenvolvidos.

¹⁴¹ ORTEGA Y GASSET, *Meditações de Quixote*, 1967, 69.

a tradição eurocêntrica não permite, já que o conhecimento é mais do que uma porta, é um caminho para os que querem continuar caminhando, que não se estende ou restringe a partir de uma realidade geográfica, mas por meio do homem que pode tornar a sua circunstância nobre ou decadente, dependendo de seu tônus vital na elaboração do conhecimento como algo necessário e intrínseco à vida radical. Este era sem dúvida o desejo orteguiano – forjar no coração dos espanhóis uma Espanha que pudesse ser grande e gloriosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Antonio Charles Santiago. Os conceitos de minorias e massas na filosofia política de Ortega y Gasset. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 3, n, p. 165-180, fev. 2007.

ADORNO/HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

ATÓN, L. G, **España y Las Españas**. Madri, Alianza Editorial, 1997.

CARVALHO, José Maurício de. **Lições de Ortega sobre a vida humana. Ética e Filosofia Política**. Juiz de Fora: UFJF, 1996. v. 1.

_____. **Contribuição Contemporânea à História da Filosofia Brasileira**. Londrina: EDUEL, 2001.

_____. **Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset**. Londrina: Cefil, 2002.

CEREZO GALÁN, Pedro. Ortega y La Geración de 1914: Un Proyecto de ilustración. **Revista de Occidente**, mayo, 1994, n. 156, Madrid. Edita: Fundación Ortega y Gasset.

GONZÁLEZ, Leopoldo Jesus Fernández. **A gratuidade na ética de Ortega y Gasset**. São Paulo: Annablume, 2001.

IANNI, Octavio. A sociologia e o mundo moderno. **Tempo Social**, São Paulo, v. 1, n. 1, pp. 7-27, 1º sem. 1989.

LE BOM, G., **A Psychologia das Multidões**, Bibliotheca D'Educação Nacional, Lisboa 1980

LAVEDÁN, Maria Isabel Ferreiro. La docilidad de las masas en la teoria social de Ortega y Gasset. **Revista de Estudios Orteguianos**. v.2 Madrid: Fundación José Ortega y Gasset, 2001.

KANT, Immanuel. **A Paz Perpétua e Outros Opúsculos**. Lisboa: Edições 70, s/d.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **Ortega y Gasset e a aventura da razão**. São Paulo: Moderna, 1994.

_____. **Discurso sobre a violência**. São Paulo: Soma, 1985.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MARIAS, Julian. **História da Filosofia**. Tradução Alexandre Pinheiro Tavares. 2. ed. Porto: Sousa e Almeida, 1959.

_____. **Acerca de Ortega**, Espasa Calpe, Madrid, 1991,

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista** [orig. al. 1848]. Trad. M. V. Mazzari. Estudos Avançados, São Paulo, v. 12, n. 34, pp. 7-46, set./dez. 1996.

MARTINEZ, Paulo. **A Teoria das elites**. São Paulo: Scipione, 1997.

MICHELIS, Robert. **Sociologia dos partidos políticos**. Brasília, UnB, 1982.

MOSCA, Gaetano. **A Classe Dirigente**. In: SOUZA, Amaury de (org). **Sociologia Política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**. São Paulo: Companhia das letras, 2007. Tradução de Paulo César de Souza.

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas**. Tradução Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **España Invertebrada**. Madrid: Revista de Occidente en Alianza Editorial, 2000.

_____. **Meditações de Quixote**. Editora Livro Ibero Americano Ltda. São Paulo, 1967.

_____. **La pedagogia social como programa político. Discursos Políticos**. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

_____. **Vieja y nueva política. Discursos Políticos**. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

_____. **El hombre y la gente. In. Obras Completas**. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo VII.

_____. **¿Qué es Filosofia? In. Obras Completas**. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo VII.

_____. **Mirabeau, el político. In. Obras Completas**. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo III.

_____. **Una interpretación de la história universal. In. Obras Completas**. – 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo IX.

_____. **La reforma liberal. In. Obras Completas**. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **Reforma del carácter, no reforma de costumbres. In. Obras Completas**. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **De re política. In. Obras Completas**. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **La cuestión moral. In. Obras Completas**. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **El recato socialista.** *In. Obras Completas.* 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **Meditación de Europa.** *In. Obras Completas.* 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo IX.

_____. **Ideas políticas.** *In. Obras Completas.* 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **Hacia una mejor política I, II e III.** *In. Obras Completas.* 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **Ideas políticas.** *In. Obras Completas.* 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **Ideas de estas elecciones.** *In. Obras Completas.* 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **Gobierno de reconstrucción nacional.** *In. Obras Completas.* 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **Rectificación de la república.** *In. Obras Completas.* 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **La nación frente al Estado.** *In. Obras Completas.* 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **En el debate político.** *In. Obras Completas.* 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **Imperialismo y democracia.** *In. Obras Completas.* 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

_____. **Sobre el Fascismo.** *In. Obras Completas.* 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1993. Tomo X.

PARETO, Vilfredo. **As Elites e o Uso da Força na Sociedade.** *In: SOUZA, Amaury de (org). Sociologia Política.* Rio de Janeiro: Zahar, 1996